O CENTENARIO

DE

LUIZ DE CAMÕES

EM

PORTO ALEGRE

CAPITAL DA PROVINCIA DE S. PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL

BRAZIL

ANNO MDCCCLXXX

PORTO ALEGRE
TYPOGRAPHIA DA DEUTSCHE ZEITUNG
2 RUA DO GENERAL CAMARA 2
1882

O

CENTENARIO

DE

LUIZ DE CAMÕES

O CENTENARIO

DE

LUIZ DE CAMÕES

EM

PORTO ALEGRE

CAPITAL DA PROVINCIA DE S. PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL

BRAZIL

ANNO MDCCCLXXX

PORTO ALEGRE
TYPOGRAPHIA DA DEUTSCHE ZEITUNG
1882

PROLOGO

I

O genio, em sua passagem pela terra, é quasi sempre perseguido ou desprezado pela geração em que se manifesta: o sôpro das paixões emmurchece os louros que o coroam; a inveja transforma-lhe o manto real em ensanguentada tunica.

Que estrella aziaga illumina os passos dos inspirados idealistas?

Qual a razão de seus continuos e profundos soffrimentos?

E' que infelizmente as individualidades superiores, cujo espirito divaga sempre em dilatadas espheras, têem forçosa necessidade de isolar-se no meio de seus contemporaneos, quando não vêem em torno de si quem lhes possa comprehender o elevado alcance de vistas, o apurado requinte de sentimentos, a nobre grandeza de suas lucubrações.

Tornam-se por consequencia alvo dos remoques da mediocridade incompetente e inepta para aprecial-as; constituem-se, mau grado seu, joguetes á mercê dos caprichos da fortuna, e cobertas de vilipendios, sob o peso de uma existencia ingrata, as sublimes creaturas, calmas como o sentimento do dever, sóbem ao Gólgotha das mais amargas provações e ahi morrem, crucificadas, martyres de seu devotamento á causa da humanidade.

Só os pósteros, mais cultos com a continua marcha do progresso, conseguem resgatar do olvido o nome dos seres privilegiados que succumbem em completo abandono, e sobre suas desconhecidas campas erigem, em marmore ou em bronze, eloquentes testemunhos de sua admiração e respeito.

Os centenarios são grandiosas manifestações de apreço ao merito real; cada geração, ao passar, paga-lhe o seu tributo da maneira mais condigna de suas adiantadas luzes.

O presente seculo, tão fertil em arrojados commettimentos, tão rico de maravilhas que assombram, destaca-se ainda das eras precedentes, não só pelas sympathias de toda ordem com que em vida cérca as summidades litterarias, como pela sincera veneração que consagra aos mortos illustres.

O talento é acatado como um titulo de nobreza; a instrucção dissemina-se por todas as camadas sociaes, desde o palacio á choupana, á semelhança da luz que assim como illumina a superficie do globo, brilha na lanterna dos que trabalham nas galerias subterraneas.

Todas as nações em que preponderam as lettras, festejam os centenarios como datas memoraveis na historia da humanidade.

Em 1859 a Allemanha, cuja litteratura tão saliente se tem tornado pelo avultado numero de philosophos, celebrou com extraordinaria pompa o primeiro centenario de Schiller, o poeta tragico, considerado reformador do theatro allemão.

A Inglaterra, a seu turno, em 1864, no tri-centenario de Shakespeare, esqueceu por um momento suas altas transacções commerciaes e prestou devida homenagem á memoria illustre do auctor do *Macbeth* e *Othello*.

A nacionalidade italiana não permaneceu indifferente a tão estrepitosas festas e em 1865 congregou seus litteratos e pagou tambem reverente tributo ao genio, commemorando com enthusiasmo nacional o sexto centenario do divino Dante.

A França, justamente ciosa de suas glorias, não quiz deixar passar desapercebido o primeiro centenario da morte do maior critico que teve o seculo passado e que cingio a triplice corôa de philosopho, poeta e historiador, Voltaire, cujas idéas ousadamente francas operaram a revolução que transmudou a face politica da Europa; e em 1878, diante do Pantheon que guarda tão preciosos restos, depositou sobre o tumulo do grande homem os mais expressivos testemunhos da admiração universal.

Ha nada mais solemne do que o congraçamento de milhões de individuos, de diversas nacionalidades e re-

ligiões differentes, unidos na mesma idéa de tributar homenagem a um homem, cujo nome os deslumbra com o fulgôr de seu genio?

Camões mereceu tambem ser objecto de preito universal no tri-centenario de sua morte, em 10 de Junho de 1880.

Apreciando ligeiramente sua biographia, vejamos quaes as circumstancias que determinaram o apparecimento de tamanho vulto.

II

Elle não teve, como Petrarcha, em um dia triumphal, a suprema honra de subir ao Capitolio, para cingir na fronte a corôa de louros destinada á consagração de seu genio; conhecedor de todas as sciencias em vóga no seu tempo, não lhe coube a morte gloriosa de Voltaire, ao som das homenagens publicas, ruidosas, enthusiasticas, que prostraram para sempre o auctor da *Zaïre* aos oitenta annos de idade.

Pertencia ao numero dos engenhos infortunados que succumbem ou loucos como Tasso, Chátterton e Gilbert, ou entregues a todos os horrores da miseria como Homero, Milton e Dante.

Mas tudo soffreu com valoroso animo, sem manchar os louros de seu talento na baixa subserviencia, na servil adulação á fidalguia orgulhosa de seus brazões.

Poeta de rija tempera, Camões não tinha a predisposição sybarita de um provençal, nem o enervamento

apaixonado que, subjugando os sentidos, actúa sobre as faculdades, tolhendo-lhes o desenvolvimento.

Auctor de voltas, eclogas, autos e canções pastoris, soube, em occasião propria, desprender-se da musa bucolica, abandonar a *agreste avena ou frauta ruda*, para transcender arrebatado nas azas da fama, emboccando aos quatro ventos *a tuba canora e bellicosa, que o peito accende e a côr ao gesto muda.*

O valente soldado de Ceuta, mutilado em combate contra os marroquinos, era um esforçado guerreiro, um athleta digno de disputar a victoria nos certamens dos jogos olympicos.

Sua obra prima retrata-o physica e moralmente: crêmos vêr palpitar n'aquella forte individualidade toda a alma de uma grande nação.

Quando Portugal, no apogêo de suas conquistas de navegação, em pleno fulgôr de suas glorias maritimas, havia feito tremular o pavilhão das quinas nas inhóspitas paragens d'Africa, nas uberrimas regiões d'Asia e America, bem como em uma parte da Oceania; quando por sua coragem ampliára descommunalmente as raias de seu poder, avultando no mappa das nações como uma poderosa potencia; n'essa epoca notavel da maior grandeza luzitana, é que elle appareceu como uma vigorosa personificação do espirito que então animava a patria dos Castros e Albuquerques.

Os acontecimentos de ordem elevada não passam desapercebidos na superficie da terra: ou perpetuam-se na tradição popular, transmittidos de bocca em bocca

ás gerações subsequentes, ou eternisam-se no marmore dos esculptores, nas telas dos grandes mestres, nos poemas immortaes, que resistem ás vicissitudes do tempo.

Em presença de assombrosas façanhas, Camões comprehendeu que o maior serviço que poderia prestar á sua patria, era elleval-a immorredouramente perante o mundo e perante a posteridade, decantando seus feitos em sublimado metro.

A passagem ás Indias pelo cabo da Boa Esperança, realisada por Vasco da Gama, servio-lhe de assumpto principal para a confecção da magestosa epopéa.

O poema os *Luziadas*, em suas admiraveis paginas, não se limita a narrar com arte e imaginação os episodios da grande viagem de um a outro oceano: remonta-se á descripção summaria, mas patriotica, de todos os acontecimentos memoraveis que dão realce á historia luzitana.

Vasco da Gama, tão preconisado pelo eminente poeta, symbolisa, não simplesmente a coragem de um ousado e forte marinheiro; mas a indole férvida e emprehendedora que distinguia os portuguezes do seculo XVI; Camões não procurou celebrisar sómente o nome de um grande almirante; mas levantar sobre indestructivel pedestal a grandeza de energia e vitalidade manifestada com tanto esplendor por uma nação circumscripta em tão estreitos limites geographicos.

Nem a Hespanha, nem a França, nem a Italia, tinham apresentado ainda obra litteraria de assumpto exclusivamente épico: Camões foi portanto o primeiro

homem que em lingua neo-latina tomou sobre si empreza de tanta magnitude.

A litteratura n'aquelle seculo seguia de perto os modelos romanos e gregos, imitando as composições antigas que gosavam de mais nomeada.

Ronsard na França, Sannazzaro na Italia, Garcilasso na Hespanha e Sá de Miranda em Portugal, colhiam inspirações nos livros latinos, adaptando suas ideias aos velhos moldes convencionaes, já corroidos pelo tempo.

D'entre a multidão dos imitadores destacaram-se talentos transcendentes que por sua originalidade conseguiram imprimir nova feição á litteratura, tornando-a livre e independente de formulas antiquarias.

Arvoraram bandeiras de revolta Rabelais na França, Shakespeare na Inglaterra, Tasso na Italia, Miguel Cervantes na Hespanha e Camões em Portugal.

Surgiram assim, em um dos cyclos mais luminosos por que tem passado o espirito humano em sua progressiva marcha, constituindo-se alma da Renascença, talentos verdadeiramente encyclopedicos, que prepararam com suas producções geniaes a educação intellectual dos seculos seguintes.

Na terra do exilio, atormentado de contrariedades materiaes que lhe amarguravam a existencia, no isolamento da gruta de Macáo, ouvindo o bramir tempestuoso das ondas a despedaçar-se d'encontro á costa, é que elle quiz dedicar á patria, que o repellia, um imperecivel monumento, que lhe désse celebridade e gloria.

Ahi foram produzidos os *Luziadas*.

III

Nas vastas dimensões de uma epopéa revelou toda a pujança de seu peregrino engenho. A veridica descripção de tempestades e a pintura que nos apresenta do gigante Adamastor, denunciam que tão assombrosos quadros foram feitos com a magestade olympica do pincel de Miguel Angelo.

E' que elle havia tambem dobrado o cabo das Tormentas, e experimentado, sob a inclemencia dos ventos e das vagas, a sensação que se apodera do homem em presença da immensidade profunda, apparentemente infinita. Seu espirito de guerreiro possuio-se dos soberbos pensamentos que a vista do oceano desperta em todas as almas impressionaveis; concentrou todos os sons da imponente orchestra que o mar entoa quando a procella o revolve, e desferio na lyra divinamente inspirada cantos que lembram a esplendida magnificencia da *Iliada* de Homero.

De volta ao paiz natal, offerecendo seu poema ao joven Rei D. Sebastião, o abandonado da fortuna o fez com esta sobranceria, propria de um caracter nobremente altivo:

> Vereis amór da patria não movido
> De premio vil; mas alto e quasi eterno:
> . . . .
> Ouvi: que não vereis com vãs façanhas
> Phantasticas, fingidas, mentirosas,
> Louvar os vossos, como nas estranhas
> Musas, de engrandecer-se desejosas;

As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas,
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro
E Orlando, inda que fôra verdadeiro.

Não esperava recompensa alguma que lhe minorasse os rigores da sorte; prevendo que obteria como galardão o menosprezo de seus compatriotas, exclamou, em uma das oitavas finaes do poema:

Não mais, Musa, não mais: que a lyra tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor, com que mais se accende o engenho,
Não no dá a patria, não; que está mettida
No gosto da cobiça e na rudeza
D'uma austera, apagada e vil tristeza.

E não teve infelizmente, em retribuição ao seu immenso serviço, *o favor com que mais se accende o engenho.*

A pensão que lhe foi concedida, equivalente a pouco mais de quarenta réis diarios, não impedio que o poeta, por intermedio do escravo Antonio, mendigasse á noite nas ruas de Lisbôa e fosse em fim pedir descanço e agasalho ao leito de um hospital.

Eis como o notavel litterato francez Mr. Simonde de Sismondi, em sua obra *De la littérature du midi de l'Europe*, exprime-se ácerca do infortunio que acompanhou os ultimos dias do auctor dos *Luziadas:*

„Camões viveu ignorado e morreu miseravel, apezar de ter dado, desde seus primeiros annos e antes mesmo de sua viagem ás Indias, provas de prodigioso talento para a poesia.

Seu poema, de que se fizeram duas edições em 1572, não attrahio sobre o poeta a attenção de seus compatriotas, nem a munificencia do principe; e durante os oito annos que viveu ainda, manteve-se por meio de esmolas que muitos davam, não ao poeta immortal, ao homem que tinha illustrado sua patria; mas ao escravo desconhecido que em beneficio d'elle vagava pelas ruas, sem ousar pronunciar-lhe o nome . . . “

Samuel Smiles, em uma de suas importantes obras, querendo provar a pouca consideração em que era tido o principe dos poetas portuguezes, cita o seguinte facto, que se acha igualmente reproduzido no *Grand Dictionnaire Universel* de Pierre Larousse:

„Um cavalleiro chamado Ruy da Camara, indo á casa de Camões para que lhe traduzisse em versos os sete psalmos penitenciarios, o poeta, erguendo a cabeça do miseravel enxergão em que estava deitado, exclamou, apontando para o seu fiel escravo: „Quando fui poeta, era moço, feliz e amado pelas damas; mas agora sou apenas um desgraçado! Olhe, alli está meu pobre Antonio a pedir-me alguns reaes para comprar carvão, e não tenho para lh'os dar." O cavalleiro fechou o coração e a bolsa, e sahio! Assim eram os grandes de Portugal!"

IV

O amôr da familia, o amôr da patria, o amôr da gloria, os maiores sentimentos que pódem encher o coração de um homem, não lhe adoçaram as amarguras do viver continuamente afanoso.

A paixão vehemente e profunda, que nutrio por uma mulher, por isso mesmo que foi correspondida em toda sua plenitude, levou-o ao desterro em Santarém.

Catharina de Athayde não pôde, nem devia ultrapassar conveniencias de familia para abertamente lançar-se nos braços d'aquelle que lhe offerecia, em troca de seus sorrisos, alguma cousa de precioso e raro — a immortalidade de um nome.

O enthusiasmo ardente que alimentava pela patria, tendo *para servil-a braço ás armas feito e para cantal-a mente ás musas dada*; o ardor nobremente levantado que manifestou em todo o seu poema pela gloria luzi-

tana. foi bem depressa transformado na mais justa tristeza, vendo rôto e abatido em Alcacer-Kebir o glorioso pavilhão em cujas dobras preferio amortalhar-se, a entregar-se como escravo a estrangeiro dominio.

O desejo de popularidade, peculiar a todo homem de lettras, que sente necessidade de ver secundados os esforços intellectuaes pela acceitação publica, aferidora de seu merito; essa justificavel aspiração foi desde logo suffocada pelo deploravel abandono em que vio-se, sem estimulo por parte de seus contemporaneos e sem sufficiente protecção da magestade real.

Camões viveu em uma epoca de perfeito obscurantismo; a ignorancia como uma grande nuvem sombria toldava os horisontes de Portugal; d'entre seus compatriotas nenhum se destacou capaz de apreciar toda a extensão de seus conhecimentos.

Pelo seu talento especial, constituio-se a mais evidente personificação de seu seculo.

Na phrase colorida e elegante de Alvares de Azevedo, „Camões em tudo e sempre foi um reflexo de glorias, foi um cavalleiro a quem as fadas segredaram uma corôa para desfolhar aos pés da patria, foi uma alma épica que em seu presentir de poeta vira em seu livro uma d'essas glorias cosmopolitas com que todos os povos, todas as gerações se lauream."

D'entre todas as cousas ephemeras de nossa precaria existencia, só a gloria de um poeta notavel como foi Camões, permanece immortal.

A fama dos heróes que se tornaram celebres pelas armas, passa, é verdade, para os dominios da historia; mas não desperta enthusiasmos em corações progressistas, porque a intervenção da força bruta no conflicto das nações tende a desapparecer completamente, como consequencia da evolução do espirito humano.

Os generaes transmittem ás gerações posteriores unicamente seus exemplos de heroicidade, que semelham sumptuosos trophéos manchados de sangue; ao passo que os philosophos, os sabios, os poetas, legam á humanidade, não sómente a grandeza de seus exemplos, a rara abnegação revelada em mil infortunios; mas aproveitaveis systemas de idéas, sciencias novas que ampliam consideravelmente a órbita do saber humano e poemas, como os *Luziadas*, cujas magestosas e patrioticas harmonias imprimem-se no coração de todos os povos.

São raros os poetas que se tornam populares em todas as linguas; Camões conseguio obter tamanha gloria pelo desenvolvimento e bellissimo realce que soube dar á lingua portugueza, pela originalidade da concepção, harmonia do metro e vivissimo colorido das imagens.

E' commovente folhear-se a importante obra do Visconde de Juromenha sobre Luiz de Camões e vêr-se o avultado numero de notabilidades litterarias que ou traduziram ou commentaram os *Luziadas*, ou consagraram ao bardo portuguez as mais enthusiasticas apologias.

Como é artisticamente bello o soneto de Torquato Tasso, que começa:

Vasco, le cui felici ardite antenne
In contro al sol, che ne riporta il giorno,
. . . .

Não podemos furtar-nos ao desejo de trasladar para aqui a excellente traducção produzida pelo poeta portuguez José Ramos Coelho:

Gama audaz e feliz, que o mar sulcaste
Por vêr o berço d'onde o sol nascia,
E affrontando outra vez a equorea via
A' terra onde elle morre emfim tornaste:

Mais das ondas a furia exp'rimentaste
Do que Ulysses, entregue á sorte impia,
Mais que Enéas assumpto á poesia
Na tua grande empreza tu legaste.

Mas ora de Camões a musa sôa
Tanto em seu alto brado glorioso,
Que inda mais longe que teus lenhos vôa,

E ás nações o teu nome já famoso
Leva cingido de perpetua c'rôa
No seu canto sublime e sonoroso.

V

Era impossivel que Portugal deixasse de solemnisar com brilhantismo o centenario do cantor de suas passadas glorias. Contando em seu seio talentos de primeira plana, taes como o Visconde de Juromenha, o erudito panegyrista de Camões: Mendes Leal, o valente propugnador do theatro portuguez; o Visconde de Benalcanfor, o elegante auctor do interessante livro *De Lisboa ao Cairo;* Camillo Castello Branco, o mais fecundo dos litteratos portuguezes: Theophilo Braga, o eminente philosopho positivista, poeta e consciencioso historiador; Pinheiro Chagas, uma das mais bellas aptidões litterarias que sinceramente

admiramos: Thomaz Ribeiro, o popular poeta do *D. Jayme;* Ramalho Ortigão, o critico que melhor tem comprehendido e desempenhado a difficil missão de doutrinar por meio da analyse escrupulosa dos factos; Adolpho Coelho, o respeitado philologo; Guerra Junqueiro, o poeta de superior inspiração e um dos mais ousados batalhadores da geração actual; Latino Coelho, o abalisado publicista, vantajosamente conhecido por seus importantes estudos historicos e biographicos; Julio Cesar Machado, o gracioso e popular folhetinista; Oliveira Martins, o espirito educado nas modernas idéas scientificas, auctor de apreciaveis estudos sobre historia patria e anthropologia; Luciano Cordeiro, o illustrado critico, auctor dos *Estros e Palcos;* Souza Viterbo, o medico, poeta e distincto escriptor politico; Palmeirim, que se mais se dedicasse á poesia popular, tornar-se-hia o Béranger portuguez; Magalhães Lima, o intelligente e esforçado jornalista; Antonio Ennes, o festejado dramaturgo, auctor do *Paralytico, Lazaristas* e *Engeitados;* Antonio Rodrigues Sampaio, o illustrado decâno dos jornalistas portuguezes; João de Deus, o adiantado educador da infancia; D. Antonio da Costa, o profundo historiador dos *Tres Mundos;* Guilherme de Azevedo, o inspirado poeta realista, auctor da *Alma Nova;* Bulhão Pato, o auctor da graciosa *Paquita* e do curioso livro de esboços biographicos intitulado *Sob os Cyprestes;* Gomes Leal, o poeta das *Claridades do Sul* e da *Traição;* Anthero do Quental, o profundo realista das *Odes Modernas;* Eça de Queiroz, o talentoso intro-

ductor do estylo Zola em Portugal, como testemunham seus romances realistas *Crime do Padre Amaro* e *Primo Bazilio*: Antonio de Serpa, Jayme Seguier, Alexandre da Conceição, Dr. Bocage, Serpa Pinto, Jayme Batalha Reis, Macedo Papança, Ernesto Cabrita, Barão de Roussado, Pedro Ivo, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, Amelia Janny, Guiomar Torrezão, e tantas outras intelligencias merecidamente respeitadas; Portugal, assim enriquecido de tantas illustrações, assumio, como lhe competia, elevadissima attitude na magnificente festa que realisou em 10 de Junho de 1880.

E' para nós extremamente grato consignar que o Brazil collocou-se na mesma altura, auxiliado pelo nobre e vehemente patriotismo dos portuguezes n'elle residentes, especialmente d'aquelles que compõem o *Gabinete Portuguez de Leitura*, instituido no Rio de Janeiro.

VI

Eis finda a tarefa que nos impuzemos, como uma sincera homenagem ao primeiro épico da Europa meridional.

Apezar da incompetencia de nossas palavras, foi com o mais justo desvanecimento que accedemos ao delicado convite de prefaciar este livro — honrosa expressão do progresso intellectual de minha provincia, que attestará aos seculos vindouros quaes os sentimentos da geração actual para com a memoria do illustre poeta

portuguez que mais soube elevar o nome da patria de nossos avós.

A capital do Rio Grande do Sul, tomando parte na festa grandiosa e imponente que em 10 de Junho de 1880 celebrava-se em Lisbôa, Rio de Janeiro e em muitas outras cidades d'aquém e d'além Atlantico, quiz patentear de um modo digno de si que n'este angulo do Imperio costuma repercutir com sonoridade o echo de todas as idéas generosas e sympathicas que formam apanagio da moderna civilisação.

Se conseguio tão nobre fim, dizem-n'o eloquentemente as paginas que se vão lêr, productos de muitos talentos esforçados, que patrioticamente contribuiram para que o festival em honra de Camões, pela fórma como foi realisado, se tornasse digno de perpetuar-se nos indeleveis caracteres da imprensa.

Honra a todos aquelles que em nossa terra natal souberam acatar com veneração a memoria de Luiz de Camões: seus nomes acham-se registrados n'este livro como os representantes da geração contemporanea, composta de todas as nacionalidades, que conseguiram commemorar dignamente o esplendido triumpho das lettras sobre a instabilidade de todas as outras glorias mundanas.

Porto Alegre, 5 de Janeiro de 1882.

Damasceno Vieira.

O CENTENARIO DE CAMÕES

Reunindo em um só corpo os documentos avulsos da breve historia do centenario de Camões em Porto Alegre, resgatamos ao oblivio ou á ephemera duração da imprensa diaria, muita pagina brilhante, bafejada pela inspiração e pelo estudo, consagrada á commemoração do secular evento.

D'est'arte depomos, junto do monumento quasi ecumenico, erigido por esta occasião á memoria do poeta que mais alto celebrou as glorias e o amor da patria — como testimunho de um culto ardente — as oblações enthusiasticas que encerra o presente livro e que foram votadas n'esta capital á glorificação do homem e do poema que o eternisou.

Damos principio á recopilação, transcrevendo um artigo da *Gazeta de Porto Alegre*, entre nós sempre a primeira em todas as iniciativas progressistas e civili-

sadoras, devido á penna provecta e amestrada, familiar com todos os assumptos, de seu redactor o Ill^mo. Sr. Carlos von Koseritz, e que, havendo sido como que o ponto de partida dos factos que aqui se condensam, cabia-lhe figurar á frente d'elles.

Começando d'ahi em diante o natural desdobramento dos mesmos factos, finda aqui o objecto d'estas linhas, pois que estão dadas as indispensaveis explicações.

O Centenario de Camões

«A 10 de junho do corrente anno completam-se 300 annos que expirou, segundo uns em sua pobre casa da rua de Sant'Anna em Lisboa, segundo outros no hospital publico d'aquella cidade, o principe dos poetas da lingua portugueza, Luiz de Camões.

«Não só Portugal, mas todo o mundo civilisado vai celebrar este anniversario.

«A Allemanha, a França, a Inglaterra e a Hespanha vão commemorar dignamente a morte do auctor dos *Luziadas* e têem razão para isso, porque Camões é um d'aquelles genios cuja patria é o mundo, como Shakespeare, Goethe e Molière.

«Os *Luziadas*, traduzidos hoje em mais de vinte idiomas, havendo até uma traducção hebraica, deram corpo e alma á litteratura portugueza, nulla até então, e lhe assignalaram lugar proeminente no progresso litterario universal, imprimindo-lhe até hoje a feição de classidade, que a distingue quando manejada por verdadeiros poetas.

«Camões é a primeira gloria de Portugal, como tambem é a primeira gloria litteraria do seculo XVI

em todo o universo, porque os *Luziadas* assignalam o começo da renascença litteraria da epocha.

«Este grandioso movimento, que devia transformar a base do mundo intellectual, foi iniciado por Camões, e é esta circumstancia que dá tamanha importancia á sua classica obra.

«E' por isso que vêmos em muitos paizes da Europa prepararem-se solemnidades para commemoração do terceiro centenario do dia em que expirou o maior genio portuguez de todas as epochas.

«No Rio de Janeiro tambem preparam-se alguns actos publicos de commemoração, sob a iniciativa de associações portuguezas: não nos consta, porém, que por parte do elemento nacional haja alguma iniciativa.

E no emtanto devia havel-a, porque as glorias da mãe são as do filho e Camões pertence tão bem ao Brazil, como a Portugal.

«Parece realmente que o máo destino que em vida pesou sobre Camões, continúa ainda 300 annos depois de sua morte.

O centenario do Cysne d'Avon (Shakespeare) abalou os Estados Unidos, que, filhos da Inglaterra, consideraram tão sua aquella gloria, como o era da velha Albion.

Pobre Camões! Ha 300 annos que elle dizia ao insolente fidalgo Ruy da Camara:

„Senhor, quando eu fiz esse poema e esses versos, era moço e favorecido das damas, e tinha o necessario á vida; e agora não tenho espirito nem contentamento para nada, porque tudo isso me falta e em tal miseria me vejo, que ahi está o meu Antonio a pedir-me dinheiro para carvão e não tenho para lh'o dar."

«Resôa ainda hoje, como um remorso eterno para a humanidade, a triste linguagem da celebre canção XI:

Que segredo tão arduo e tão profundo!
Nascer para viver, e para a vida
faltar-me quanto o mundo tem para ella!
E não poder perdel-a,
estando tantas vezes já perdida.
. . . .
As aguas qu'então bebo, e o pão que como,
lagrimas tristes são, que eu nunca domo,
senão com fabricar na phantasia
phantasticas pinturas d'alegria!

«Sim. aquelle immortal genio a quem Gonsalo Coitinho pôz o triste epitaphio:

Aqui jaz Luiz de Camões
principe
dos poetas de seu tempo:
viveu pobre e miseravelmente:
e assim morreu.

aquelle immortal genio, dizemos, soffreu immensamente durante a vida, e ainda depois de sua morte a indifferença de descendentes luzos lhe fére a memoria!

«Quando a Allemanha, a Inglaterra, a França e a Hespanha se preparam para commemorar o centenario de Camões, conserva-se o Brazil quasi inteiramente indifferente.

«Parece impossivel e no emtanto é real.

«O centenario de Camões não occupa a nossa imprensa, entretida em *importantes* discussões politicas, ninguem cura d'aquelle anniversario e por muito favor se transcreve uma ou outra noticia que folhas portuguezas dão sobre o assumpto.

«Não é esta a attitude que compete ao maior paiz em que predomina o idioma portuguez.

«Camões é tambem uma gloria nossa e todos quantos fallamos e escrevemos portuguez, devemos celebral-o.

«Não sigamos o exemplo de indifferença que nos dá a côrte; demonstremos aqui, mais uma vez, que a provincia do Rio Grande é uma das primeiras no movimento progressista do pensamento brazileiro.

«Temos uma activa, numerosa e illustrada imprensa; temos sociedades litterarias, tanto aqui, quanto nas outras cidades da provincia; temos aqui uma academia frequentada por centos de cultores de lettras portuguezas. — não nos faltam, pois, os elementos para solemnisarmos o centenario de Camões.

«Dirigimos um solemne appello á imprensa da provincia, ás sociedades litterarias, á mocidade estudiosa, para que, fundindo-se os esforços, consigamos solemnisar de maneira digna o centenario do rei da litteratura luza.

«Não lhe podemos erigir estatuas, mas podem celebrar-se sessões publicas das sociedades litterarias e a imprensa póde n'aquelle dia dar edições especiaes de suas folhas, dedicadas á memoria do grande luzitano.

«O que é necessario, é que a provincia do Rio Grande, viril e progressista como é por indole, não deixe passar sem commemoração o centenario do cantor dos *Luziadas*.

«A *Gazeta* lança apenas a idéa; da illustração e do patriotismo dos seus collegas da imprensa diaria, espera ella o desenvolvimento d'esta idéa e o necessario appoio para que ella se torne uma realidade.

«Esperaremos em vão?

«Que o digam os collegas, que o diga o *Parthenon*, que o diga a mocidade academica...

«Não; estamos certos que não será em vão.

«Nosso appello será ouvido e attendido».

Gazeta de Porto Alegre, de 26 de fevereiro de 1880.

Com a devida venia, rectificando o equivoco em que laborava o illustrado redactor, affirmamos que ao tempo em que se publicava o seu artigo, o Brazil não permanecia indifferente ao magno acontecimento; mas preparava-se para solemnisal-o com o maximo esplendor, cabendo a primazia ao *Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro*, ao qual se deve a impulsora iniciativa.

Diversas provincias, como Pará, Maranhão, Bahia, Pernambuco, Minas Geraes, S. Paulo e Paraná, identificadas na mesma idéa, reuniam do mesmo modo elementos para a glorificação do centenario camoneano.

Feito este levissimo reparo reclamado pela justiça, proseguimos.

O eloquente appêllo não foi effectivamente desattendido.

Apoz alguns dias, como que de preliminar preparação, a idéa irrompeu abraçada geralmente, e. a 8 de abril, constituia-se a commissão destinada a organisar a commemoração centenaria.

Composta de brazileiros e portuguezes, eis os nomes dos seus membros:

Dr. Fausto de Freitas e Castro, brazileiro, advogado.

Tenente-Coronel Joaquim Antonio Vasques, brazileiro, inspector da Thesouraria de Fazenda.

Jose Manoel de Leão, brazileiro, commerciante, deputado provincial, presidente da praça do commercio e membro do tribunal do commercio.

Carlos von Koseritz, brazileiro, jornalista.

Germano Hasslocher, brazileiro, commerciante.

Achylles Porto Alegre, brazileiro, 1º escripturario da Thesouraria de Fazenda.

Commendador Francisco Jose de Almeida, portuguez, commerciante.

Manoel Jose Gonsalves, junior, idem, idem.

Antonio Corrêa de Souza Peixoto, idem, idem.

Jose da Silva Mello Guimarães, idem, idem.

Joaquim Jose Teixeira d'Azevedo, junior, idem, guarda-livros.

Dado este primeiro passo, e subsequentemente reunida, a commissão resolveu:

a) Que a solemne festa commemorativa do centenario constasse de um sarau litterario e musical;

b) Que se convidasse o Exm.º Sr. conselheiro Gaspar Silveira Martins para fazer o elogio historico de Camões, pois que, se S. Exª. se dignasse acceitar o convite, nem mais elevado e nem mais solemne poderia ser o tributo rendido em Porto Alegre á memoria do poeta tão despremiado em vida como glorificado depois de morto; vistos os predicados que concorriam na pessoa do mesmo Exm.º Sr.;

c) Que a commemoração se realisasse no theatro São Pedro, por ser o edificio que mais vastas proporções offerecia para tal fim, entendendo-se a commissão com o respectivo arrendatario;

d) Que não sendo possivel, por deficiencia de tempo e de outros meios, dar á commemoração o caracter de festa popular que lhe estavão talvez impondo a communhão de lingua e a mesma herança historica dos dois povos co-irmãos, se lhe imprimisse entretanto a mais larga significação collectiva, nomeando e convidando para assistir á grande solemnidade, uma commissão representativa de todas as classes sociaes;

e) Finalmente, que para todas as reuniões da commissão fossem convidadas as redacções das folhas diarias d'esta capital, não só para a auxiliarem com suas luzes e indicações, como para irem orientando o publico das resoluções tomadas.

Assentes estes pontos, a commissão enviou tres de seus membros a fazer verbalmente ao Ex.mo Sr. conselheiro Silveira Martins o indicado convite e a entregar-lhe ao mesmo tempo e para mesmo fim o seguinte officio:

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Porto Alegre, a capital da heroica provincia que tanto se orgulha de ter por filho a V. Ex.a, não podia ser indifferente ao alvorôço com que outras suas co-irmãs se estão preparando para solemnisar o terceiro centenario de Camões.

Composta de cidadãos dos dous paizes onde se

falla a formosa lingua a que o grande épico deu maior lustre e novos realces, constituio-se a commissão que n'este momento se apresenta a solicitar de V. Exª tão assignalada mercê, que o conceder-lh'a, Exmº Sr., será desde logo assegurar a Porto Alegre não vulgar proeminencia n'este conjuncto de homenagens que vão ser prestadas á memoria do immortal cantor.

A commissão vem pois pedir á V. Exª se digne tomar o encargo de pronunciar no sarau litterario e artistico que se ha de realisar n'esta capital, em 10 do proximo mez de junho, o elogio historico do grande épico.

Tratando-se de tão magno assumpto, era claro que ao pensamento da commissão não podia acudir senão o nome de V. Exª, que para ella symbolisa a mais elevada expressão da eloquencia tribunicia, e como não ignora que, apezar dos aridos e variadissimos problemas de interesse publico a cujo estudo V. Exª tem dedicado o melhor de sua prodigiosa e esclarecida intelligencia, jámais se extinguio em V. Exª o amor ás lettras, está ella confiada em que, sendo acceito benignamente o seu pedido, ha de surgir tão cheio de esplendores no verbo inspirado de V. Exª o vulto de Camões, quão radiante de gloria surge nas estancias dos *Luziadas* o perfil de um povo inteiro.

Porto Alegre, 13 de abril de 1880.

Illmº e Exmº Sr. conselheiro Gaspar Silveira Martins.

Aos referidos membros da commissão respondeu S. Ex.ª verbalmente pouco mais ou menos o seguinte:

«Que acceitava o convite que de modo tão honroso lhe era feito, e que, estando a partir para o Rio de Janeiro a tomar assento na camara dos deputados, se os trabalhos do parlamento o não impedissem, viria de proposito á provincia fazer o elogio do poeta, pois que Camões não era sómente gloria de um povo, mas patrimonio commum da humanidade, porque os genios não tinham patria; e que tanto mais gostosamente acceitava o convite, quanto era certo que o poeta havia celebrado, como ninguem ainda o fizera, o amor da patria, sentimento a que elle consagrava os melhores dias de sua existencia, e queria, por isso, render-lhe o preito de sua mais levantada admiração.»

Occupando-se tambem desde logo com a organisação da parte musical do sarau, foi nomeada para esse fim uma commissão especial, a cada um de cujos membros foi dirigido o seguinte officio:

Ill.mo Sr.

A commissão promotora de um sarau litterario e musical para solemnisar o terceiro centenario de Camões, em 10 de junho proximo, querendo que essa festa adquira o maximo esplendor possivel, resolveu nomear uma grande commissão, composta da Ex.ma Sra. D. Theresa Questa Rondelli e dos cavalheiros abaixo designados, a qual, com a influencia e conhe-

cimentos especiaes de que dispõe cada um de seus illustres membros, ficará incumbida de organisar e dirigir a execução do programma musical d'aquella solemnidade. E como o tempo urge, os abaixo assignados pedem a V. Sª que não deixe de comparecer á reunião que amanhã, 25 do corrente, se realisará no Club Commercial, ao meio dia, a fim de se dar principio aos trabalhos incumbidos á digna commissão de que V. Sª faz parte.

Commissão musical:

Exma Sra. *D. Thereza Questa Rondelli.*
Illmo Sr. *Comdor J. J. de Mendanha.*
„ „ *Dr. Polycarpo C. de Barros.*
„ „ *G. A Luce.*
„ „ *Jose Stott.*
„ „ *Firmino de Azambuja Rangel.*
„ „ *Luiz Grünewald.*
„ „ *Luiz Roberti.*
„ „ *Antonio Corrêa de Souza Peixoto.*
„ „ *Jose da Silva Mello Guimarães.*
„ „ *Pedro Vianna.*

Porto Alegre, 24 de abril de 1880.

Dr. Fausto de Freitas e Castro.
Joaquim Antonio Vasques.
Germano Hasslocher.
Achylles Porto Alegre.
Jose Manoel de Leão.
Carlos von Koseritz.
Francisco Jose de Almeida.
Manoel Jose Gonsalves, junior.
Jose da Silva Mello Guimarães.
Antonio Corrêa de Souza Peixoto.
J. J. Teixeira d'Azevedo, junior.

Reunida esta commissão no dia seguinte, resolveu que o festival se composesse de uma parte orchestral e de outra choral, congregando-se o maior numero de vozes e de instrumentistas possivel; e mais:

Que não havendo tempo para obter musicas escriptas expressamente para a solemnidade, se escolhessem d'entre os compositores de maior merito, duas symphonias e dous chóros para ambos os sexos, tanto ou quanto adaptados umas e outros ao fim e aos recursos artisticos de que se poderia dispôr;

Que se encarregasse a Exma. Sra. D. Thereza Questa Rondelli de convidar e ensaiar as Exmas. Sras. que deviam compôr a parte feminina dos chóros, e que o Sr. Luiz Grünewald se incumbisse de egual missão quanto á parte masculina:

Que finalmente, a regencia conjuncta dos chóros ficasse a cargo do habil professor o Sr. Luiz Roberti, e a regencia das symphonias a cargo do distincto professor o Sr. Joseph Stott.

Estas tarefas foram cabalmente desempenhadas: um dever de justiça manda, porém, que se especialisem, por seu elevado sentimento artistico e indefesso trabalho, a Exma. Sra. D. Thereza Questa Rondelli e o Sr. Joseph Stott, que, d'este modo, se tornaram credores dos maiores encomios.

A esta divisão da festa prestaram importantissimo concurso a sociedade — *Philarmonica Porto Alegrense* — e muitos cavalheiros, distinctos amadores de musica:

como digno da mais assignalada menção é o facto de haver sido composta de muitas das mais distinctas Sras. d'esta capital a parte feminina dos chóros executados. Tão significativa prova de illustração e da elevada comprehensão do facto que se celebrava, attesta o adiantamento d'esta capital.

Mas não antecipemos.

Para o festival foram escolhidas, em virtude de uma das expressas resoluções e attendendo a certas e determinadas condições, as seguintes composições musicaes:

De Rossini — a grande symphonia de abertura de *Guilherme Tell;*

De Meyerbeer — a grande marcha da sagração, do *Propheta;*

De Verdi — dois chóros, um dos *Lombardos* e outro do *Nabuchodonosor*, a que se adaptaram os seguintes versos portuguezes, escriptos pelos Ill^{mos} Srs. Manoel Jose Gonsalves, junior, e Nicolau Vicente Pereira:

Salve, ó genio que o tempo avassallas,
e depois de tres sec'los volvidos,
vês dois povos saudando-te unidos
com seus cantos de immenso louvor!

Salve, ó filho dilecto das musas,
que do olvido o teu povo remiste
e n'um canto immortal resumiste
toda a historia do luso valor!

Gloria a ti que o teu sangue verteste
desde o Tejo ao inhóspito Ganges,
e, á frente das patrias phalanges,
conquistaste subidos brasões!

Hoje o mundo que admira teu canto,
e de louros te cobre a memoria,
só conhece dos lusos a historia
pelo nome immortal de Camões!

M. J. Gonsalves, junior.

Houve um moço gentil e valente.
que adorando uma dama formosa,
se lançou n'essa lucta afanosa,
da conquista da luz, do saber.

E voltando do campo das glorias,
com a fronte coberta de louros.
veio á dama e á patria, os thesouros
de seu genio, contente off'recer.

Mas a morte ferina roubou-lhe
os affectos da imagem querida.
e o mancebo soffria na vida,
sem contar o seu mal a ninguem.

Só um canto de angustia suprema
desprendeu-se da lyra do triste:
— Alma minha gentil que partiste,
roga a Deus que me leve tambem.

NICOLAU V. PEREIRA.

E por seu lado, não se conservando ociosa a commissão promotora, obtinha bisarramente o theatro S. Pedro de seu arrendatario o Ill.mo Sr. Ignacio de Vasconcellos Ferreira e tinha-o á sua disposição por quasi 15 dias, sendo-lhe por isso devido o maior reconhecimento e um merecido voto de louvor; mandava converter todo o recinto em um só salão, e tomava todas as mais medidas necessarias para que as decorações planejadas e a illuminação interna e externa do edificio se fossem convenientemente preparando.

Na impossibilidade de obter um busto do poeta, mandára egualmente pintar, pelo distincto artista Sr. Balduino Rœhrig, a oleo, um retrato do mesmo poeta, destinado á apothéose e a ser depois offerecido á *Bibliotheca Publica* d'esta capital.

Expedio em seguida ás redacções da *Gazeta de Porto Alegre*, *Reforma*, *Jornal do Commercio*, *Mercantil* e *Conservador* o convite que abaixo se lê e que as associava ás deliberações da commissão:

Ill.^{mos} Srs.

Os centenarios dos grandes homens são as festas das consagrações nacionaes.»

Estas palavras de um notavel escriptor contemporaneo echoaram tão sympathicamente na população porto-alegrense, que a commissão organisada para promover n'esta capital os festejos commemorativos do terceiro centenario de Camões, encontrou logo o mais franco e decidido apoio em todas as pessoas cujo concurso foi solicitado para tal solemnidade.

E como á imprensa periodica não póde nem deve ser indifferente esta homenagem que após tres seculos vai ser apresentada a um dos maiores genios da humanidade, genio que se pertence a Portugal pelo nascimento, não deixa de egualmente pertencer ao Brazil, pois que em ambos os paizes se falla a formosa lingua em que o grande épico escreveu os seus *Luziadas;* a commissão de que sou interprete, desejando inspirar-se na opinião que possa ser manifestada pela imprensa d'esta capital, convida e espera que a illustrada redacção do . . . . . . se faça representar nas reuniões que a commissão celebra ás quartas-feiras e domingos no salão da *Soirée Porto-Alegrense*, não só para ter voto n'ellas, como para orientar o publico das resoluções que alli se forem tomando.

Porto Alegre, 11 de maio de 1880.

A' redacção do . . . . . .

O secretario da commissão:

M. J.^{or} Gonsalves, junior.

E, em reunião de 16 de maio, estando representada a imprensa, foi nomeada a grande commissão representativa, fixado o programma definitivo do sarau e resolvido mais o seguinte:

a) Que fossem convidadas a se fazerem representar no sarau todas as associações litterarias da provincia, e se abrisse inscripções para quaesquer outras pessoas que n'elle quizessem tomar a palavra;

b) Que para perpetuar de algum modo a memoria da commemoração, e, uma vez que minguava o tempo para que se o fizesse por meio de uma medalha, se mandasse lithographar um titulo allusivo para ser distribuido por todas as pessoas que, por qualquer fórma, lhe houvessem prestado a sua graciosa coadjuvação;

c) Que essa distribuição fosse solemnemente feita no theatro na noite de 13 de junho, franqueando-se depois o mesmo á visitação do publico;

d) E que na noite de 12 fôsse offerecido ás Ex^mas^ Sras. que gentilmente abrilhantassem a festa com o seu concurso musical, no mesmo theatro e como testemunho do reconhecimento da commissão, um baile, que não faria entretanto parte do programma official pela circumstancia da data que originava a commemoração.

D'estas deliberações deu publica noticia, em 17 de maio, a *Gazeta de Porto Alegre*, por este theor:

«CENTENARIO DE CAMÕES. Na reunião que a commissão executiva celebrou hontem e á qual assistiram os representantes da imprensa da capital, foi nomeada

a commissão de representação e fixado o programma definitivo da solemnidade. No dia 10 haverá o grande sarau litterario e musical, sendo o elogio historico feito pelo Sr. conselheiro Silveira Martins, se aqui estiver na occasião, e dando-se a palavra aos representantes das associações litterarias e mais pessoas que se inscreverem para fallar no acto. A parte musical compor-se-ha de duas grandes ouverturas, instrumentadas como nunca se vio em Porto Alegre, graças ao numeroso concurso de musicos profissionaes e dilettantes, chóros de senhoras e cavalheiros, etc.

«No dia 13 (domingo), em reunião no theatro, onde se realisa a solemnidade. serão distribuidos documentos commemorativos do acto, ás pessoas que contribuirem para a celebração do centenario e ficará o salão exposto á visitação do publico.

«Os convites para a solemnidade do dia 10 são distribuidos pela commissão executiva.

«A mesma commissão executiva offerecerá na noite de 12 de junho um baile ás Ex.mas Sras. que com a sua cooperação musical e vocal contribuirem para abrilhantar a festa, não fazendo aliás parte do programma official este acto de polidez para com as senhoras.»

Se não nos enganamos, quinze ou vinte dias antes, havia sido subitamente acommettido no Rio de Janeiro, de uma melindrosa enfermidade, que o tivera em risco de vida, o Ex.mo Sr. conselheiro Silveira Martins.

Melhorando, porém, felizmente dentro de alguns

dias, progredindo rapidamente o seu restabelecimento, e, informada a commissão, por pessoa da intimidade de S. Ex.ª, que não deixaria de vir á provincia a tempo de se desempenhar da referida tarefa, teve entretanto a commissão por mais seguro dirigir-se pelo telegrapho directamente ao mesmo Ex.mo Sr. para saber se podia contar com a sua presença.

Acertadamente o fez, porque a 19 de maio respondia S. Ex.ª por este theor:

«Vou para fóra da cidade; me é vedado todo o trabalho. Estou, portanto, impossibilitado de fazer o elogio do grande poeta.»

Desconcertada com esta resposta e incerta por alguns dias, a commissão conseguio, afinal, vencidos a natural modestia e receios, que o joven Dr. Severino de Freitas Prestes, recentemente chegado da academia, precedido de excellentes creditos como desvelado cultor das lettras, substituisse na tribuna ao Ex.mo Sr. conselheiro Silveira Martins.

A um nome feito surgia assim um nome que se ia fazer: grande na verdade era a responsabilidade, mas o joven orador, desde já o antecipamos, soube tirar-se d'ella com um brilhantismo promissor de uma longa serie de triumphos.

Confirmados assim os seus creditos, póde dizer afoutamente que não deveu ao favor, mas á conquista, a magnifica coroa de louros que a commissão lhe offe-

recêra como tributo de agradecimento e de admiração, ao descer da tribuna, que S. S. engrandecêra com um verbo cheio de juvenilidade e de inspiração.

Honra á sua natalicia terra!

A's associações litterarias existentes na provincia — *Parthenon Litterario* n'esta capital, *Bibliotheca Publica Pelotense*, na cidade de Pelotas, *Bibliotheca Rio Grandense*, na cidade do Rio Grande, e *Litteraria Gabrielense*, na cidade de São Gabriel, foi dirigido o seguinte convite:

Illmo Sr.

A commissão promotora dos festejos com que a cidade de Porto Alegre ha de solemnisar o terceiro centenario de Camões, solicíta da . . . . . a fineza de se fazer representar no grande sarau litterario e musical que se realisará n'esta capital em 10 de junho proximo.

Acquiescendo ao pedido da commissão de que sou interprete, a . . . . . não só trará novos realces áquella solemnidade, como assegurará sua adhesão ás justas homenagens, que, depois de tres seculos, vão ser prestadas á memoria de um homem que pelo seu genio se tornou o symbolo glorioso de um povo inteiro.

Porto Alegre, 25 de maio de 1880.

Todas accederam ao convite, mas apenas se fizeram representar no sarau as duas primeiras:

O *Parthenon Litterario* por uma commissão composta de seu presidente, o Illmo Sr. Joaquim Gonsalves Chaves, de seu

orador, o Ill.^{mo} Sr. Appelles Porto Alegre, que pronunciou uma eloquentissima oração, e do 2.º secretario.

A *Bibliotheca Publica Pelotense* pelo Ill.^{mo} Sr. Dr. Graciano Alves de Azambuja que proferio um discurso cheio de sciencia e de brilho.

D'esta associação foi recebido o seguinte officio:

«Secretaria da *Bibliotheca Publica Pelotense*, Provincia do Rio Grande do Sul, Pelotas, 4 de junho de 1880.

Ill.^{mo} Sr.

Respondendo ao honroso officio de V. S.^{a}, dirigido em nome da commissão promotora dos festejos que, n'essa capital, se hão realisar em homenagem á memoria do illustre cantor das glorias lusitanas, é-me summamente agradavel declarar a V. S.^{a} que a *Bibliotheca Publica Pelotense* nomeou para seu representante juncto a tão solemne commemoração ao illustrado e distinctissimo cidadão Sr. Dr. Graciano Alves de Azambuja, a quem n'esta data faço a devida participação.

Melhor interprete de seus sentimentos não podia escolher a *Bibliotheca*, pois S. S. saberá desempenhar salientemente a missão de que foi incumbido.

Orgulha-se a *Bibliotheca*, como instituição que n'esta terra tem por guia a felicidade popular pela instrucção, por haver a cidade de Porto Alegre cumprido um grande dever, celebrando o tri-centenario de Luiz de Camões, d'esse homem que, pelo genio, não se tornou unicamente o symbolo glorioso de um

povo inteiro, mas sim o conquistador da benemerencia de todos quantos se curvam á universalidade do talento.

A *Bibliotheca Publica Pelotense* agradece a consideração que lhe foi dispensada pela digna commissão dos festejos, e por intermedio de um dos seus mais humildes membros, envia-lhe as homenagens da mais intima sinceridade.

Ao Ill.mo Sr. M. J. Gonsalves, junior, M. D. secretario da commissão promotora dos festejos pelo terceiro centenario de Camões, em Porto Alegre.

O 1º secretario, J. J. Cesar.

A 1 de junho publicava a commissão o programma geral das festas. Aqui vai reproduzido:

PROGRAMMA.

A commissão organisada para promover n'esta capital os festejos commemorativos do terceiro centenario de Camões, não podendo dar-lhes o caracter absoluto de festa popular, esforçou-se todavia para que elles adquirissem a maxima latitude, escolhendo o edificio mais vasto d'esta capital, para n'elle serem executadas as solemnidades respectivas. A sala de espectaculo e o palco do theatro S. Pedro serão convertidos em um unico salão, decorado segundo a época em que viveu o poeta. No palco, transformado em tenda de guerra, será erguido um tropheo encimado pelo retrato do grande épico e em tôrno do qual serão depostas as corôas que se queiram consagrar á sua memoria.

Para que os festejos adquiram uma collectividade que a commissão promotora individualmente não poderia dar-lhes, foi designada uma grande commissão honoraria e representativa para presidir ás solemnidades. A referida commissão é composta dos seguintes senhores:

MEMBROS HONORARIOS

$S.^{as}$ $Ex.^{as}$ os Srs. bispo diocesano D. Sebastião Dias Larangeira, presidente da provincia Dr. Henrique Francisco d'Avila, general-commandante das armas Frederico Augusto de Mesquita e desembargador chefe de policia Antonio de Souza Martins.

MEMBROS REPRESENTATIVOS

Como representante dos corpos legislativos: S. $Ex.^{a}$ o Sr. Dr. Felisberto Pereira da Silva, presidente da assembléa provincial.

Como representante do clero: Monsenhor Vicente Ferreira da Costa Pinheiro.

Como representante do municipio: O $Ill.^{mo}$ Sr. Miguel Teixeira de Carvalho, presidente da camara municipal.

Como representante da magistratura: S. $Ex.^{a}$ o Sr. desembargador Luiz Corrêa de Queiroz Barros, presidente da relação, e S. S. o Sr. Dr. Salustiano Orlando de Araujo Costa, juiz de direito da $1.^{a}$ vara.

Como representante da armada nacional e imperial: O $Ill.^{mo}$ Sr. capitão de mar e guerra João Antonio Alves Nogueira, chefe da estação naval, e $Ill.^{mo}$ Sr. capitão-tenente

Pedro Nolasco Pereira da Cunha, commandante da canhoneira *Henrique Martins*.

Como representantes do exercito imperial: O Ill.mo Sr. coronel Tiburcio Ferreira de Souza, director da Escola Militar, e Ill.mo Sr. coronel Julio Anacleto Falcão da Frota, director do Arsenal de Guerra.

Como representante da guarda nacional: O Ill.mo Sr. coronel Antonio Joaquim da Silva Mariante, commandante superior.

Como representante do corpo consular estrangeiro: O Ill.mo Sr. João Baptista Tallone, vice-consul de S. M. F.

Como representante das sciencias mathematicas: O Ill.mo Sr. Dr. Firmo José de Mello, engenheiro em chefe da estrada de ferro, em construcção, d'esta capital á Uruguayana.

Como representante das sciencias medicas: O Ill.mo Sr. Dr. Manoel José de Campos, decâno dos facultativos residentes n'esta capital.

Como representante das sciencias juridicas e sociaes: O Ill.mo Sr. Dr. João Rodrigues Fagundes, decâno dos jurisconsultos residentes n'esta capital.

Como representantes do commercio nacional: O Ex.mo Sr. Barão de Cahy, presidente da Junta Commercial, e Ill.mo Sr. José Manoel de Leão, presidente da Praça do Commercio.

Como representante do commercio estrangeiro: O Ill.mo Sr. commendador João Baptista Ferreira de Azevedo e Ill.mo Sr. Miguel Heinssen.

Como representantes do funccionalismo: O Ill.mo Sr. tenente-coronel Joaquim Antonio Vasques, inspector da thesouraria geral, e Ill.mo Sr. Justo de Azambuja Rangel, director geral da fazenda provincial.

Como representante do magisterio: O Ill.mo Sr. Fernando Ferreira Gomes.

Como representantes das Bellas Artes: O Ill.mo Sr. Carlos Bernardino de Barros e Ill.mo Sr. Balduino Roehrig.

Como representantes da industria nacional: O Ill.mo Sr. commendador Hermenigildo de Barros Figueiredo e Ill.mo Sr. José Pedro Alves.

Como representante da arte typographica: O Ill.mo Sr. Aurelio Virissimo de Bittencourt, presidente da sociedade *Typographica Rio-Grandense.*

Como representante das artes mechanicas: O Ill.mo Sr. José Manoel da Silva Só.

Como representante das artes manuaes: O Ill.mo Sr. João Birnfeld.

Esta commissão durante as solemnidades occupará uma tribuna especial formada na segunda ordem de camarotes desde o de n. 11 ao de n. 14.

O sarau litterario e musical que se ha de celebrar em a noite de 10 do corrente, constará:

PARTE LITTERARIA

Elogio historico de Luiz de Camões, pelo Ill.mo Sr. Dr. Severino de Freitas Prestes.

Allocuções proferidas pelos representantes das associações litterarias, institutos scientificos, estabelecimentos de instrucção, imprensa periodica, segundo a ordem, por que se fizer a inscripção.

Recitação de poesias analogas, sendo a ultima «A Camões», de Soares de Passos, recitada pelo Ill.mo Sr. Joaquim Francisco de Souza Motta.

PARTE MUSICAL

Duas symphonias pela orchestra composta de cincoenta e seis executantes, sob a regencia do distincto professor o Sr. José Stott.

Dois chóros executados sob a direcção do insigne professor Sr. Roberti, compostos de oitenta vozes de ambos os sexos.

O sarau começará ás 9 horas em ponto e a sua divisão e ordem serão indicadas no programma avulso que se distribuirá no salão.

No intuito de tornar mais perduravel a solemnidade, a commissão distribuirá, no dia 13, a todas as pessoas que por qualquer meio se dignaram prestar-lhe o seu concurso, diplomas commemorativos e de agradecimento. O programma d'esta ceremonia será publicado opportunamente. Terminada a distribuição será o theatro franqueado á concurrencia publica.

A commissão executiva julga ter dirigido convite

a todas as associações litterarias estabelecidas na provincia, todavia pede que lhe seja relevada qualquer falta em que tenha incorrido, dignando-se as associações acaso esquecidas reclamar immediatamente o cumprimento d'esse dever.

—

Dependendo a elaboração definitiva do programma da inscripção de todos os cavalheiros que concorrerem á parte litteraria, roga-lhes a commissão que se inscrevam até ao dia 7 do corrente.

—

Na impossibilidade de se dirigir a todas as pessoas que desejarem assistir aos festejos projectados, a commissão pede-lhes queiram procurar todos os dias no theatro, do meio dia ás 2 horas da tarde, e das 4 ás 6 horas da noite, até 9 do corrente, um dos membros da commissão que alli permanecerá para attender ás requisições que lhe sejam feitas.

—

A distribuição dos cartões de ingresso principiará a ser feita no dia 7, notando que para o salão cada cartão dá entrada apenas a uma pessoa, não se distribuindo maior numero que o de lugares n'elle contidos.

Porto Alegre, 1º de junho de 1880.

O secretario da commissão,
M. J. Gonsalves, junior.

O programma circumstanciado do sarau, distribuido aos convidados, foi o seguinte:

CENTENARIO DE CAMÕES

THEATRO S. PEDRO

PORTO ALEGRE, 11 DE JUNHO DE 1880

SARAU LITTERARIO E MUSICAL

EM HOMENAGEM AO IMMORTAL POETA

PROGRAMMA

Primeira Parte

I. **Marcha triumphal,** executada pela grande orchestra. *Meyerbeer*
II. **Elogio historico** de Luiz de Camões, pelo Illmo. Sr. Dr. Severino de Freitas Prestes, como orgão da commissão organisadora das festas do centenario.
III. **Allocução** pelo Illmo. Sr. João Baptista Tallone, vice-consul portuguez, em nome do corpo consular.
IV. **Discurso,** pelo Illmo. Sr. Dr. Vicente Antonio do Espirito-Sancto, junior, como membro do corpo docente da Escola Militar.
V. **Gutenberg a Camões,** poesia pelo Illmo. Sr. Aurelio Virissimo de Bittencourt, como orgão da sociedade „Typographica Rio Grandense."
VI. **Allocução** pelo Illmo. Sr. Dr. Graciano Alves de Azambuja, como representante da Bibliotheca Pelotense.
VII. **Camões e sua patria,** breve allocução pelo Illmo. Sr. Dr. Constantino Rondelli.
VIII. **„Salve, ó genio",** chôro magnifico para ambos os sexos, acompanhado a grande orchestra . . . . . *Verdi.*

Segunda Parte

I. **Grande symphonia,** executada pela grande orchestra. *Rossini*
II. **Discurso** pelo Illmo. Sr. Appelles Porto Alegre, como orgão da commissão deputada pelo „Parthenon Litterario."
III. **Allocução,** pelo Illmo. Sr. Carlos von Koseritz, em nome da imprensa allemã.
IV. **A Luiz de Camões,** poesia pelo Illmo. Sr. Nicolau Vicente Pereira, recitada por seu auctor.
V. **Tributo a Camões,** poesia pelo Illmo. Sr. Ernesto Silva, recitada pelo Illmo. Sr. Joaquim José Teixeira de Azevedo, junior.
VI. **A Camões,** ode por A. A. Soares de Passos, recitada pelo Illmo. Sr. Joaquim Francisco de Souza Motta.
VII. **„Houve um moço",** chôro magestoso para ambos os sexos, acompanhado a grande orchestra . . . . . . *Verdi.*

Para a boa disposição do salão são rogados, tanto as Exmas. Senhoras como os cavalheiros que compõem os chóros, a occuparem os lugares que lhes estão reservados.

Principiará ás 9 horas da noite em ponto.

Infelizmente, em consequencia do tempo assaz chuvoso, não pôde effectuar-se a solemnidade na noite de 10, sendo por isso forçoso transferil-a para a noite de 11, em que de facto se realisou.

Com summo prazer transladamos para aqui o que a respeito da festa disse a imprensa d'esta capital.

«Centenario de Camões. Hontem á noite, realisou-se o sarau litterario e musical em honra á memoria de Luiz de Camões.

«Porto Alegre nunca presenceou outra festa d'essa ordem, quier pelo gosto e luxo com que estava ornado o theatro, quer pela execução musical, quer ainda pela belleza das peças litterarias que foram exhibidas.

«Não cabe nos estreitos limites d'uma noticia, apreciar a noite de hontem; fal-o-hemos em artigos especiaes que dedicaremos ao centenario, logo que estejam terminados os festejos, que continuam hoje e amanhã.

«Diremos hoje sómente que luzida e importante foi a concorrencia da nata de nossa sociedade; que o theatro apresentava um aspecto verdadeiramente deslumbrante; que a parte musical, quer a instrumental, quer a vocal, excederam a tudo quanto Porto Alegre ouvio até hoje e que os oradores arrancaram ao publico os mais enthusiasticos applausos, sobresahindo sobre todos o orador official, Dr. Severino Prestes, encarregado do elogio historico, que desempenhou sua missão com o mais esplendido e completo successo.

«Como acima dissemos, nos limitamos hoje a estas poucas palavras, reservando-nos o direito de apreciar desenvolvidamente todos os festejos do centenario.

«Os Srs. Manoel Jose Gonsalves, junior, e Jose da Silva Mello Guimarães, os dous incansaveis directores dos festejos e os membros da commissão executiva, que trabalharam mais que todos os outros, desempenhando tarefa quasi superior ás forças de duas pessoas, tornaram-se credores da gratidão de todos quantos se interessaram pela realisação da idéa de exhibir-se em Porto Alegre festas de centenario dignas de Luiz de Camões e dos dois povos irmãos que se fundem na veneração ao insigne épico portuguez.

«Este desejo foi plenamente conseguido: Porto Alegre exhibio hontem uma solemnidade que dignamente figurará a par de outras que se realisaram em cidades maiores que dispõem de outros meios.

«Hoje, á noite, tem lugar o baile que a commissão offerece ás Ex.mas senhoras que contribuiram para a execução musical, e amanhã a solemnidade da entrega dos diplomas commemorativos

Gazeta de 12 de junho.

«O Centenario de Camões. Se Porto Alegre só tarde acordou para solemnisar o tricentenario de Camões, não deixou de exhibir uma festa verdadeiramente imponente, festa como a nossa provincia outra ainda não presenceou e como talvez não hajam sido realisadas muitas no Imperio.

«Suspeitos seriamos quiçá, se houvessemos de prodigalisar elogios á commissão executiva em sua totalidade: mas felizmente podemos ser justos sem immodestia. porque a direcção e todo o insano trabalho d'esses festejos recahiram quasi exclusivamente sobre os Srs. Manoel Jose Gonsalves. junior, e Jose da Silva Mello Guimarães, que foram incansaveis e aos quaes se deve o brilhante resultado que obtivemos.

«O theatro havia sido esplendidamente preparado. Estava illuminado a gaz todo o frontispicio do edificio e na frente da sacada via-se em chammas brilhantes a corôa portugueza com um chammejante — C — no centro.

«O saguão fôra transformado em um salão, cujas columnas ostentavam luzentes escudos d'armas, com as velhas bandeiras da Cruz, que outr'ora tremulavam á frente dos exercitos portuguezes, quando audazes marchavam á conquista de mundos desconhecidos.

«A platéa fôra coberta de assoalho e a porta do centro dava assim entrada para um vastissimo salão.

«Tanto por cima d'essa porta, como por cima das escadas que conduzem aos camarotes, ostentavam-se bem delineados desenhos allegoricos. lendo-se no alto da porta principal o seguinte distico:

> ....razão ha que queira eterna gloria,
> quem faz obras tão dignas de memoria!
>
> *Luziadas, C. II, Est. 118.*

Por cima das portas que dão entrada para as escadas. lia-se:

> N'uma mão sempre a espada, n'outra a penna.
>
> *Luziadas, C. VII, Est. 79*

«E por cima da outra:

> De amor escrevo, de amor trato e vivo.
>
> *Camões, rimas, soneto CII.*

As tres ordens de camarotes estavam revestidas de luxuosas colchas de damasco de seda de varias côres, ostentando-se nas columnas que supportam os camarotes, escudos e estandartes da Cruz. Festões e grinaldas cahiam graciosamente sobre as colchas e no alto do salão tremulavam innumeras flamulas brancas e azues.

«Os quatro camarotes do centro da segunda ordem estavam transformados em salão para a grande commissão de honra.

«O arco do palco estava elegantemente decorado com desenhos allegoricos, devidos ao pincel do Sr. Fulvio.

«No centro d'esse arco, que dava entrada para a tenda de guerra em que se transformára o palco, lia-se a seguinte inscripção:

Aos filhos da heroica provincia do Rio Grande.

> Parece que rasgando as densas trevas
> dos tempos do futuro inda sumidos,
> a vós exhorta, a vossos brios falla
> dizendo em aureos versos:
> „O' subidos
> „cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
> „defendei vossas terras; que a esperança
> „da liberdade está em vossa lança.
>
> *Luziadas, Canto IV, Est. 37.*

«Dos lados do mesmo arco liam-se os seguintes versiculos da Biblia que dir-se-hiam escriptos por David com a visão do futuro, para o grande poeta:

Non sunt loquellæ, neque sermones, quorum, non audiantur voces eorum.

Ps. XVIII, v. 4º

(Não ha linguagem, nem falla, por quem não sejam entendidas suas vozes).

In omnem terram exivit sonus eorum, et in finis orbis terræ verba eorum.

Ps. XVIII, v. 5º

(O seu som se estendeu por toda a terra, e suas palavras até ás extremidades do mundo).

«O palco fôra em toda sua extensão transformado em tenda de guerra, elegantemente armada. Dos lados viam-se trophéos d'armas com escudos, espadas, lanças e estandartes da Cruz de Christo e no fundo elevava-se em meio de trophéos um docel, cercado de verdes palmeiras e plantas exoticas.

«Sob o docel estava o retrato do grande épico, pintado a oleo pelo talentoso artista Sr. Balduino Rœhrig, entre duas estatuas de grandes dimensões, representando a poesia e a musa da historia. Encostadas aos pedestaes das estatuas via-se em luxuosa encadernação as obras de Luiz de Camões, sendo a frente d'esse grupo tomada por palmeiras e flôres naturaes.

«A grade era formada por espadas trançadas com corôas de rosas e na frente destacava-se sobre um pedestal cercado de flôres uma grande lyra dourada,

atravessada por uma espada de cavalleiro e ornada com magnificas capellas de louro.

«O aspecto dessa especie de monumento era realmente encantador e verdadeiramente imponente pela simplicidade e pelo bom gosto. Trophéos d'armas, estandartes e bandeirolas e por cima de tudo as grandes bandeiras portugueza e brazileira completavam a decoração do fundo, que despertou geral e justa admiração.

«Ao lado esquerdo do docel havia filas de cadeiras occupadas pelas senhoras que iam cantar nos chóros, ficando os cavalheiros, que se prestaram para o mesmo fim, ao lado direito do docel.

«Eis os nomes das Ex.mas Sras. que graciosamente se prestaram a cantar:

Thereza Questa Rondelli
Herminia Rondelli
Honorina da Camara Canto
Julia Pereira da Silva
Alayde Pereira da Silva
Margarida de Abreu Salgado
Agueda Francelina Salgado
Isabel Dias Soares
Elmira Dias Soares
Julia Dias de Castro
Emilia R. Lepert
Rose de Repat
Vicentina Franco
Francisca Horta
Alzira Lopes
Herminia Lopes
Josephina Ferreira Chagas
Josephina Freire Pereira
Elisa Viegelmann
Adelaide Vieira Guimarães
Palmyra Lara
Emilia Paranhos
Maria Annunciada Muniz de Bittencourt
Francisca Cordeiro
Maria L. Fernd. Barcellos
Maria A. de Abreu Queima
Antoinette Paradeda

Thereza Horta
Luciana A. de Carvalho
Guilhermina Meister
Carlota Becker
Luiza Osorio Bordini
Palmyra de Araujo
Clara Ubatuba
Francisca Soares
Georgina Lorenz
Julieta de Oliveira

Os cavalheiros que cantaram são os seguintes:

Honorio Fontoura
Dr. Antonio A. de Azambuja
Jorge Pfeiffer
Luiz Grünewald
Frederico Lara
M. Manhãns Faisca
Paulo Rondelli
Virgilio Rondelli
Frederico Moltz
Frederico Pohlmann
Pedro Eilert
Ricardo Gintzel
Luiz Weimann
Carlos Obst
Julio Issler
Mauricio Poisl
Augusto Thoms
Germano Traub
Jacob Klay
Carlos Hartlieb
Jacob Bard
José Gertum
Emilio Gertum
Germano Schröder
Augusto Reichardt
Carlos Göhler
Emmerich Berta
Oloff Anderson
Guilherme Sassen
Fernando Presser
Henrique Englert
Antonio Campani
Jacob Issler
Frederico Jäger
Augusto Müller
Manoel Vila
Gustavo Hugo
Theodoro Reinecken
Alberto Deistel
João Poisl
Gustavo Giesen
Henrique Hübner.

Embaixo do arco estava a tribuna para os oradores e junto a ella havia lugares reservados para os

oradores e para a commissão organisadora, composta dos Srs. Dr. Fausto de Freitas e Castro, tenente-coronel Joaquim Antonio Vasques, Manoel Jose Gonsalves, junior, Jose da Silva Mello Guimarães, Achylles Porto Alegre, Jose Manoel de Leão, Joaquim Jose Pereira de Azevedo, junior, commendador Francisco Jose de Almeida e Carlos von Koseritz, estando ausentes outros dous membros, os Srs. Peixoto e Germano Hasslocher.

«Em frente á tribuna, que ficava á direita do palco, estava a orchestra composta dos seguintes cavalheiros:

Hermann Falkmann	Antonio M. G. Bastos
Gustavo Eiffe	Max Friedrich Säger
Pedro Vianna	Edgar Wilde
Guilherme Luce	Alberto Göden
Hermann Sommermeier	Henrique Eichenberg
Eugenio Costa	Carlos Otto Schilling
Luiz Roberti	Theodoro Bier
João Dentzien	Virgilio Honorato de Abreu
Theodoro Gœtze	Augusto Nielsen
Jorge Pfeiffer	Raul Luiz de Mello
Lino C. da Cunha e Silva	Adão Jose Salvador
João A. de Almeida Porto	Valentim Mensch
Alfredo Calvert	Frederico Mensch
Christiano Lenz	Lourenço F. da Cunha
Carlos Ganns, junior	Jose Dias Cardoso
Antonio L. Pereira de Oliveira	Emilio Gertum
Christiano Martin	Alipio Gama
Eduardo Martin	João Driesch
Antonio Bard	Gustavo Lindner

Jose de Almeida M. Costa jnr.	Fabiano Dias da Silva
Augusto Daisson	Jose C. F. Rabello, junior
Carlos Resin	Lino de Souza Marques
Lino H. dos Santos, junior	Clemente Jose da Silva
Manoel H. dos Santos, senior	Francisco Diogo de Jesus
Adolpho Christ	Jesuino Carlos Pereira
Fernando Marcussi	Jose Joaquim de Faria
Pedro Moltz	Pedro Castro dos Santos
João Traugott	Camillo Jose de Mendanha.

«O vasto salão estava litteralmente cheio de senhoras e de cavalheiros e todas as tres ordens de camarotes estavam repletas de formosas damas, ostentando elegantissimas e ricas toilettes que entretanto desappareciam ante o brilho de suas graças e natural formosura.

«Era de surprehendente, quasi diremos deslumbrante effeito o aspecto do theatro n'aquella involvidavel noite.

«No grande camarote do centro estava a commissão de honra composta dos seguintes senhores:

«SS. Ex.as os Srs. presidente da provincia e general commandante das armas.

«Como representante do corpo legislativo: S. Ex.a o Sr. Dr. Felisberto Pereira da Silva, presidente da assembléa provincial.

«Como representante do clero: Monsenhor Vicente Ferreira da Costa Pinheiro.

«Como representante do municipio: O Ill.mo Sr. Miguel Teixeira de Carvalho, presidente da camara municipal.

«Como representante da magistratura: S. Exa. o Sr. desembargador Luiz Corrêa de Queiroz Barros, presidente do tribunal da relação: S. S. o Sr. Dr. Salustiano Orlando de Araujo e Costa, juiz de direito da primeira vara.

«Como representante da armada nacional e imperial: O Illmo. Sr. capitão de mar e guerra João Antonio Alves Nogueira, chefe da estação naval; o Illmo. Sr. capitão-tenente Pedro Nolasco Pereira da Cunha, commandante da canhoneira *Henrique Martins*.

«Como representante do exercito imperial: O Illmo. Sr. coronel A. Tiburcio Ferreira de Souza, director da escola militar; o Illmo. Sr. Julio Anacleto Falcão da Frota, director do arsenal de guerra.

«Como representante da guarda nacional: O Illmo. Sr. coronel Antonio Joaquim da Silva Mariante, commandante superior.

«Como representante do corpo consular estrangeiro: O Illmo. Sr. João Baptista Tallone, vice-consul de S. M. F.

«Como representante das sciencias mathematicas: O Illmo. Sr. Dr. Firmo Jose de Mello, engenheiro em chefe da estrada de ferro, em construcção, d'esta capital á Uruguayana.

«Como representante das sciencias medicas: O Illmo. Sr. Dr. Manoel Jose de Campos, decâno dos facultativos residentes n'esta capital.

«Como representante das sciencias juridicas e sociaes: O Illmo. Sr. Dr. João Rodrigues Fagundes, decâno dos jurisconsultos residentes n'esta capital.

«Como representantes do commercio nacional: O Ex.mo Sr. Barão de Cahy, presidente da Junta Commercial, e Ill.mo Sr. Jose Manoel de Leão, presidente da Praça do Commercio.

«Como representante do commercio estrangeiro: O Ill.mo Sr. commendador João Baptista Ferreira de Azevedo e Ill.mo Sr. Miguel Heinssen.

«Como representantes do funccionalismo: O Ill.mo Sr. tenente-coronel Joaquim Antonio Vasques, inspector da thesouraria geral, e Ill.mo Sr. Justo de Azambuja Rangel, director geral da fazenda provincial.

«Como representante do magisterio: O Ill.mo Sr. Fernando Ferreira Gomes.

«Como representantes das Bellas Artes: O Ill.mo Sr. Carlos Bernardino de Barros e Ill.mo Sr. Balduino Rœhrig.

«Como representantes da industria nacional: O Ill.mo Sr. commendador Hermenegildo de Barros Figueiredo e Ill.mo Sr. Jose Pedro Alves.

«Como representante da arte typographica: O Ill.mo Sr. Aurelio Virissimo de Bittencourt, presidente da sociedade *Typographica Rio-Grandense.*

«Como representante das artes mechanicas: O Ill.mo Sr. Jose Manoel da Silva Só.

«Como representante das artes manuaes: O Ill.mo Sr. João Birnfeld.

«Todos trajavam gala, achando-se em grande uniforme o Sr. presidente da provincia, o Sr. general commandante das armas e os Srs. coroneis Tiburcio e Frota.

«Tal era o aspecto que offerecia o theatro S. Pedro

na noite de 11 do corrente, em que Porto Alegre celebrava o centenario do grande épico luzitano.

«E cumprimos um grato dever. declarando n'este lugar. que a esplendida armação do theatro e todo esse arranjo, que denotava tanta elegancia e apurado gosto artistico, foram feitos sob a direcção do Sr. Jose Antonio da Cunha Guimarães que de combinação com a commissão e o Sr. João Olinto d'Oliveira, que tambem se prestára a auxiliar o trabalho com seus conselhos, apresentou essa verdadeira obra d'arte, que foi tão justamente admirada.

Gazeta de 19 de Junho.

«A's 9 1/2 horas da noite, tendo tomado os seus lugares as respectivas commissões, começou o sarau. com a casa repleta, como já dissemos.

«Rompeu então a marcha triumphal. do „Propheta", de Meyerbeer, executada pela grande orchestra.

«Porto Alegre ainda não presenciára execução musical tão brilhante; o talentoso dirigente Sr. Jose Stott e seus companheiros conquistaram innumeros applausos e esta introducção lançou o auditorio desde logo na disposição de espirito proprio da occasião.

«As melodias de Meyerbeer, reproduzidas com verdadeira maestria, enchiam o vasto salão e achavam echo em todos os peitos. Foi um momento verdadeiramente solemne, quando as ultimas notas morriam no espaço, afogadas por estrondosos applausos.

«Assumio então á tribuna o Sr. Dr. Severino de

Freitas Prestes, o illustrado orador, encarregado do elogio historico.

«Tendo feito brilhante figura na tribuna academica de São Paulo e sendo conhecidos os seus dotes intellectuaes, esperavam todos a sua palavra com a convicção de ouvirem uma peça oratoria digna da occasião e da elevação do assumpto.

«E estas esperanças não foram enganosas. O Sr. Dr. Severino produzio uma oração de grande e real merito pela profundeza de suas apreciações, pela interpretação philosophica dos factos historicos, pela logica de suas conclusões, pelo colorido e correcção da phrase.

«Unindo a um innegavel talento de fórma, um espirito pensador e sérios estudos sobre o assumpto, produzio o joven orador uma obra que honra o seu talento, e que deu grande realce ao festival.

«O auditorio conservou-se preso aos labios do talentoso orador, que ao deixar a tribuna, foi calorosamente applaudido e abraçado com effusão pelos membros da commissão executiva, pelos outros oradores e pelos representantes da imprensa diaria que alli se achavam.

«Os Srs. Gonsalves, Leão e Vasques, felicitando o orador em nome da commissão, entregaram-lhe uma corôa de louros a que realmente fizera juz pela proficiencia com que desempenhou a sua missão.

«Por nossa vez felicitamos o talentoso porto-alegrense que não podia ter estréa mais brilhante n'esta terra que o vio nascer.

«Não reproduzimos o elogio historico nem as outras peças oratorias produzidas no *Centenario*, porque não nol-o permitte o nosso acanhado espaço, sendo aliás certo que todos os discursos e poesias vão ser impressos em livro.

«Como era de justiça, coube a palavra em seguida ao vice-consul portuguez, Sr. João Baptista Tallone, não só como representante do corpo consular na grande commissão de honra, mas tambem e principalmente como representante official da patria de Luiz de Camões.

«O Sr. Tallone desempenhou a sua missão, proferindo uma pequena allocução official e concluindo com uma saudação a Camões, que foi estrepitosamente applaudida.

«A Escola Militar era representada por uma commissão composta do lente Sr. Dr. Vicente A. do Espirito Sancto e dous alumnos e como era de direito, coube a palavra em primeiro lugar ao orador d'essa commissão academica, o referido Sr. Dr. Espirito Sancto, que produzio um bem delineado discurso, no qual confrontou Luiz de Camões e sua epocha com o moderno progresso das sciencias, applicando as regras de Augusto Comte á evolução da mentalidade universal nos ultimos tres seculos. O orador passou n'esta occasião em rapida revista os fundamentos da moderna sciencia e deu prova de verdadeira erudição, sendo muito applaudido ao descer da tribuna.

«O Sr. Aurelio V. de Bittencourt, em sua qualidade de representante da *Sociedade Typographica Rio-Grandense,* recitou em seguida uma mimosa e realmente

bella poesia „Gutenberg a Camões.“ Pensamento original, metrificação exemplar e linguagem pura e elevada deram realce á poesia, que foi magistralmente recitada pelo orador e por isso mesmo applaudida com fervor.

«A *Bibliotheca Publica Pelotense* se fizera representar pelo Sr. Dr. Graciano Alves d'Azambuja, encarregando-o de fallar em seu nome e de depositar uma rica corôa de louros sobre a ara erguida a Luiz de Camões e coroada pela lyra d'ouro do immortal cantor.

«A escolha da *Bibliotheca Publica Pelotense* não podia ser mais feliz, porque não podia achar orgão mais illustrado e sympathico.

«O discurso proferido pelo Sr. Dr. Graciano, pensador profundo e philosopho distincto, é um monumento litterario dos mais bellos e tanto mais admiravel, quando foi preparado quasi de improviso, porque o convite fôra recebido na vespera.

«Encarando Camões e sua epocha á luz das novas idéas philosophicas e fazendo applicação das regras sociologicas de Spencer, elevou-se o Sr. Dr. Graciano a uma eminente altura e prendeu no mais alto gráo a attenção de todos os pensadores presentes.

«O publico vai apreciar o discurso do distincto philosopho, quando impresso, e n'elle encontrará a confirmação do juizo que acabamos de enunciar.

«Sinceras e bem merecidas foram as felicitações que recebeu o orador ao descer da tribuna, para ir á ara depositar a corôa de louros offerecida pela *Bibliotheca Publica Pelotense*.

«Felicitamos a *Bibliotheca* pela acertada escolha que fez, proporcionando ao auditorio ensejo para ouvir o profundo pensador que tão dignamente representou aquella associação.

«Em seguida occupou a tribuna o Sr. Dr. Constantino Rondelli, que proferio uma allocução, tendo por objecto — Camões e sua patria.

«O Sr. Rondelli é um orador sympathico, de voz melodiosa e de ademanes adequados.

«Sua allocução, feita com observancia de todas as regras rhetoricas, versou sobre assumpto historico e deu lugar a que o auditorio apreciasse bonitos pensamentos, expressos em linguagem fluente e dicção elegante.

«O discurso do Sr. Dr. Rondelli foi devidamente applaudido e o publico aprecial-o-ha no livro que vai ser impresso. Terminou a primeira parte do sarau com o chôro magnifico (para ambos os sexos) — Salve, ó genio.

«Foi um momento de solemne silencio, quando tomaram os seus lugares as formosas senhoras que em grande numero se prestaram a cantar em chôro com os cavalheiros, cujos nomes já conhece o publico.

«D'ahi a pouco encheu-se o ambiente do theatro de melodiosos sons e sob a direcção do Sr. Roberti e da talentosa cantora D. Thereza Questa Rondelli, tiveram os chóros magistral execução.

«Foi uma verdadeira novidade para o nosso publico que ainda não ouvira execução vocal d'essa ordem.

«A orchestra acompanhou o canto com perfeita maestria e a impressão que fez esta parte do festival foi a mais favoravel, provocando uma verdadeira tempestade de applausos.

«Finalisou assim a primeira parte do sarau litterario e musical do centenario.

Gazeta de 12 de junho.

«Findo o intervallo tocou a grande orchestra a lindissima symphonia de *Guilherme Tell*, de Rossini, e a execução foi tão magistral, que despertou enthusiasticos applausos.

«Sem medo de contestação podemos affirmar que em Porto Alegre ainda não se ouvira execução musical que podesse comparar-se a esta e o Sr. Stott, como todos os seus dignos companheiros, tornaram-se n'essa occasião credores dos mais justos elogios.

«Houve para nós uma prova mais significativa do que todas as outras: era o enthusiasmo que se lia na physionomia do octogenario maestro, commendador Mendanha, que tendo renunciado á regencia da orchestra, assistia como espectador e achava-se preso de una verdadeira e profunda emoção ao ouvir a magistral execução da ouvertura de *Guilherme Tell*.

«O publico, justo como era de seu dever, prodigalisou innumeros applausos aos professores e amadores da orchestra.

«Serenada a tempestade de applausos, appareceu na tribuna o Sr. Apelles Porto Alegre, o orador do

Parthenon Litterario, que trazia ao festival de Camões o contingente d'aquella sociedade, n'um magnifico discurso.

«Orador habilissimo e fluente, dispondo de um estylo brilhante e de não vulgar illustração, produzio o Sr. Apelles Porto Alegre uma oração em tudo digna da sociedade que representava.

«O Sr. Apelles fallou brilhantemente e confirmou a sua reputação de consummado orador, colhendo innumeros applausos, porque fez vibrar em alto gráo a fibra patriotica demonstrando que „Camões é um grande poeta e o povo portuguez um grande povo."

«Ao Sr. Apelles Porto Alegre seguio-se na tribuna o cidadão Carlos von Koseritz, que em nome da imprensa allemã dirigio uma pequena allocução aos assistentes.

«Estas peças oratorias, como todas as outras serão publicadas em livro, razão por que não as reproduzimos.

«O Sr. Nicolau Vicente Pereira recitou em seguida uma bella poesia „A Luiz de Camões", de sua autoria. Vibrando na palavra como na voz do orador o mais acrysolado patriotismo, electrisou o auditorio, arrancando-lhe enthusiasticos applausos.

«Outro tanto devemos dizer da longa e bella poesia „Tributo a Camões", recitada pelo Sr. Joaquim Jose Ferreira de Azevedo, junior, que pela elevação do pensamento como pela belleza da fórma agradou em extremo, sendo, como já dissemos, muito applaudida.

«Foi por entre religioso silencio que o Sr. Joaquim Francisco de Souza Motta, o mestre da declamação, o discipulo querido de João Caetano, usou da palavra, recitando a magnifica ode „A Camões“, do illustre poeta luzitano A. A. Soares de Passos.

«Nossos leitores conhecem esse primôr da poesia luza e portanto podem imaginar o effeito que aquellas palavras cheias de uncção patriotica deviam produzir no auditorio, recitadas com „engenho e arte“ como só sabe tel-os o Sr. Motta.

«Houve sabia previdencia em collocar-se a ode de Soares de Passos em ultimo lugar, porque depois da exhibição d'ella pelo talentoso artista, não crêmos que outro orador se houvesse animado a tomar a palavra.

«Quando morreu no espaço a ultima das syllabas proferidas pelo Sr. Motta com a voz cheia de lagrimas, que tanto commoveu o auditorio e fez humedecer não poucas palpebras resoaram applausos que faziam recordar a tempestade da ouvertura de *Guilherme Tell*.

«O publico assistente achava-se então no auge do enthusiasmo e parecia impossivel que tal sentimento admittisse ainda maior desenvolvimento.

«E entretanto é o que devia dar-se. quando, para digno remate da solemnidade, fizeram ouvir-se as argenteas vozes das distinctas damas e os melodiosos sons das vozes masculinas na execução do chôro „Houve um moço.“

«Não se poderia imaginar um final mais digno e mais solemne para o sarau. A execução vocal, acom-

panhada pela grande orchestra, foi magistral e de bellissimo effeito, pondo em evidencia não só os grandes meios vocaes das cantoras e dos cantores, mas ainda a proficiencia da Sra. D. Questa que ensaiou os chóros de senhoras, do Sr. Luiz Grünewald que dirigio os cantores e do Sr. Roberti que foi o dirigente geral da execução.

«Findo o chôro magestoso, houve applausos sem fim que attestaram o enthusiasmo do publico.

«Finalisou por esta fórma o sarau musical e litterario, que foi exhibido em honra do grande épico portuguez, e, sem medo de errar, podemos affirmar que Porto Alegre nunca assistio á festa igual.

«Foi esta a impressão que acompanhou a todos os assistentes e que foi professada por toda a imprensa da capital.

«Solemnidade mais digna e elevada não era possivel exhibir-se em Porto Alegre e os membros da commissão que dirigiram os festejos assim como todas as pessoas que tomaram parte no sarau, quer como musicos e cantores, quer como oradores, fizeram maximo jus á gratidão publica.

«Porto Alegre honrou Camões tanto quanto em suas forças coube: é a convicção que levaram todos quantos assistiram ao sarau.

«N'um ultimo artigo trataremos do baile do dia 12 e do acto solemne no dia 13.

Gazeta de 25 de junho.

«Sarau litterario. Teve hontem lugar o sarau litterario em commemoração ao tricentenario do grande épico, o immortal cantor dos *Luziadas*.

Foi uma festa surprehendentemente bella e esplendida, e que felizmente dá o criterio e o nivel do adiantamento intellectual da nossa bella capital!

«Tivemos hontem intimas alegrias e um certo orgulho patriotico, que nos estava a cada momento a inocular vaidades por termos o nosso berço n'esta terra rio-grandense, patria d'esses heróes legendarios, cujos feitos a historia do Imperio registra e admira, e que tambem é patria de outros não menos dignos, d'aquelles que cultivam as sciencias e dos que rasgam o seio immortal da arte!

«Foi uma bella noite a de hontem; a nossa capital deve estar vaidosa, porque entre as homenagens que o mundo culto tributou ao grande poeta luzitano, não serão esquecidas aquellas que o verbo eloquente dos seus oradores, o estro inspirado dos seus poetas, de envolta com as notas melodiosas da musica, com sublime prodigalidade repetiram ao grande heróe do dia!

«E' difficil fazer uma descripção e acompanhar todos os que tomaram parte na grande homenagem.

«Uma circumstancia feliz, porém, devemos já assignalar: os oradores que sobre o assumpto discorreram tomaram-n'o cada um sob um ponto de vista diverso, nenhum repetio a mesma apologia, nem as mesmas imagens em seus eloquentes discursos, tendo todos sido muito felizes e applaudidos!

«E como escrevemos sob o dominio de nossas impressões, fallaremos principalmente de tres discursos: o que pronunciou o Sr. Dr. Severino Prestes, o do Sr. Dr. Graciano Alves de Azambuja, e o do Sr. Apelles Porto Alegre. Collocamos na ordem em que foram proferidos, o que não significa um juizo e menos preferencia, difficil de estabelecer.

«Ao primeiro d'esses tres oradores coube o elogio historico de Luiz de Camões, e fel-o concretando em uma brilhante e eloquente synthese o elogio dos progressos humanos, do desenvolvimento do homem, e do apparecimento da arte e da sciencia, acompanhando-as em todas as suas phases historicas.

«O seu discurso foi imponente e teve lances e situações felicissimas, destacando se entre outras aquella em que affeiçoou a audacia da *renascença,* desprendendo-se dos moldes estreitos e acanhados que a idade media havia imposto ás artes e litteraturas, foragidas nos espessos muros claustraes!

«Nós que o ouviamos sem nos furtarmos á doce commoção que nos imprimiam suas palavras, eramos arastados a cada momento a contemplar seu digno pai, alli presente, para invejar-lhe outras alegrias, e o bem entendido orgulho de que se devia possuir n'aquelle momento.

«O discurso correu sempre uniformemente bello, e o Sr. Dr. Severino, que pela primeira vez se apresentava aos seus conterraneos, precedido de uma illustre fama, que a maior parte das vezes é peso esmagador,

deve sentir a satisfação de ter hontem firmado os seus creditos de maneira brilhante, dando-lhe novos fundamentos, se é possivel mais, perante uma multidão que espontaneamente o applaudio enthusiasticamente!

«O discurso do Sr. Dr. Graciano de Azambuja foi a mais bella contradicção que se póde imaginar.

«O orador, como philosopho, é da escola materialista, e d'isso fez largo cabedal, apresentando a creação n'essa luta intestina e fatalmente necessaria á sua existencia. Acompanhou a escala dos seres desde as algas, musgos e sichens, estado quasi embryonario e duvidoso da vida vegetal, até o homem, o ultimo gráo de perfeição.

«O seu fatalismo, ou antes o de sua escola, nos fez muitas vezes recordar as opulencias da litteratura mahometana nos tempos aureos do califado de Córdova, essa aspiração vaga da alma humana, agrilhoada pela crença limitada e estreita, mas expandindo-se livremente aos impulsos de uma natureza brilhante e illuminada pelo bello sol da Hespanha!

«A transformação do orador tambem foi notavel.

«Elle que considerava o homem fatalmente preso a leis immutaveis, ao dominio exclusivo da materia e suas contingencias, eis que de repente se desprende d'esse circulo acanhado para apresental-o sob o ponto de vista moral, e de modo surprehendente falla dos seus sentimentos, aos quaes attribue a arte, como a dôr do lyrismo, essa interjeição rimada d'alma!

«A parte morphica de seu discurso teve tons de uma eloquencia sentimentalissima, e não podemos agra-

decer bastante á *Bibliotheca Publica Pelotense* o ter forçado tão modesto orador, que busca retrahir-se sempre, a acceitar o ensejo de manifestar-se de modo lisongeiro para seus creditos.

«Falta-nos fallar do Sr. Apelles Porto Alegre, o festejado orador de nossas festas litterarias.

«Temos sempre ouvido com muita satisfação o nosso digno comprovinciano e em outras vezes, a par da admiração que lhe prestavamos, deploravamos que lançasse o seu talento nas regiões estereis da politica, e désse aos seus discursos, que podiam ser um mimo litterario, a feição vulgar dos arrebatamentos demagogicos.

«Hontem, porém, o Sr. Apelles prendeu-nos a admiração e enthusiasmo, durante todo o tempo que occupou a tribuna. Foi felicissimo na parte historica, ninguem como elle accentuou a phase romantica da vida do poeta, esse pequeno oásis de uma existencia tempestuosa, e repartida entre os horrores do campo de batalha e as estrophes da epopéa!

«Como Emilio Castellar, o Sr. Apelles foi á historia buscar as suas mais lindas imagens e apropriadas comparações. Os seus neologismos foram cheios de belleza e o effeito que produziram, com a entoação de seu timbre sonóro e sympathico, foi de maravilhoso enthusiasmo. O seu discurso é um lindo florão litterario, digno e na altura do assumpto e muito em relação aos seus merecidos creditos.

«Como hontem, ainda hoje lhe enviamos um outro

brado, como aquelle, anonymo, e perdido na confusão dos applausos.

«A parte musical foi perfeitamente executada e esteve na altura da patria de Carlos Gomes e Mesquita.

«Os chóros entoados pelas Ex^{mas} e distinctas Sras. que os compuzeram, as symphonias da orchestra, tudo isto foi magico, de suaves e arrebatadores enlevos.

«Lindas poesias foram recitadas, sobresahindo a do Sr. Aurelio de Bittencourt, que teve a felicidade de apresentar em verso uma homenagem de *Gutenberg a Camões*.

«O Sr. Motta tambem recitou com muitos applausos uma poesia de Soares de Passos.

«Finalmente, tudo esteve bom e sem um unico senão.

«E quando consideramos este nosso paiz tão novo, tão cheio de felizes disposições que se revelam no talento e aptidão de seus filhos para a sciencia e para as artes; quando vemos entre estas Carlos Gomes e Pedro Americo, ambos sob as emoções do amor da patria, em duas soberanas concepções darem aos applausos do mundo o „Guarany" e a „Batalha de Avahy", o primeiro a palpitação harmoniosa do genio de José de Alencar, sempre audacioso e original como o genio das nossas florestas; algumas vezes suave e cheio de emoção como quando exprime o retrahimento religioso da Ave Maria, mas immediatamente imponente para fallar a linguagem barbara e selvagem das superstições grosseiras do Aymoré; o segundo o valor nacional, passando á posteridade, archivado nos tons do pincel do genio:

temos orgulho em possuir uma patria tão generosa e feliz, e nos julgamos capazes de apparecer desaffrontados no seio da culta Europa!

«Parabens, pois, á nossa cidade, que tão esplendido testemunho deu hontem de sua pujança litteraria e artistica, e á illustre commissão dos festejos do centenario, que tão cabal desempenho deu ao compromisso que a si tomou.»

Conservador de 12 de junho.

CENTENARIO DE CAMÕES. Foi brilhantissima a grande festa litteraria e musical que se effectuou ante-hontem no theatro S. Pedro, que se achava rica e apropriadamente decorado para a commemoração do tricentenario do grande épico portuguez.

«A's 9 horas da noite, occupando a respectiva tribuna o presidente da provincia, commandante das armas e os membros da commissão representativa, a orchestra executou, sob a direcção do Sr. José Stott, uma bella marcha triumphal.

«Em seguida subio á tribuna o distincto e talentoso moço Dr. Severino Prestes, a quem estava confiada a difficil tarefa de fazer o elogio historico do grande heróe das lettras, que encheu com os seus *Luziadas* a litteratura do seculo XVI.

«Discurso traçado em vasto molde, satisfez a geral espectativa e confirmou perante o publico a nomeada que cérca de prestigio o rio-grandense cheio de talentos, laborioso progressista, digno de inscrever-se entre

os que por maiores merecimentos se imponham ao apreço e ás honras de seus concidadãos.

«A commissão organisadora das festas do centenario tem justo motivo de desvanecimento pela acertada escolha que fez d'aquelle que a devia representar na magnifica solemnidade de ante-hontem.

«Que a corôa de louros que ao descer da tribuna recebeu o Sr. Dr. Severino Prestes, glorioso premio que na sua cidade natal recebe pela demonstração criteriosa de seus vastos conhecimentos, sirva-lhe de incentivo para atirar-se confiado á conquista de outras pugnas do talento.

«O Sr. João Baptista Tallone representou dignamente o corpo consular n'uma breve e apreciada allocução, finda a qual recitou um bellissimo soneto vivamente applaudido.

«A escola de infanteria e cavalleria teve representação na pessoa do Sr. Dr. Vicente Antonio do Espirito Sancto, junior, que fez um longo discurso passando em revista as diversas phases da vida do grande poeta objecto da festa.

«Coube á sociedade *Typographica Rio-Grandense* ser representada pelo respectivo presidente Sr. Aurelio V. de Bittencourt, que recitou uma bellissima poesia, recebida pelo auditorio com enthusiasticos applausos.

«Seguiram-se breves allocuções do Sr. Dr. Graciano Alves de Azambuja em nome da *Bibliotheca Publica Pelotense*, e do Sr. Dr. Constantino Rondelli. Uma e outra mereceram calorosas palmas, sendo comprimenta-

dos os auctores pelos representantes da imprensa e outros cavalheiros que se sentavam perto da tribuna.

«Fechou a primeira parte do sarau o bello chôro „Salve, ó genio" de Verdi, em que tomaram parte muitas distinctas senhoras de nossa sociedade e diversos cavalheiros, acompanhado a grande orchestra.

«Não se descreve o effeito grandioso que produzio o concerto de tantas vozes argentinas!

«Basta referir que não houve quem se não estasiasse diante de tanta harmonia, quem não tivesse elogios convencidos para os professores que haviam preparado tão importante exhibição.

«Parabens, muitos parabens á Ex.ma Sra. Questa Rondelli, ao Sr. Roberti, n'uma palavra a todos que compuzeram o deslumbrante chôro.

«A execução da grande symphonia de Rossini, que abrio a segunda parte, foi magistral.

«Voltou-se depois todo o auditorio para a tribuna onde assomára o vulto sympathico de Apelles Porto Alegre, que ia representar o *Parthenon Litterario*. Que dizer do discurso proferido? Com que palavras bastante significativas exaltal-o até á altura do que elle foi? Digam-nos os illustrados collegas mais competentes que nós, que só podemos consignar que a prova do triumpho do laureado orador foi ter á sua palavra presos os circumstantes, tomados de enthusiasmo e admiração.

«Por parte da imprensa allemã fallou o Sr. Carlos von Koseritz, publicista que ha mais de 20 annos com-

bate no jornalismo da provincia manejando o idioma de Camões como se o de sua patria fôra.

«Escusado é dizer que o discurso reflectio a grande illustração, os variados e profundos conhecimentos do auctor. a quem o auditorio cobrio de applausos.

«Foram garbosamente recitadas duas lindas poesias pelos Srs. Nicolau Vicente Pereira e Joaquim Jose Teixeira de Azevedo, junior. a quem não faltaram abundantes palmas.

«O Sr. Motta recitou com a conhecida proficiencia a ode de Soares de Passos „A Camões.“

«Terminou o sarau com o magestoso chôro „Houve um moço“ de Verdi. A execução foi brilhante como a do anterior, e produzio em todos a sensação mais agradavel.

«Pondo remate a esta ligeira noticia, cumprimos um dever felicitando a commissão directora por ter apresentado uma festa litteraria e musical que não teve ainda, nem terá tão cedo igual.

«Hontem devia effectuar-se o baile.»

Jornal do Commercio de 13 de junho.

Centenario de Camões. Realisou-se ante-hontem á noite a solemnidade annunciada em commemoração ao tricentenario do genio épico portuguez que se chamava Luiz de Camões.

«Reservamos-nos para dar completa noticia das festas em honra do grande poeta, depois de terminadas as mesmas.

«Desde já, porém, devemos dizer que a commissão apresentou uma esplendida festa como talvez não tenha visto melhor Porto Alegre n'aquelle genero.

«O theatro, adornado com luxo e excessivo gosto: a parte musical, tanto vocal como instrumental, na altura da solemnidade, rica pelo numero de executantes e pela belleza e bem ensaiado dos pedaços escolhidos; o concurso de excellentes oradores que esforçaram-se todos por bem desempenhar a seria e importante missão de que se haviam incumbido: a numerosa concurrencia do que ha de mais fino na nossa sociedade, tudo, emfim, fez do tricentenario de Camões uma deslumbrante solemnidade que muito honra não só a solicitude da commissão directora dos festejos, como os fóros de nossa bella capital.

«Do elogio historico do grande poeta se havia encarregado o Sr. Dr. Severino Prestes, illustrado joven que iniciou sua carreira n'esta capitál, provando de sobejo quão merecida era a opinião que formámos de seu talento e conhecimentos por occasião de sua chegada.

«O Sr. Dr. Severino Prestes teve momentos felicissimos e o todo de seu discurso é uma peça litteraria que ha de ser devidamente apreciada pois que vai ser dada a publico.

«Os outros oradores secundaram o orador official, e entre os outros discursos e poesias pedimos venia para destacar os proferidos pelos Srs. Apelles Porto Alegre, Graciano Alves de Azambuja e Aurelio V. de Bittencourt.

«Honra, pois, á commissão que tão bem desempenhou-se do pesado onus que se impoz.

«Hontem á noite teve lugar o baile que a commissão offereceu ás Ex.mas Sras. que contribuiram para a execução musical, devendo ter lugar amanhã a ceremonia da entrega dos diplomas commemorativos.»

Reforma de 13 de junho.

— «Sabbado e domingo teve lugar o baile offerecido pela commissão executiva ás Ex.mas Sras. que se prestaram a cantar no grande chôro no festival do dia 11 do corrente e a distribuição de diplomas commemorativos ás mesmas Ex.mas Sras. e aos cavalheiros que faziam parte da orchestra.

«O baile, ao que se diz, esteve magnifico e houve da parte da commissão todo o cuidado e diligencia para que fosse digno das pessoas a quem fôra offerecido.

«Esteve o baile muito concorrido e o theatro decorado com gosto e luxo.

«Na noite de 13 do corrente terminaram os festejos com a solemne distribuição dos diplomas commemorativos.

«A concurrencia avultou como nos dois primeiros dias. Pronunciou uma eloquente allocução analoga á ceremonia, na qualidade de presidente da commissão executiva, o Sr. Dr. Fausto de Freitas e Castro.

«Após esse acto, como estava annunciado, foram abertas as portas do edificio aos visitantes que concorreram em avultado numero.»

Reforma de 15 de junho.

«CENTENARIO DE CAMÕES. O baile que teve lugar no dia 12 não fazia propriamente parte do programma dos festejos.

«A commissão executiva, grata ás distinctas senhoras de nossa melhor sociedade, que se prestaram a abrilhantar o sarau musical, tomando parte na execução dos chóros, julgou de seu dever offerecer-lhes um baile para o qual foram os convites feitos pelas obsequiadas.

«Foi para esse fim utilisado o grande salão do theatro, armado como se achava, em festiva gala.

«A's 10 horas da noite enchia uma immensa e escolhida concorrencia tanto a sala quanto os camarotes e quando rompeu o baile foi verdadeiramente deslumbrante o aspecto que a vasta sala offerecia ao publico dos camarotes.

«A musica estava collocada na terceira ordem e o saguão estava transformado em sala de recepção.

«Era grande o luxo de toilettes, extraordinaria a riqueza de joias, mas tudo isso era obscurecido pela graça e pela belleza do bello sexo porto-alegrense, que enchia a sala e entregava-se ao doce prazer da dança.

«Porto Alegre nunca vira baile igual a este, quer pela concorrencia, quer pelo gosto e elegancia das toilettes, quer ainda pela franca alegria e perfeita harmonia que reinava na vasta sala do theatro S. Pedro.

«No salão da frente achava-se preparada uma profusa meza de doces em que as senhoras tomaram chá depois da meia noite, prolongando-se o baile até ás 4 horas da madrugada.

«Estamos certos que todos os assistentes conservarão grata lembrança d'essa noite de prazer, que, embora não officialmente, veio completar o programma dos festejos.

«No dia 13, ás 7 horas da noite, realisou-se a ultima solemnidade, — a distribuição de diplomas commemorativos ás pessoas que contribuiram para o maior brilho das festas.

«Era o complemento official do programma e de novo encheu-se o edificio do theatro S. Pedro da luzida sociedade que occupára nas noites anteriores.

«Salão e camarotes estavam cheios e os distinctos musicos que haviam contribuido para o festejo do primeiro dia occupavam de novo os seus lugares.

«A commissão executiva e os representantes da imprensa achavam-se no mesmo lugar do primeiro dia, havendo sobre uma mesa uma salva de prata com os diplomas commemorativos.

«Estes eram nitidamente litographados, mostrando no alto do folha o retrato de Camões e contendo inscripções proprias da occasião com as assignaturas da commissão executiva.

«Depois de haverem tomado os seus lugares juncto ao docel, tanto as gentis cantoras, quanto os cavalheiros que deviam receber diplomas, executou a grande orchestra mais uma vez (e a pedido de innumeras pessoas) a bellissima symphonia de *Guilherme Tell*, que tão applaudida fôra na noite de 11 de junho.

«Com quanto faltassem alguns executantes, cumpre confessar que a pericia dos outros tornou pouco sen-

sivel aquella falta, sendo a symphonia estrepitosamente applaudida.

«O Sr. Stott e os seus dignos companheiros tiveram nova messe de glorias n'essa noite e por longo tempo recordará o auditorio as delicias musicaes d'essas duas noites, sendo justo mencionar se aqui o grande serviço que prestou a sociedade *Philarmonica Porto Alegrense* habilitando um grande numero de amadores para execuções musicaes de tal difficuldade e importancia.

«Em seguida coube a palavra ao Sr. Dr. Fausto de Freitas e Castro, na qualidade de presidente da commissão executiva.

«A sympathica voz do orador, o justo renome que ha sabido conquistar nas poucas vezes que tem fallado em publico, assim como o estylo classico, a elevação dos pensamentos e a belleza das imagens que distinguiram seu discurso, lhe attrahiram geral attenção.

«E com effeito, foi a allocução do Sr. Dr. Fausto uma verdadeira chave d'ouro para os festejos do centenario. Seu discurso é um dos mais bellos entre os que foram ouvidos n'aquelle festivo recinto e estamos certos que como tal o classificará o publico, quando o lêr no livro que brevemente sahirá á luz.

«Finda essa eloquente allocução, passou a commissão á distribuição dos diplomas ás senhoras e aos cavalheiros que haviam levado o seu contingente para o maior brilhantismo d'essas homenagens que Porto Alegre prestou ao grande épico luzo.

«Com esse acto solemne finalisaram os festejos e ás 8 horas da noite abriram-se as portas do theatro ao publico em geral.

«Até horas adiantadas da noite compareceram muitos visitantes ao salão, apreciando todos a belleza dos adornos.

«Cumpre aqui mencionar ainda que o retrato de Camões, que figurára na solemnidade (obra do talentoso artista Sr. Balduino Rœhrig), foi offerecido á *Bibliotheca Publica*, onde occupará lugar de honra.

«Chegamos ao fim de nossa tarefa.

«As impressões que recebemos dos festejos do centenario em Porto Alegre foram as mais favoraveis e estamos certos que a *Gazeta*, expressando-se por esta fórma, é interprete fiel das pessoas que assistiram ás solemnidades.

«Porto Alegre é uma pequena cidade de provincia; não tem os recursos pecuniarios e d'intelligencia que encerra a grande capital do Imperio. Dentro de suas forças, porém, fez tudo quanto pôde e o livro que brevemente apparecerá, encerrando as respectivas producções litterarias, attestará para sempre que a gentil nympha do Guahyba soube prestar a devida homenagem ao mais brilhante genio do seculo XVI, ao maior épico dos tempos historicos, ao cantor das glorias luzas, áquelle que em vida se chamou Luiz de Camões e cuja immorredoura gloria encheu o mundo, tornando o seu tricentenario uma festa universal, como foram os centenarios de Shakespeare, de Gœthe e de Schiller, de Rosseau e de Voltaire.

«Terminando esta breve e descorada descripção, repetimos ainda que a gloria resultante d'esses festejos cabe em primeiro lugar aos dois mais activos e dedicados membros da commissão executiva, os Srs. Manoel Jose Gonsalves, junior, e Jose da Silva Mello Guimarães, assim como ao orador official e encarregado do elogio historico, o Sr. Dr. Severino de Freitas Prestes, que com verdadeira maestria desempenhou a espinhosa tarefa que lhe fôra confiada.

«Melhor do que podem fazel-o nossas palavras, fallará ao espirito publico o livro que será publicado, contendo todas as producções litterarias que honraram a tribuna no tricentenario de Luiz de Camões em Porto Alegre.»

Gazeta de 28 de Junho.

Centenario de Camões. Não podendo no dia 10, em razão do máo tempo que fez, realizar-se a festa ao tricentenario de Camões, effectuou-se ella na noite de 11.

«Uma escolhida sociedade enchia o salão do theatro *S. Pedro.*

«A fachada do edificio achava-se brilhantemente illuminada a gaz, tendo no centro a corôa portugueza.

«O interior decorado com luxo, tinha sobre as colxas de damasco festões de flôres artificiaes e as armas nacionaes e portuguezas.

«O palco representava uma tenda de guerra com adornos de escudos, armas e bandeiras das duas nações amigas.

«Ao fundo via-se o retrato do immortal poeta, collocado n'um magestoso docel, magnificamente adornado.

«A's 9 horas, presentes a commissão deliberativa dos festejos, a grande commissão representativa das differentes classes sociaes e a imprensa representada por alguns de seus membros, deu começo a festa com a marcha triumphal de *Meyerbeer*, executada pela grande orchestra, composta de distinctos musicos.

«A execução foi magistral e ao finalisar foram os professores estrondosamente victoriados.

«Finda esta parte musical seguio-se a litteraria, subindo á tribuna, em primeiro lugar o joven Sr. Dr. Severino de Freitas Prestes, como orgão da commissão organisadora das festas, fazendo o elogio historico do illustre épico Luiz de Camões.

«O joven Dr. revelou n'esse discurso os dótes de seu vasto talento.

Para que o leitor por si avalie essa magnifica peça litteraria, dal-a-hemos amanhã á estampa.

«Seguio-se o Sr. João Baptista Tallone, vice-consul portuguez, em nome do corpo consular, lendo uma bonita allocução e recitando um soneto a Camões:

«O Sr. Vicente Antonio do Espirito Sancto, junior, pronunciou um discurso, em nome da Escola Militar;

«O Sr. Aurelio Virissimo de Bittencourt, como orgão da sociedade *Typographica Rio-Grandense*, recitou uma bonita poesia intitulada „Gutenberg a Camões";

«Allocução pelo Sr. Dr. Graciano Alves de Azambuja, como representante da *Bibliotheca Publica Pelotense*, merecendo-lhe muitos applausos;

«O Sr. Dr. Constantino Rondelli leu uma breve allocução intitulada „Camões e sua patria“; findo o que teve lugar o magestoso chôro para ambos os sexos, regido pelo habil professor Sr. Roberti.

«Deu principio á segunda parte uma grande symphonia, de *Rossini*, executada pela orchestra.

«Em seguida subio á tribuna o provecto professor Sr. Apelles Porto Alegre, como orgão da commissão deputada pelo *Parthenon Litterario*, e pronunciou um pomposo e profundo discurso, mostrando mais uma vez os recursos oratorios de que dispõe.

«Ao finalisar foi o talentoso joven estrondosamente applaudido e felicitado por muitas pessoas que alli se achavam.

«Secundou-lhe o Sr. Carlos von Koseritz, que em nome da imprensa allemã, leu uma bem elaborado allocução, que mereceu-lhe numerosos applausos.

«O Sr. Nicolau Vicente Pereira occupou depois a tribuna recitando uma inspirada poesia de sua lavra, intitulada „A Luiz de Camões“;

«„Tributo a Camões“ é o titulo tambem de uma bella poesia, que foi logo apóz recitada pelo nosso amigo Azevedo junior, a qual daremos amanhã á publicidade.

«E terminou a segunda parte litteraria com a sublime ode „A Camões“, de A. A. Soares de Passos.

recitada pelo Sr. Motta, com aquelle garbo e enthusiasmo já conhecido do nosso publico.

«Seguio-se depois o magestoso chôro por ambos os sexos, intitulado „Houve um moço" que, sendo acompanhado pela grande orchestra, foi de um effeito magnifico.

«E assim terminou o sarau musical e litterario de sexta-feira.

— «No sabbado, foi offerecido um baile ás Ex.^{mas} senhoras que dispensaram seu valioso concurso ao festival tricentenario de Camões.

«Esteve elle muito animado e aristocraticamente concorrido.

— «Hontem teve lugar a distribuição dos diplomas áquellas Ex.^{mas} senhoras e cavalheiros que compuzeram a parte vocal e instrumental da festividade.

«Antes, porém, o Sr. Dr. Fausto proferio uma bonita allocução analoga ainda á commemoração da morte do grande épico portuguez.

«E nada mais nos lembra de momento que tivesse havido no vasto salão do theatro *S. Pedro* em relação ao programma de antemão publicado, que seja dito de passagem foi fielmente cumprido.»

Mercantil de 14 de junho.

Camões-Feier. Außerordentlich glänzend ist die Camões-Feier ausgefallen. Am 11. d. Mts. (da es am 10. regnete) strahlte das auf's Geschmackvollste ausgeschmückte Theater in nie geahntem Glanze. Bühne und Parterre waren in einen

Salon verwandelt. Die Bühne stellte ein Zelt vor voll kriegerischer Trophäen, und das von Herrn Röbrig gemalte Bild des Dichters befand sich in einer reizend hergerichteten Ausstattung mit kriegerischen Attributen, einer goldenen Lever, Blattpflanzen und Statuen im Fond des Theaters. Links davon war die Rednertribüne, rechts die Plätze für Sänger und Musik. Die musikalische Ausführung war vortrefflich; das Orchester, in dem die besten Kräfte der Stadt mitwirkten, leistete Außerordentliches; die Chöre, bei denen neben ca. 40 brasilianischen Damen mehr als 30 deutsche Sänger mitwirkten, machten einen prächtigen (und hier ganz neuen) Eindruck. Dr. Severino Prestes, der amtliche Redner des Abends, hielt eine glänzende Rede; außer ihm sprachen noch viele andere Redner, die viel Gutes sagten. Carl von Koseritz sprach im Namen der deutschen Presse und Litteratur. Wir werden diese Rede in einer der nächsten Nummern in Uebersetzung bringen. Am Sonnabend Abend fand der Ball statt, so glänzend, wie Porto Alegre noch keinen gesehen hatte. Es herrschte viel Luxus und man sah viele brillante Schönheiten. Der Totaleindruck war wirklich ein imponirender. Erst gegen 4 Uhr endete der äußerst interessante Ball. Sonntag Abend fand die Vertheilung der Ehrendiplome statt, und nachher wurde das Theater dem Besuche des Publicums geöffnet. Porto Alegre hat das Camões-Fest in durchaus würdiger und brillanter Weise gefeiert. Die deutsche Bevölkerung hat sich in ausgiebiger Art daran betheiligt und hauptsächlich die deutschen Sänger unter der erprobten Leitung des Herrn Luiz Grünewald haben viel zur Verherrlichung des Festes beigetragen.

«Centenario de Camões. *(Traducção).* Estiveram extraordinariamente brilhantes as festas para solemnisação do centenario de Camões. O nosso theatro, que se achava decorado com apuradissimo gosto, apresentou-se no dia 11 (por ter chovido no dia 10) n'um esplendor além de toda espectativa. O palco e a platéa estavam transformados em um salão. O palco representava uma barraca, ornada com trophéos de guerra, e o retrato do poeta, pintado pelo Sr. Balduino Rœhrig, achava-se n'ella, elegantemente adornado, cercado de attributos bellicos, de uma lyra de ouro, de folhas de louro e de estatuas, que formavam o fundo do theatro. A' esquerda da barraca erguia-se a tribuna dos oradores, á direita estavam os lugares designados para os cantores e a musica. A execução musical foi excellente, a orchestra, da qual fizeram parte os melhores professores da cidade, exceden á espectativa; os chóros, nos quaes tomaram parte, além de perto de 40 senhoras brazileiras, mais de 30 cantores allemães, produziram um effeito deslumbrante, além de primarem pela novidade. O Dr. Severino Prestes, o orador official da festa, recitou um brilhante discurso; além d'elle fizeram-se ouvir muitos outros oradores eloquentes. O Sr. Carlos von Koseritz fallou em nome da imprensa e da litteratura allemã; em um dos proximos numeros publicaremos a traducção d'esse discurso. No sabbado, á noite, realisou-se o baile que esteve esplendido, como até hoje Porto Alegre não teve outro. Houve muito luxo e notava-se a presença de muitas beldades seductoras. O

effeito geral era realmente imponente, e só pelas 4 horas da manhã terminou o baile, que esteve extraordinariamente animado. No domingo á noite fez-se a distribuição dos diplomas commemorativos e depois foi o theatro exposto ao publico. Porto Alegre celebrou o centenario de Camões de uma maneira sobremodo digna e brilhante. A população allemã tomou uma parte muito importante na festa, principalmente os cantores allemães, que, sob a proficiente direcção do Sr. Luiz Grünewald, muito contribuiram para o abrilhantamento da solemnidade.»

Julgamos de opportunidade inserir as bellas homenagens que alguns jornaes da capital consagraram a Luiz de Camões no memoravel dia 10 de junho de 1880. São do *Conservador* as seguintes eloquentes paginas:

«Volveram os dias, findaram os annos e correram os seculos a marcha implacavel do tempo, quando a gloria despertando sobresaltada e inquieta atravessa com passo rapido a morada humida e sombria da morte, e detendo-se junto a um tumulo de inscripção apagada, fende a lapida, rasga um sudario e d'elle ergue um cadaver macilento e frio, sobre o qual projecta uma luz intensa e sobrenatural, dizendo-lhe: — Eia, poeta e guerreiro, desprende-te dos grilhões do sepulchro e vem commigo assistir á apothéose que ao teu genio immortal as gerações modernas hoje prostradas rendem! Vem sobreviver-te, e partilhar do festim que em teu illustre nome celebra a posteridade na mais

livre e espontanea manifestação de enthusiasmo! Ouve os hymnos e os canticos na lingua em que cantaste as glorias de tua patria e recebe as homenagens dos descendentes de teus heróes! Não foste esquecido! Se na vida não encontraste os tributos que te prodigalisam hoje, é porque tinhas de percorrer todas as phases do martyrologio da gloria, que hoje pródiga entretece corôas para offertar-te em nome de dois povos irmãos pelas tradições. pela mesma solidariedade de raça e de costumes, e pelos laços indissoluveis de uma affeição sincera! Um e outro te consideram seu e ambos nas primorosas estrophes de teu poema-épico te rendem culto irmão, e repetem ao teu genio creador os encomios que mereces! Salve. Camões!

. . . .

A philosophia da historia, querendo tirar á fatalidade a sua intervenção nos grandes actos, em que a humanidade funcciona como unidade intelligente e livre, admitte uma theoria que se chama a logica dos acontecimentos, e nos quaes os povos, os actores constantes d'essa immensa tragedia, obram a priori ou a posteriori.

O fim de actividade commum, os sentimentos religiosos, o amor da patria e das instituições nacionaes, são o grande elasterio d'essas machinas complexas e multiplas, e todas as vezes que n'elle persistem não é duvidoso o resultado. A conquista do mundo tornou Roma militar, o amor das riquezas fez Tiro e Carthago mercantis, o amor do bello fez a Grecia artista.

A historia antiga e a moderna parecem confirmar essa theoria, que não é mais do que a ampliação dos attributos moraes da personalidade humana generalisada na grande unidade nacional. Os povos, por mais fracos que sejam os seus elementos de grandeza, guiados por um sentimento ou aspiração na qual persistem, realisam muitas vezes um absurdo geographico e tornam-se fortes e dominadores quando as circumstancias e o meio em que vivem pareciam conspirar contra a consecução do alvo a que attingem.

A Inglaterra, essa pequena ilha do Oceano, sem a força de expansão que tem revelado na sua constante tendencia de apossar-se do mundo, teria ficado reduzida á posição da Groenlandia e Islandia: entretanto o seu fim de actividade não se enerva, e ahi vemol-a por effeito de uma politica muitas vezes contradictoria sujeitando aos dominios da *graciosa magestade* povos hecterogeneos pela raça, lingua, costumes e respectivas posições geographicas! Portugal tambem teve sua idade de ouro. A sua historia, rica de factos gloriosos, tambem encantou o mundo com as lendas dos seus heróes!

«Desde a conquista do patrio sólo regado palmo a palmo com o sangue generoso de seus filhos, e prodigamente derramado pelo alfange mourisco, até ás guerras da Hespanha que queria reivindical-o como um patrimonio dotal, doado com exhorbitante generosidade, esse abençoado torrão ergue-se admiravelmente á altura de uma nação pujante pelo fervor de sua fé religiosa, pela

dedicação ás suas tendencias sociaes e pelo estremecido amor da patria.

«Esses seus heróes assombram o mundo com os seus feitos gloriosos e com a sua probidade *axiomatica*. Reunem no mesmo individuo essa dupla qualidade, o valor de Alexandre com a honradez de Fabricio, e multiplicam-n'os para apresental-os á posteridade como modelos vivos da superioridade moral do homem sobre as fraquezas inherentes á sua fragil especie. Esses modelos chamaram-se Affonso de Albuquerque, João de Castro e tantos outros que na sua opulenta historia apparecem a captar os applausos do mundo.

«Ha porém um periodo de sua historia que realmente surprehende a todas as previsões e provoca o mais sincero enthusiasmo!

«E' o que se desenvolve entre os reinados de D. Manoel, o venturozo, e D. João II.

«E' a epoca dos grandes descobrimentos, das tentativas audazes de seus navegadores! E' a apothéose dos Vasco da Gama e Bartholomeu Dias!

«A importancia politica e commercial de Lisboa, tornada o emporio do Oriente, depois do anniquilamento das florescentes republicas italianas do Mediterraneo, é a feição caracteristica d'esse brilhante periodico historico, que teve para chronista o nosso immortal poeta!

«Aos impulsos d'esses commettimentos grandiosos, sob as inspirações do amor de sua patria, o poeta desferio na lyra esses cantos immortaes mais duradouros que os sulcos que os galeões portuguezes rasgavam nos

mares asiaticos. O seu poema é a brilhante synthese de toda a historia d'aquella generosa nação, a qual o seu heróe conta ao rei indigena, e o apparecimento do seu genio foi um facto providencialmente necessario, porque só elle devia registrar esses grandes feitos, que até hoje todos nós repetimos enlevados na belleza de seus versos!

O paiz que apresenta tão esplendidos testimunhos de sua existencia passada, deve preparar os seus elementos do futuro.

«Não deve descrer da força occulta que tem em si, e póde de um momento para outro, reproduzindo-se as mesmas circumstancias, operar os mesmos resultados, e o exemplo dos grandes homens, a veneração por sua memoria são os melhores estimulos para sempre trilhar a senda do progresso e grandeza nacional.

«Abençoado torrão de nossos avôs! Permitti que na confraternidade dos sentimentos que nos desperta a contemplação de uma gloria que não é só vossa, porque tambem a reclamamos, vos possamos render aquellas homenagens de admiração e respeito que no berço nos ensinaram nossos pais, e que vos expressemos os sinceros votos que fazemos para que uns e outros, descendentes d'essa luzida turba de heróes, possamos, seguindo um mesmo commum destino, transmittir á posteridade, sem o menor deslustre, legado tão precioso!»

O *Teléphono,* periodico hebdomadario, exprimio-se da seguinte fórma:

«No momento em que a posteridade se levanta reconhecendo no immortal Luiz de Camões uma fulgente gloria e honrando a sua memoria, não podia o *Teléphono* ficar indifferente, porque, apostolo das lettras, deve tambem concorrer, segundo as suas forças, para o esplendor do centenario do principe dos poetas portuguezes.

«Luiz de Camões, esse homem que illuminou com o brilho de seu talento a historia de um grande povo, porém que mendigou o pão, quando havia dado á sua patria o poema dos seus grandiosos feitos, exhalou o ultimo alento aos 10 dias do mez de Junho de 1580.

«Aquelle homem, poeta e soldado, cuja estatua se levanta hoje na capital do velho reino, não existe ha tres seculos; mas a geração hodierna reconheceu o erro das gerações passadas, e rende n'este memoravel dia cultos de admiração e respeito á memoria de tão transcendente genio.

«Esta data que até então se conservára no mais criminoso olvido, inscreve-se agora no livro de ouro de uma grande nação, e em caracteres indeleveis apresenta ao mundo o nome do seu grande épico, do cantor de suas glorias.

Nós os brazileiros, fallando o mesmo idioma do infeliz vate, e nas suas obras estudando a historia das gentes lusitanas, n'aquelles tempos tão cheios de valor e de patriotismo que sempre faziam triumphar as quinas portuguezas, não podiamos deixar de nos associar á solemnidade que hoje se realisa.

«O genio não morre.

Esta verdade attestam aquelles que o foram nas obras que legaram.

«Camões em seu immortal poema escreveu uteis lições. mostrou o que é o amor da patria. cantou as grandes virtudes que devem ser o apanagio dos povos. e, repousando ha tres seculos, ainda nos inspira elevados sentimentos quando meditamos na sua obra prima.

«Todos os povos cultos têem admirado aquelle genio que expandio-se eternisando os feitos heroicos dos Lusitanos, e era tempo de se lhe votar justo e sublime preito.

«A provincia do Rio Grande do Sul concorre tambem para honrar a memoria do poeta-guerreiro. e o *Teléphono* envia á grande Nação Portugueza sinceras saudações.»

O *Mercantil* exprimio-se com elevação e enthusiasmo. nos seguintes termos:

«Duas nações são hoje chamadas a pagar uma grande divida. Dois povos separados por vastissima distancia. sem o menor liame politico, divergentes até em algumas de suas instituições. têem hoje uma missão a cumprir.

«E essa missão é para ambos um empenho de honra. um dever segrado; não lhes é dado inquirir, como o contrahiram.

«Não lhes precedeu estipulação ou ajuste. não acceitaram imposição alheia; mas ambos esses povos visam um unico objectivo: a solução d'esse debito!

«E' que se diversas são as nações, se tão profunda divisão existe entre ambas, liga-as uma mesma lingua, identidade de costumes, a mesma origem em fim.

«Portugal e Brazil — eis as duas nações, que para sempre separadas, devem ser eternamente amigas, como deve ser eterno o amor entre irmãos; diriamos talvez melhor: entre a mãe e a filha.

«As glorias de uma serão em todos os tempos partilhadas pela outra, como serão profundamente sentidas as desgraças ou humilhações, que pezem sobre uma d'ellas.

«Tão estreitamente ligadas pelos laços do sangue, da indole, e da propria litteratura, não pódem furtar-se á reparação d'esse gravame, que ha tresentos annos pesa sobre a consciencia de seus antepassados.

«Eia portanto, ó geração luzo-brazileira da ultima quadra do seculo XIX. — homenagem e profunda veneração ao immortal creador de vossa litteratura!

«Se tão injustos foram nossos maiores, que negaram as distincções e applausos, a que Luiz de Camões teve indisputavel direito; se á força da indifferença e do despreso, á mingoa o deixaram succumbir, lavemos em um só dia as culpas de tantos seculos.

«Não o despertaremos de seu somno sepulchral; mas ao menos provaremos aos pósteros que o dia de seu transito não deixamos passar, sem um testemunho do mais solemne e respeitoso reconhecimento.

«Tudo nos merece esse genio portentoso, que, como os de sua tempera, tanto se approximou da divindade.

«Ultimo e menos importante entre os representantes da imprensa diaria, deixai que o *Mercantil*, consagrando-se hoje á memoria do *Homero* portuguez, concorra, como póde, para a grande solemnidade das duas nações irmãs.

«Foi no dia 10 de junho de 1580, segundo as mais escrupulosas investigações, que adormeceu para sempre o immortal cantor dos *Luziadas*.

«Uma sepultura humilde, á entrada de uma igreja de Lisboa, recebeu de humilde sarcophago os frios despojos d'esse genio inexcedivel.

«Sobre seu tumulo nem sequer uma inscripção foi logo traçada, para lembrar aos portuguezes que ahi repousava o cantor de suas glorias.

«E' que Luiz de Camões vivêra em uma epocha e em um paiz, que não o podiam avaliar.

«A pequenez do territorio, deficiente cultura de uma lingua ainda barbara, preconceitos da vida social, o espirito de conquista, tudo concorrêra para essa indifferença, com que Portugal acolheu os primeiros vôos d'essa imaginação privilegiada.

«E com tudo, apezar de tanta frieza, mal sabiam os ingratos portuguezes que esse ente despresado e aborrecido, qual outro Homero, preparava-lhes no silencio de suas cogitações um padrão de gloria mais immorredouro, que o de suas tão custosas conquistas.

«A sêde d'essa ambição de dominio matava-lhes a nacionalidade, quando, em meio de um d'esses tão ousados quão fanaticos commettimentos, cahira exanime o legitimo monarcha da nação portugueza.

«A corrupção, a baixa intriga, franqueavam ao inimigo irreconciliavel e invejoso, o dominio de um paiz, cujos habitantes, altivos e pundonorosos, haviam lutado durante seculos pelo mais nobre de seus anhelos: — a independencia nacional.

Já não era essa velha e pugnacissima Luzitania, que ousára, após tenaz resistencia, desbaratar as aguerridas hostes de Manlio e de Pisão, que só depois de exhausta fôra absorvida pela grande massa dos exercitos romanos: era apenas o pequeno condado de Portucale, que de victoria em victoria conseguira, em mais de tres seculos de porfiosa luta, alargar seus limites, consolidar sua monarchia, e não podendo mais entender-se no continente europeo, levar a regiões longiquas e ignotas o estandarte triumphante das quinas de Affonso Henriques.

«Essa nação de tanto heroismo, que a posteridade ainda admira, cahio prosternada aos pés do feliz herdeiro das corôas de Leão, Castella, Navarra, Aragão e Granada, e, por seu turno, concorrera com seus vastos dominios a formar de facto o mais vasto imperio, que o mundo tem, ou terá talvez contemplado.

Mas o usurpador não cogitára muito dos meios de conservar sua presa. Elle e sua côrte, ou não estudaram, ou não comprehenderam a politica de Machiavel, já então conhecida em toda a Europa.

A nação conquistada possuia outros habitos, outra indole, o sentimento da propria nacionalidade, tantas vezes manifestado e outras tantas sopitado.

Se juntarmos a estes elementos a posse de uma

lingua, que a musa predestinada de Camões tornára culta, melodiosa e sem affectação, uma lingua, que nunca se poderá harmonisar nem confundir com a de Lope da Vega e Calderon de la Barca, ter-se-ha comprehendido que uma tal conquista, á parte a inepcia do usurpador, não deveria perpetuar-se.

«Esse misero captiveiro começára no mesmo anno, em que o grande epico se finára em tão esqualida e desapercebida miseria, e devêra baquear para sempre, quando as producções de seu sublime estro se tornassem um codigo de bom gôsto para a lingua e litteratura portugueza.

«Até 1580 contavam os *Luziadas* duas edições, que ambas tiveram lugar em Lisboa no anno de 1572.

«Dados os precisos descontos: do crescido numero de estancias omittidas, das correcções e transformações, por que a meza do Santo Officio fez passar os manuscriptos do poeta, talvez mesmo o atrazo da arte typographica em Portugal, e comprehender-se-ha, além das outras cousas, que grande effeito não produziriam em oito annos essas duas publicações.

«Foi essa indifferença a par da pobreza, a que se vio reduzido, que abreviou os dias do poeta, cujas obras só depois de sua morte começaram a ter geral acceitação.

«Na propria côrte de Madrid fôra elle por tres vezes traduzido; e, ao passo que em Lisboa se succediam as impressões, o proprio original se vulgarisava por toda a peninsula.

«Varios amadores o verteram para o latim, e o estrangeiro, avido de estudo, vinha ler e apreciar essa epopéa de modo a insuflar os brios agrilhoados da nação portugueza.

Da Italia fôra esse genio saudado pelo immortal Dante, e foi aturdido por esses applausos do mundo civilisado, que um amigo deslembrado, por algum tempo, salvou do pó do esquecimento suas cinzas preciosas. Já não lhe faltavam admiradores na propria patria; mas . . . era mui tarde.

Uma, depois outra lapida se gravaram sobre seu tumulo, e quando, após sessenta annos, o sentimento da nacionalidade sacudio (facto raro na historia) a dominação dos Philippes sem o estrepito das armas, não foi para admirar que a nação portugueza aos poucos recuperasse o gosto pela cultura das lettras.

Em verdade, após Camões e essa pequena pleiade que com elle desapparecêra, surgiram do meio do obscurantismo, em que a dominação de Castella deixára immersa a nação portugueza: — Lobo, Vieira, Botelho, Gabriel de Castro, Sá de Menezes, Semedo, Gregorio de Mattos e Bernardes, e, mais tarde: Quita, Diniz, Philinto, Caldas, Gonzaga, Alvarenga, Gomes, Bocage, Macedo, Bazilio da Gama, Durão e muitos outros.

Todos não duvidaram reconhecer em Camões essa primazia, a que lhe dá direito a elevação de suas idéas e sentimentos, a proficiencia e pureza de suas rimas e sobretudo a concepção do seu grande e monumental poema.

«Um só poderiamos destacar, e fôra Macedo, que compondo um poema para offuscal-o, lhe ficou mui somenos.

«Mas, abstracção feita d'essa rivalidade mesquinha e injustificavel contra o morto de mais de dois seculos, Macedo, seus coetaneos, essa geração moderna que em Portugal teve á sua frente Herculano, Garrett, os Castilhos etc., no Brazil, Magalhães, Gonçalves Dias, Porto Alegre e muitos que longo fôra nomear, todos são outros tantos discipulos do classico dos classicos d'esse idioma, que, arrancado da mais barbara corruptela da Galliza, foi elevado pela mais desvelada cultura á alta cathegoria de filha predilecta e aperfeiçoada da lingua latina.

«Nem tanto bastaria para tornar o nome de Camões superior aos ultrages de seus pequeninos inimigos: mas é que elle não será sómente uma gloria nacional, se não que sêl-o-ha tambem da humanidade.

«Se compararmos seu immortal poema com esses livros grandiosos, que formam o padrão de gloria poetica das diversas linguas vivas e mortas, não acharemos um só que possa supplantal-o.

«Após a *Illiada* e a *Odysséa*, após a *Eneida* e as *Bucolicas*, vieram os *Luziadas* occupar distincto lugar entre aquelles poemas, que mais tem enriquecido a poesia universal.

«Superior em tudo á *Theogonia* de Heziodo, á *Argonautica* de Appollonio, á *Pharsalia* de Lucano, á *Guerra punica* de Italicus (servil imitação da *Eneida*),

poderá como todas as producções do engenho humano empannar-se ante a uncção poetica de alguns livros do Velho Testamento, que nenhuma poesia de outra lingua tem podido igualar; mas ficará sempre muito acima dos *Kings* de Confucio, dos *Vedas* do Indostão, do *Zend-Avesta* de Zoroastro, do *Koran* de Mahomet e de tantas outras composições orientaes, que a curiosidade dos francezes fez verter para sua lingua.

«Se dos antigos passamos aos modernos, observamos que Dante, Ariosto, Boiardo, o mesmo Petrarcha em seu genero ainda não podem admittir paridade com o grande epico portuguez, emquanto Tasso, o immortal cantor da *Gierusaleme liberata*, seu competidor e seu amigo, já vimos prestar-lhe solemne homenagem.

«Exceptuados esses, não vemos que a culta França, a douta Inglaterra, a perseverante e estudiosa Allemanha pudessem no seculo XVI offerecer aos seus apreciadores um livro como o de Camões: e entretanto (quem o diria?) em todos esses povos encontrou elle apreciadores sinceros, que o traduzissem ou d'elle fizessem o mais serio estudo.

«Mas não ficou só n'isso: a terra de Klopstock, de Gœthe, de Schiller, Gessner e outros genios sublimes, levou tão longe sua admiração, que nos seus theatros occupou distincto lugar o drama de Münch-Bellinghausen, em que figura de protogonista o nosso Camões, já celebrado n'um romance de Tiech.

«A patria de Shakspeare, de Milton, Cowley, Dryden, Pope, Young e Byron póde allegar-nos que a instiga-

ções de um seu illustre compatriota é devido esse nobre empenho, que, ha mais de meio seculo, tomaram os portuguezes de saldar essa divida, que por tres seculos pesára sobre sua nação.

«E não foram baldados os esforços de Adamson, nem as doces advertencias do mavioso cantor do *Child Harold;* não sómente Portugal, mas tambem o Brazil estão isentos do mais negro dos crimes: — a ingratidão.

«Luiz de Camões não foi só o erudito e harmonioso cantor dos *Luziadas.* Em todos os generos de poesia exercitou elle o seu estro, e em todos ou excedeu, ou pelo menos egualou os demais talentos coetaneos, que com elle concorreram.

«O soneto, essa producção difficil e imponente, que, na phrase de um distincto professor de poetica, póde em quatorze versos heroicos envolver o assumpto de um poema, mereceu tamanho cultivo do nosso grande epico, que chegou a escrevel-os em numero de 286, segundo a bem accurada edição de suas obras em Lisboa, 1852.

«Outras edições posteriores lhe attribuem muitos outros sonetos, mas nem tantos, como os que fóra de duvida lhe pertencem, bastariam para mostrar a pasmosa fecundidade de imaginação do auctor dos *Luziadas.*

«O merito d'esses sonetos, muitos dos quaes em hespanhol, é tamanho, que nem Bocage, e ainda em concurrencia com elle, nem ninguem pôde tirar a Camões a primazia n'essa composição difficil.

Nas elegias, epigrammas, composições bucolicas e

lyricas, tróvas, voltas e canções de todo o genero, em todas seu estro brilhára com fulgor immareavel.

«Nas composições theatraes deixou elle tres comedias, que, affirmando seus biographos terem sido escriptas na sua adolescencia e representadas por seus collegas da Universidade conimbricense, mesmo assim, reunem tanto merito, que muitos homens não desfavorecidos de talentos desejariam poder formar com ellas uma reputação litteraria.

«Pedaços chistosos na linguagem demasiado livre d'aquelles tempos, ainda hoje não se os poderá ouvir ou ler, sem que desafiem um riso sincero.

«Em meio do enredo comico destacam-se trechos sérios, nos quaes a philosophia ou o sentimentalismo tomam o mais amplo desenvolvimento, taes são a scena 5ª do 1º acto dos *Amphitriões* e as scenas 1ª do 3º e 4ª do 4º acto do *Filodemo*, a melhor de suas composições theatraes.

«N'esse genero, que parece incompativel com a grandeza e magnitude do épico, encontra-se o nosso heróe em perfeita e indecisa competencia com o auctor da *Castro* e o da *Floresta dos enganos*.

«Escrevendo extensas paginas dos melhores versos, que do seculo aureo da nação portugueza passaram á posteridade, não poderia Camões ficar isento de erros, mas, não fossem as correcções e modificações dos censores, talvez nem um só lhe seria notado.

«Porém nós, que apenas por impulso todo espontaneo somos levados a prestar um modesto contingente

á consagração d'este dia, deixaremos inteiramente de parte a apreciação dos poucos erros ou das muitas bellezas de seus carmes.

«Continuem as obras de Luiz de Camões a ser o ornamento das nossas bibliothecas, o estudo obrigatorio de quem quizer aperfeiçoar-se no conhecimento da lingua vernacula, ou a leitura para deleite, de quem necessite momentos de util distracção, e teremos pago esse tributo, de que só o analphabeto póde estar isento.

«Outros testimunhos de gratidão não poderão mais dar os portuguezes do que esse moimento em cujo cimo a figura respeitavel do cantor dos *Luziadas* parece contemplar em eterno e grato extase as gerações, que hão de surgir e desapparecer.

«Esta festa em sua memoria, seja a exemplo das que outros povos teem instituido para os heróes dos eu pantheon, o complemento d'esse culto, que o Brazil e Portugal devem a quem tanto glorificou os feitos de seus antepassados.»

Temos satisfação em mencionar que os tres jornaes de que transcrevemos tão valiosos conceitos, publicaram-se no memoravel dia em exemplares especiaes, nitidamente impressos, rivalisando entre si na elegancia e bom gosto typographico.

O artigo em allemão que inserimos a paginas 68 e 69 foi extrahido da *Deutsche Zeitung* de 16 de junho.

Fechâmos as transcripções com o seguinte artigo da *Gazeta de Porto Alegre:*

«O dia de hoje pertence em todo o mundo civilisado a Luiz de Camões, o cantor dos *Luziadas.*

«O genio não tem patria; sua origem é a eternidade, seu pedestal o universo, seu cimo se perde no firmamento.

«Luiz de Camões pertence ao universo, porque é o maior épico dos tempos historicos.

«E' um dos poetas-reis, cujos nomes perdurarão no mundo terrestre, quando o pó do esquecimento já houver apagado a memoria dos Alexandres e dos Napoleões.

«E' que os fructos do genio, na sublime phrase de Felix da Cunha, "o pó que não os dá, não os consome."

«Atravez dos seculos recebe geração por geração a tradição do passado; relembra, é certo, a fama dos heróes, mas seus nomes passam; immortaes só ficam as glorias do pensamento escripto.

«O nome de Luiz de Camões é festejado hoje em todos os paizes civilisados, porque os *Luziadas* ha muito que fazem parte do thesouro da internacional litteraria.

«Se a Allemanha, se a França, se a Inglaterra, se a Hespanha celebram hoje a fama do illustre épico portuguez, muito mais devemos celebral-a nós, que fallamos sua lingua, que n'ella escrevemos e pensâmos, n'essa lingua que as suas estrophes tornaram a mais harmoniosa do universo.

«Porque as glorias de Portugal, glorias brazileiras são.

«O filho herda os thesouros da mãe; Camões pertence ao Brazil, como o Brazil pertenceu a Portugal.

«E pois, é justo, que n'este dia que recorda a aziaga hora em que o sublime épico „morreu com a patria". a nossa gentil Porto Alegre se revista de galas para celebrar a memoria do luzo cantor, cujas glorias nossas são.

«E' justo, porque Camões é o grande mestre da lingua que todos fallâmos, é o escriptor que melhor

„Attesta com seu brilho permanente
„Os feitos immortaes da luza gente!

«Camões é um d'esses gigantes do pensamento e da arte, que só nascem de centos em centos de annos; o mesmo seculo póde produzir um Napoleão e um Moltcke, um Talleyrand e um Bismarck, um Laplace e um Darwin, mas não produzirá um Homero e um Camões, um Shakespeare e um Gœthe, um Cervantes e um Hugo.

«E entretanto esse immortal poeta que esculpio o seu nome na frente do mais bello poema épico do universo, morreu pobre e despresado em sua triste habitação da rua de Sant'Anna em Lisboa, onde cruel enfermidade prostrára no leito de dôr o illustre cantor. que mais que nenhum outro contribuio para elevar as glorias luzas, para celebrar os feitos d'esses „varões assignalados" que „por obras valorosas" se foram „da lei da morte libertando" e que ao mundo deram o raro exemplo de um povo pequeno que „por mares nunca dantes navegados" levou a cruz e a civilisação, foi „dilatando a fé e o Imperio, ás terras viciosas de Africa

e de Azia. „edificando entre gente remota. novo reino que tanto sublimou."

«E' que no campo das lettras data a gloria quasi sempre do momento em que se desfaz a combinação da materia: parece que a essencia do espirito só então se desprende de seu envolucro e vai enchendo o universo.

«Para Camões começou a vida immortal na hora em que expirou sobre a pobre enxerga de seu leito.

«Elle o adivinhava quando, já moribundo, dizia a um seu amigo: „Quem ouvio dizer que em tão pequeno theatro como o de um pobre leito, quizesse a fortuna representar tão grandes desventuras? E eu, como se ellas não bastassem, me ponho ainda de sua parte. porque procurar resistir a tantos males, pareceria especie de desavergonhamento."

«Resignação sublime, que bem demonsta que Luiz de Camões não ignorava que com a morte começava para elle a posteridade.

«E começou.

«Dezeseis annos não eram passados e já D. Gonsalo Coitinho procurava a esquecida e humilde sepultura do poeta, e mandava trasladar os seus restos para outra jazida assignalada, collocando-lhe inscripção tumular.

O terremoto destruio essa lousa em 1755, mas o patriotismo do illustre vate luzitano Visconde de Castilho, conseguio descobrir as cinzas d'aquelle que é a maior gloria de Portugal e que tendo celebrado todas as outras glorias da terra luzitana, dormia ignorado o somno dos mortos.

«E isto em epocha em que o seu nome já enchia o mundo, em que seu grande poema já fôra vertido para todas as linguas civilisadas e em que já ninguem lhe contestava o titulo de — maior épico — dos tempos historicos.

«Dois centenarios de sua morte haviam passado e nem ao menos a data d'ella estava bem assignalada.

«Só nos ultimos decennios cessaram todas as duvidas. fixou-se o dia de seu passamento e hoje celebra o mundo o seu tricentenario.

«Tardia, mas sempre valiosa indemnisação pelo muito que soffrêra Camões na vida e na morte...

«Tambem nós vimos depositar as nossas homenagens de admiração e respeito junto ao tumulo em que dorme o poeta que morreu com a patria, mortalmente ferida nos campos sangrentos, d'Alcaçar-Kebir. onde sepultou-se o joven e cavalleiroso Rei D. Sebastião. esse digno emulo de Bayard e Carlos XII.

«Porto Alegre dedica hoje ao auctor dos *Luziadas* as honras compativeis com suas forças; a imprensa não póde deixar de occupar o seu lugar n'este grande festival.

«Levâmos o nosso modesto tributo aos manes do mais insigne cultor da poesia luza.

«E' modesto, sim, porém sincero. porque convicto culto prestâmos ao grande cantor. que por sua vez se foi „da lei da morte libertando“ e elevando a sua fama acima de toda a rivalidade.

«Se a Grecia possuio o seu Homéro, se Roma o

seu Virgilio, a idade moderna teve Camões, junto ao qual parece acanhado um gigante como Ariosto.

«E basta! Vozes mais eloquentes que a nossa vão ser ouvidas nos festivos salões que hoje reunem tudo quanto de illustrado e amante ás lettras possue a nossa sociedade.

«Não perturbemos mais o magno concerto d'harmonias que hoje celebra a memoria do cantor das glorias luzitanas.

«Cumprimos um dever, embora nos achemos acanhados em face de tal commettimento, mas

«*Ubi desunt vires, tamen est laudanda voluntas!*»

DISCURSOS E POESIAS

RECITADOS NO SARAU LITTERARIO E MUSICAL

Ha individualidades que não morrem, ha entes que a posteridade manda, com a vóz do Christo, erguerem-se dos tumulos para viverem entre os bemfeitores da humanidade. São os genios que se destacam esplendorosamente das páginas da Historia como sóes cuja luz nem o espaço, nem os tempos conseguem diminuir. Eu venho fallar de um d'elles que, após tresentos annos, recebe em todo o mundo a canonisação que o seculo XIX decerne aos deuses que adora; eu venho fallar de um nome que a gratidão de um povo gravou no coração de cada um de seus filhos, de um nome que o arauto do talento, o apostolo da civilisação, — a imprensa — propagou de um extremo do universo ao outro, causando a admiração que excitam os Hercules do pensamento; eu venho fallar de Luiz de Camões!

A humanidade, senhores, possue uma linguagem brilhante, harmoniosa, divina, em que se communica e pela qual transmitte de geração a geração os seus ideaes, as suas crenças e as suas tradições religiosas: essa linguagem é a arte.

Por isso, os monumentos desmedidos, immensos e informes da India relembram os seus idolos, emquanto as pyramides do Egypto recordam a sua religião mysteriosa, e as arenas, os colyseus, os foruns espalhados pela soberba Roma attestam a sua supremacia de dominadora do universo. Não é só. A arte é o tympano que repercute esse desejo de realisar o bello, ambição constante do eterno Prometheu — o homem. A architectura assignala a sua admiração pela natureza e as suas obras dizem que, emquanto architecto, o homem não comprehende que é o senhor dos elementos e que o seu espirito não deve cingir-se a tomar por inspiradores os modelos da materia. Mas, rompendo os élos que o prendem ao pantheismo, o homem chama-se Grecia, é estatuario e esculpe no marmore a sua fórma; dá mais vida ás estatuas que criára, empresta-lhes mais variedade, traduz para a téla a alma nos seus arroubos, nos seus extasis e é pintor; subjeita as suas palavras a um rythmo, rouba ás espheras as suas harmonias e as accorda para dar um consolo ás nossas dôres ou exprimir n'um hymno as nossas alegrias e é musico. Assim, a arte tornase uma escala mysteriosa, como já disse alguem, que o homem percorre lentamente, libertando os seus ideaes esthe-ticos, das fórmas materiaes, até crear, pintar e cantar

conjunctamente. até chegar a exprimir todas as suas concepções pela poesia, onde pára, senhores, por só encontrar Deus acima de si! Poeta. o artista primeiramente modula os seus versos em honra da natureza que o cérca ou do Deus que a sua religião manda incensar; depois, esquadrinha o mundo habitado pelos sentimentos e desfere cantares cujas notas são a aspiração de prazeres não gozados ou a idealisação do sentimentalismo ou os reflexos do Creador na sua alma! Mais tarde, elle comprehende que tem missão mais nobre a cumprir e é o sincero que annuncia ter chegado a epocha em que a historia de seu paiz é de tal modo grande, tão cheia de heroismos nobres, de abnegações caladas, de sacrificios desconhecidos que merece uma epopea, um monumento alevantado por elle, que resistindo á destruição dos tempos, dure eternamente como o symbolo de sua grandeza. *Ære perennius!*

Por isso, nasceram os épicos do mundo antigo e appareceram os do mundo moderno. Banindo os preconceitos da Idade Média. renegando o seu passado vergonhoso, o seculo XVI abrio na Europa a éra chamada Renascença — isto é. o atrevimento, a ancia do saber e o culto pela belleza. A Idade Média queria o espirito silencioso como os seus claustros. a Renascença tornou-o revolucionario: na Idade Média a terra, o homem e o céo eram mysterios cuja investigação era um crime; a Renascença. por intermedio de Colombo, extendeu os limites do mundo; fez André Vezale arrancar da morte os segredos da vida e deu coragem a Galileo

para repetir bem alto: *E pur si muove!* A Idade Média foi uma queda e uma syncope da arte, a Renascença levantou a architectura com Brunelleschi e ergueu a pintura com Miguel Angelo! Estava bem distincto o mundo moderno do medival; e os povos, que se tinham feito soldados da cruzada sancta, da revolução social e artistica de que era pregador o espirito do seculo, porfiavam em progredir e disputavam a posse do tumulo em que jazia a lyra da antiguidade, porque a da Idade Média estalára nas mãos de trovadores mediocres. Portugal que assomára então entre as nações da Europa com a pujança do heroismo e que soubera firmar sua bandeira victoriosa n'essas terras desconhecidas em que o homem era jaguar e tinha as vilanias da panthera, Portugal ouvio tambem a voz do seculo e produzio os seus ensaios epicos: Diogo Brandão narrou as victórias dos reinados de D. João I e D. João III, Luiz Henriques cantou a tomada de Azamor e João de Barros no seu Clarimundo celebrou em quarenta oitavas os feitos portuguezes; mas nenhum d'elles, senhores, era o novo Messias esperado! Essa glória estava reservada a Camões! Nascido em 1524, quando Portugal estremecia abalado pelo baque do corpo de um gigante, Vasco da Gama, esse novo Neptuno cuja voz aplacava as ondas raivosas do oceano, domava os elementos e mudava as insidias das tormentas em luzes de esperanças, Camões teve talvez visões que o apontavam Homero do seu paiz e começou a escrever os *Luziadas*, a Biblia do patriotismo, cujas estrophes animam, alentam, fortalecem,

vivificam os guerreiros e são o ensinamento do amor patrio, as maximas e exemplos com que os paes educam os filhos! Esse poema immortal, quer litteraria, quer politica, quer moralmente considerado, apresenta em Camões o primeiro epico dos tempos modernos! Obra litteraria, os *Luziadas* têm o verdadeiro cunho da epocha em que foi escripto; o abraço entre o christianismo e a religião grega. Filho de um povo christão, de um povo cuja bandeira tinha o emblema dos soffrimentos do Christo, Camões não podia deixar de narrar que a Cruz, o sagrado madeiro erguido no Calvario, era o pharol que guiava os navegadores portuguezes; não podia deixar de contar que, emquanto elles conquistavam as terras, os missionarios christãos conquistavam as almas, que quando um Cabral descobria mais uma estrella para engastar no diadema portuguez, os marinheiros ajoelhavam em terra para ouvirem da bocca do sacerdote a primeira oração christã que echoava nas brazilias florestas!

Mas, filho tambem do seculo XVI, nascido n'um periodo em que a consciencia ensaiava libertar-se para, mais tarde, proclamar, por meio de Luthero, a sua independencia; nascido n'um tempo em que as obras de Homero e Virgilio recebiam o incenso de todas as intelligencias, Camões não podia deixar de misturar no seu poema verdades christãs com as bellezas da mythologia, nem podia prescindir dos deuses do paganismo, porque elles eram instrumentos que convertia em degráos para a elevação de sua patria. Nem procureis

senhores, analysar os *Luziadas* pelas regras de Quintiliano. Camões recolheu em seu peito todos os sentimentos, em seu cerebro todas idéas que dominavam no seu povo e teve elementos para escrever as estrophes arrojadas, para pintar os quadros admiraveis do seu immortal poema! Obra poetica, os *Luziadas* narraram feitos gloriosos que, echoando em todo o mundo, tornaram proverbial o valor portuguez; obra politica, elles foram o facho luminoso em tôrno do qual se agruparam os heróes de 1640! Obra moral, os *Luziadas* compendiaram as virtudes, endeosaram o merito, ergueram pedestaes aos vultos de Vasco da Gama, Albuquerque e muitos outros e ensinaram assim que, pelo amor da patria, se ascende ás pyramides da gloria.

A influencia benefica exercida por Camões, não se fez sentir unicamente por esse lado. Abandonando o estylo hespanhol conservado no cancioneiro de Rezende e usado pelos versejadores de passados seculos, Camões concorreu poderosamente para o brilho da lingua portugueza e nacionalisação da sua poesia. Foi, além d'isso, o chefe da escola camoneana que produzio poetas épicos que cantaram o primeiro e segundo cerco de Diu, o naufragio de Sepulveda e a Elegiada; que produzio os lyricos cujos versos tinham o accento e a melodia dos sonetos de Camões, que fez emfim discipulos para o acompanharem como satellites de um grande astro. Os seculos posteriores desejosos de innovarem, querendo apresentar uma feição especial, coveiros da valla commum em que se deviam sepultar, desdenharam de estudar e aprender

nos livros do grande mestre! Assim o seculo XVII em que dominaram as Academias dos Anonymos, dos Escolhidos, dos Ambientes e dos Singulares, creou o estylo seiscentista que se caracterisou pela falta de senso nas figuras. O seculo XVIII, levantando thronos aos quinhentistas, recusou na sua Arcadia o lugar de honra devido a Camões. Entretanto, Garrett, no começo d'este seculo, comprehendendo a influencia que nas lettras exercêra o épico portuguez e tornando-se interprete das tradições populares, escreveu um poema de que fez heróe o cantor do Gama. E agora que a poesia portugueza, seguindo a vereda traçada pelo velho Hugo, marcha altaneira, derrocando os preconceitos, agora que ella entrou no periodo que Schlegel definio presentimento do futuro, o épico do seculo XVI inspira o respeito dos grandes mestres e a nova geração portugueza inclina-se, ajoelha-se, submissa e respeitosa, para prestar homenagem, para deixar passar o cortejo da nação inteira que no dia do tricentenario da morte de Camões deposita junto á sua estatua a corôa de rei dos talentos que têm produzido!

Tres periodos resumem, meus senhores, a vida de Luiz de Camões: o da crença, o da lucta e o da agonia. O primeiro abrange a infancia e a mocidade do poeta: a infancia dourada pelos raios da ternura, a mocidade dourada pelos raios do amor; a infancia em que elle ensaiou os seus primeiros passos dirigido pelo anjo do bem, por sua mãe: a mocidade em que elle caminhou firme e altivo guiado pela mais linda das filhas

de Ulyssea; a infancia em que elle formou o coração, onde devia mais tarde gravar o nome de Natercia: a mocidade em que, artista, elle sentio-se fascinado pela belleza da Madona que encontrára, em que, sonhador, descobrio a dama cuja imagem devia guial-o nos combates da vida, em que, homem, amou com o amor ascetico, platonico, de poeta, que, ferindo as fibras mais intimas do seu coração, foi o inspirador de suas Rimas! Mas, fatalidade ou providencialismo, o amor desgraçado ha de ser sempre a partilha dos Petrarchas, dos Tassos e dos Dantes, d'esses sonhadores que o amor fez martyres!

Os parentes de D. Catharina de Athayde descobriram um crime na adoração do poeta, denunciaram-n'o e elle foi desterrado para a Africa. Até então, elle não conhecêra os cardos do mundo, nem se ensanguentára nos combates da vida. Era moço e crente; recebêra os applausos da mocidade de Coimbra e tinha fé nos louros do futuro. Com o destêrro, porém, começou uma serie de luctas que o teriam morto, si elle não fôsse immortal. Dezeseis annos de accusações iniquas, de dôres e de soffrimentos durou essa phase da vida denominada de luctas uma peregrinação sem descanso, de angustias, que principiou brandindo uma espada de guerreiro e perdendo um de seus olhos, defeito que, tirando-lhe a belleza physica, deu-lhe em troca o attestado indelevel de sua bravura! O baptismo de sangue excitou-o a tomar parte nos successos militares da Africa, aonde, dentro de pouco tempo, a trombeta da

fama apregoava os seus feitos. Esses feitos, senhores, relatam-n'os as chronicas das expedições da India, da Cochinchina e da Arabia: são tradições das Molucas e de Moçambique que contam que Camões, ao mesmo tempo que escrevia os seus primorosos versos, empunhava a espada de um valente. Os seus feitos, senhores, são: os naufragios de que salvou-se, a expulsão dos corsarios da China e a fundação da cidade de Macau, em que tomou parte e de que foi um dos primeiros habitantes. E', ainda hoje, curiosidade procurada pelo viajante, a celebre gruta de Macau, situada na aldêa de Patane, ao norte da cidade e na encosta de um monte. Ahi viveu Camões dois annos; ahi, senhores, apartado do resto do mundo, o poeta sentia gottejar-lhe a lagrima do coração, produzida pela ausencia da formosa Natercia e com ella escrevia as scenas de amor de que fôra protogonista: ahi, elle divisava o mar ora irado como um tigre, ora medonho fallando a palavra magica da procella, ora silencioso e calmo como um cadaver envolto no seu sudario. E recolhia a sua alma e elevava-se, pela inspiração, como Jacob outr'ora pela escada mysteriosa, até ao throno de Deus para furtar os seus esplendores e trazel-os á gruta onde escrevia os *Luziadas*, a urna em que os depositava!

Não obstante os seus soffrimentos, algumas vezes a fortuna sorrio-lhe: por esse sorriso teve a amisade do conde Redondo, vice-rei da India, e foi Provedor de Defuntos e Ausentes na China. Aos bons dias cedo succederam os da adversidade: ás dôres physicas succe-

deram outras mais fortes, as do espirito. Camões, que em Gôa tomára a máscara de Juvenal e com o azorrague de Rabelais verberára os fidalgos corrompidos que tinham transformado a cidade em Sodoma e levantado altares a todos os vicios e abjecções da natureza, excitou contra si a furia dos nobres que conspiraram, machinaram no silencio das trevas o seu castigo, e conseguiram prendel-o por crime de prevaricação. E foi prêso, elle, senhores, cuja alma era branca como o arminho e tinha a serenidade e a calma da justiça! Alquebrado, abatido, envelhecido pela dôr, Camões, em Gôa, tornou-se forte porque queria a liberdade, eloquente porque defendia a sua innocencia; e assim confundio os seus detractores, atirando, sacudindo de suas vestes a lama com que pretendiam, elles, os miseraveis, manchal-o! Livre, viveu ainda por muito tempo na India, vendo povos, costumes e linguas differentes, olhando atordoado para o desapparecimento de todos os seus amigos, entre cujas ossadas campeava elle só, a quem a morte poupava, semelhante á arvore colossal da floresta que as tempestades respeitam como o symbolo de uma fôrça superior!

Em Abril de 1570 chegou Camões a Portugal. Eram decorridos 16 annos depois que deixára a patria e vinha agora, cheio de esperanças, pedir á felicidade para levar a seus labios a taça espumante de seus dons: a gratidão do povo que cantára e o amor da amante! Fatalidade! Peregrino da desdita, aguardavam-n'o as mais tristes desillusões! Em vez da benção paterna, um

tumulo ante o qual se ajoelhou; em vez do sorriso da amante, dos beijos de fogo que tinha sonhado, das expansões de amor que premeditára, a sanctidade de outro tumulo! Em vez da gratidão da patria o esquecimento, em vez do carro triumphal do vencedor romano, a miseria de Mario! Foi então que começou a agonia do poeta: que D. Sebastião recompensou a sua vida de sacrificios com uma pensão miseravel, que os fidalgos voltaram-lhe as costas e que a mediocridade quinhentista repellio-o do seu gremio. Comtudo, Camões que tantas vezes naufragára e escapára do furor das ondas apegando-se a frageis lenhos, elle que tinha sido martyr e sabia que o martyrio tem um termo, esperava que a publicação do seu livro mudasse as suas desventuras em copioso filete de prosperidades! Por isso, logo em 1572 imprimio os *Luziadas* e atirou-o ao regaço da patria. O silencio continuou e a miseria progredio. Pobre, abatido, alquebrado, miseravel, elle era apenas o noivo da sepultura que abria a sua bocca medonha para pedir-lhe o beijo nupcial. Teve fome, sentio os horrores da miseria e apenas o escravo, o pobre Jau, ergueu a sua voz, pedio e mendigou um resto dos banquetes dos fidalgos, uma esmola para Luiz de Camões! Finalmente, senhores, despontou para elle a aurora da redempção, e a 10 de junho de 1580 aquelle grande espirito cessava de soffrer. A morte era para elle o somno tranquillo e socegado, o lenitivo ás dôres que o atormentavam, a saciedade á fome que o devorava, e, ao mesmo tempo, o começo da immortalidade!

E emquanto elle morria miseravelmente, a patria, a terra sagrada que guardava as suas primeiras illusões, o segrêdo de seus amores, a patria, cuja honra elle defendêra, cuja historia elle ennobrecêra, a patria a quem elle levantára as novas columnas de Rhodes da sua glória, a patria morria tambem na derrota de Alcacer-Kebir!

Fatal coincidencia que tristemente satisfazia o ultimo desejo do poeta: não sobreviver á patria! Camões não teve um tumulo opulento que recordasse ao viajante o lugar em que o seu corpo descançava; mas o futuro, descobrindo a lousa singela que guardava os seus restos, inscreveu um epitaphio simples e eloquente que alguem já disse e que é, senhores, o maior dos monumentos: Camões resume a vida de Portugal no passado!

Passaram-se os tempos!

O seculo em que vivemos é o epilogo da grande revolução de 89. e o espirito humano, animado pelo sôpro divino, vence as distancias, approxima os povos, abafa as rivalidades e proclama a fraternidade das nações. Desconhece a aristocracia da fôrça ou do direito divino, mas, proclama a aristocracia do talento! Eleva os genios de um paiz aos Andes construidos pela admiração e atira-lhes flores e delirante os applaude e diz-lhes: «Vós não perteneceis unicamente a uma nacionalidade, vós sois benemeritos do mundo!»

Entre os luctadores do passado havia um que não tinha ainda recebido essas consagrações triumphaes: era Camões. Pouco a pouco, as nações civilisadas traduziram

as suas obras, conheceram-n'o e disseram que elle fôra um grande genio e que morrêra como Moysés sem entrar na terra da Promissão. Por isso as festas do tricentenario de sua morte dizem — Camões não é só portuguez, é uma das glorias do mundo. Por isso, vós — que representais o poder, a egreja, a justiça, a industria, o commercio, vós todos viestes aqui demonstrar pela vossa presença que tambem rendeis homenagem ao soberano do tempo em que vivemos, ao talento!

E vós, minhas senhoras, que, com a vossa belleza e os vossos encantos viestes egualmente abrilhantar ésta festa, vós de quem depende o futuro da familia, da provincia e da patria, ensinai a vossos filhos os exemplos legados por Camões e dai-lhes como compendio de virtudes civicas — os *Luziadas*.

Ave!

Severino Prestes.

As nações cultas do mundo, commungando a idéa da universalidade do genio, prestam n'este dia a homenagem devida a Luiz de Camões, que nas provas que legou á posteridade da grandeza do seu engenho, mais parece vêr-se o fructo da revelação, do que o resultado do estudo.

Vultos como este têm o mundo por patria, pois é-lhes apertado ambito as raias convencionaes, traçadas pelos homens: mas Luiz de Camões amou tanto a sua patria, elevou-a tanto em seus versos immortaes, que

Portugal não se póde furtar ao mais justificado orgulho de lhe ter sido berço.

Convidado a representar n'esta solemnidade commemorativa o Corpo Consular, residente n'esta capital, e cabendo-me a immerecida, mas subida honra, de personificar aqui a Nação Portugueza n'esta memoravel epocha, venho offertar as homenagens de um povo inteiro á memoria do grande poeta.

E' mesquinho, bem o sei, o orgão que as manifesta; é o grão d'areia no sobpé do Hymalaia, a gota de orvalho em face do oceano, mas é um coração cheio de enthusiasmo e patriotismo, que sente em si a synthese da mais levantada hyperbole, e que se não a exprime bem, é porque não é dado a todos possuir os dotes de definir com palavras a eloquencia dos sentimentos.

Camões em seu talento, em seu estylo,
Tomou taes proporções, tamanha altura,
Que a idéa mais audaz da creatura
Consegue-o admirar, mas não medil-o.

Euphrates, Amazonas, Ganges, Nilo,
E o mar immenso, podem ser captura
Da sciencia, que sonda a contextura
Dos grandes leitos que lhes são asylo.

Mas esse vulto da geral historia
Que foi *menos ditoso que afamado*,
Luz eterna no templo da memoria,

Excede ao paragão mais arrojado.
Pois grande na miseria e mais na gloria
Camões só a Camões é comparado.

João Baptista Tallone.
Vice-Consul de Portugal.

A commemoração dos grandes homens não é simplesmente uma prova de gratidão que a sociedade rende á lembrança de um homem illustre: é especialmente um incentivo para que sejam imitados, e para serem emprehendidos os grandes commettimentos.

Portanto, não é bastante provar ou lembrar que alguem elevou-se á condição de genio; é necessario principalmente saber como lhe foi possivel attingir ao gráo de notabilidade, e quaes os motivos que influiram para o movimento progressivo de seu desenvolvimento.

Não nos parece, senhores, que a narração ligeira, feita por nós sobre a vida de Camões, referindo-se especialmente á phaze amorosa do poeta, perca de importancia por prender-se especialmente aos factos moraes que parecem, á primeira vista, não conservar a gravidade e circumspecção necessarias aos grandes acontecimentos.

Semelhante supposição desapparecerá necessariamente, quando attendermos a que os sentimentos exercem uma influencia suprema nas acções do homem, nas

phazes por que tem passado em seu desenvolvimento, e finalmente em seu destino.

E' observando os traços principaes da vida de um homem que poderemos fazer uma idéa precisa de sua individualidade e da influencia por elle exercida na sociedade.

Portugal dormia o somno da obscuridade quando o despertou de sua lethargia, affrontando os mares, zombando das tempestades, e vencendo o gigante Adamastor, Vasco da Gama, genio intrepido, navegador ousado, que avassallando as ondas dos oceanos, espargio ondas de luz nas regiões ignotas.

Foi no anno de 1524, que tão illustre luzitano, vencedor insigne nas lutas grandiosas do progresso, transpoz as portas da eternidade para reviver no mundo da historia. No mesmo anno em Lisbôa surgia na scena da vida aquelle que devia perpetuar os grandes feitos da sua patria, cantando os illustres luzitanos com um estylo grandiloco e potente.

Nascido de paes nobres, Camões foi educado em sua mocidade com desvelo: seguio a carreira das lettras, revelando em seus principios os primeiros indicios de um estro sublime.

Ao terminar brilhantemente a sua educação academica, possuindo um nome illustre por seus talentos e producções poeticas, foi chamado para ornar com os virentes louros de sua imaginação fecunda as sessões litterarias, que tinham lugar na côrte de D. João III entre os poetas distinctos de seu tempo.

Em um dia solemne, em que se recordava o sacrificio cruento do Martyr do Calvario, Luiz de Camões entrou em uma egreja vestido de lucto apparatoso; as almas dominadas pelas crenças religiosas se elevaram contrictas ás regiões divinas.

N'esses momentos o espirito se desprende do mundo e das cousas, e, erguendo-se nas azas da meditação, attinge á pureza e perfeição ideaes; o coração, libertando-se dos sentimentos vulgares, trescala os doces perfumes de candido affecto por tudo quanto é bom, bello e maravilhoso; como não deveria achar-se inspirada n'esse momento a imaginação ardente do joven poeta? Enlevado na admiração das sublimidades do Gólgotha, foi de subito ferido por uma setta que o penetrou bem profundamente. Uma virgem linda adorava a imagem de Christo; tanta pureza havia em seu olhar embevecido na contemplação do Martyr, tanta innocencia exprimia o seu semblante angelico, que fulminou com uma paixão ardente o coração de Camões.

Era Catharina de Athayde, filha de fidalgos e dama do Paço, onde Camões teve occasião de encontral-a, e amou-a com a ternura de seu coração sensivel e a sublimidade de sua imaginação inspirada.

Possuindo a nobreza do nascimento, Camões não podia comtudo abrilhantal-a com a ostentação de grandesa, satisfazendo os preconceitos da epocha, por lhe faltarem os meios pecuniarios. Os paes de Catharina, descobrindo os amores do poeta, procuraram deterral-o para uma povoação nas margens do Tejo.

Camões, victima dos amores, empenhou-se a resistir aos seus revezes. Reconhecendo que a nobreza do nascimento não era titulo sufficiente para elevar o homem á alta escala social, procurou nobilitar-se entregando-se aos trabalhos mais ousados; procurou cobrir-se de glorias arrostando os maiores perigos em beneficio da patria, e empenhando-se em erguel-a do vergonhoso abatimento, atirou-se á carreira das armas, empunhando a espada para mostrar ao mundo inteiro a bravura e o heroismo luzitano.

Voltando de seu degredo, em que aos tormentos mais terriveis se juntavam saudades intensas de sua amante ausente, foi novamente desterrado, e então para a Africa.

E é assim que a sociedade arrastada por vãos preconceitos, vacillando, tropeçando, se precepita no despenhadeiro do crime; barbara e tyranna, viola cegamente as leis sagradas do coração humano, arrolando em o numero de suas victimas aquelles que dominados por uma affeição pura, entregues á inteira dedicação e arrastados por uma admiração sublime, cedem a sua energia, a sua posição, o seu prestigio, todo o seu valor emfim ás bellezas, aos encantos e attractivos do sexo fragil.

Assim Luiz de Camões por votar amôr puro a Catharina de Athayde soffria as cruesas de um degredo injusto e barbaro, seguindo para Ceuta em 1546. Encontrando-se em viagem com os corsarios que infestavam o Mediterraneo empenhou-se em combatel-os, perdendo

o olho direito e trazendo assim em seu semblante um signal indelevel de sua extremada bravura.

Saudades infindas, desejos ardentes o impelliam para a patria a fim de receber em recompensa aos seus soffrimentos um olhar d'aquella a quem votára o seu destino, mas era o seu degredo por tempo indefinido.

Em 1549 alistou-se a fim de seguir para a India, procurando assim occasião de passar pela patria querida e ver aquella a quem tanto adorava. Dedicação extrema! coração generoso! Um doce olhar, um só momento de suaves enlevos lhe compensavam duros tormentos e longos annos de exilio. Chegando á Lisboa e conseguindo o seu alistamento, teve de demorar a sua partida por tres annos. Uma occasião, porém, vio dois amigos seus desfeiteados por Gonsalves Borges, criado do rei, e, defendendo os seus amigos, ferio o offensor; as almas generosas não trepidam quando é preciso, punindo a injuria, proteger o opprimido; assim procedendo, Camões foi encerrado no carcere da cidade, sendo solto no fim de algum tempo, attendendo-se a que o poeta era um pobre mancebo que tinha de prestar serviços na India.

Tendo de afastar-se novamente de sua patria, sentio as mais pungentes saudades lhe opprimirem o coração. Abandonar, e talvez para sempre a terra em que ficava o objecto idolatrado de seu terno coração! Não lhe foi possivel resignar-se: e, no momento da partida, repassado de justo resentimento, exclamou: «Ingrata patria, não possuirás os meus ossos!»

Chegando ao Cabo da Boa Esperança temerosa tempestade o surprehendeo, lhe apresentando ante os olhos a effigie da morte. O unico pensamento que então lhe sobreveio á mente foi se a sua amante lembrar-se-hia d'elle n'aquella occasião. O extremoso Roméo não podia ser mais dedicado á sua terna Julieta.

Depois de soffrer tantos trabalhos e arrostar tamanhos perigos, tomou parte ainda em expedições, que, não lhe trazendo uma justa recompensa a seus esforços, só lhe acarretaram fadigas. Ainda assim com a lembrança de sua amante sentia-se forte e os seus tormentos se transformavam em saudades suaves.

Por entre as brumas sombrias de terriveis revezes, de continuo lhe affagava as crenças grata esperança de ver e possuir a virgem a quem dedicava tão pura affeição. Affeição pura, dedicação heroica que desempenhou o joven poeta dos suaves passatempos nos duros trabalhos e d'estes nas mais penosas provações fazendo-o tragar as feses da indigencia e da miseria; e, prostrado sob o peso dos maiores sacrificios e desprezo da patria, ainda assim não teve forças para abandonar tão infausto amor. Verdade é que os homens eminentes, de vontade invencivel e coração intrepido, se deixam facilmente dominar pelas affeições gratas.

O poeta esteve durante algum tempo na China em uma cidade maritima denominada Macáo, ao norte da qual existe uma gruta que tem o nome de Camões, e onde elle, bem distante da terra natal, longe do objecto

dos seus encantos, escreveo uma parte dos *Luziadas*, começados em sua patria.

Camões exercia em Macáo o emprego de provedor de defuntos e auzentes. conseguindo então reunir um pequeno peculio por sua actividade em alguns negocios em que se empenhou.

Victima de intrigas promovidas por aquelles que se diziam seus amigos, foi prezo e removido de seu emprego extemporaneamente. A náo em que vinha o poeta, naufragou nas costas da Cochinchina. e Camões perdeu ahi a fortuna que pela primeira vez podéra accumular, depois de tão prolongados esforços e trabalhos, conseguindo salvar-se a nado, trazendo em uma das mãos o seu poema. Naufragou a sua fortuna, mas salvou-se a gloria da sua patria.

Chegando á Goa conduziram-n'o logo a uma prisão onde o conservaram até que seguisse em uma expedição a Calecut. voltando novamente para Goa. N'essa epocha já era fallecida Catharina de Athayde. Passados longos annos de continuas provações, já lhe falleciam as forças de sua vontade potente, já lhe fenecia n'alma a bemfazeja esperança.

Em 1569. partindo de Goa uma armada, que arribou a Moçambique onde então se achava o poeta. alguns fidalgos que ahi chegaram encontraram-n'o sem meios para alimentar-se; quotejaram-se e pagaram a sua passagem para o reino.

No decorrer d'essa viagem escreveu o poeta um livro intitulado *O Parnazo de Luiz de Camões*. Em

sua patria lhe furtaram esse monumento grandiozo de seu genio inexcedivel. Chegando ahi sentio-se victima dos mais desencontrados sentimentos, dominado por impressões extremas que só os nobres corações, martyrysados pelos tristes revezes de um longo infortunio, saberão sentir, mas que a linguagem por si só é fraca e impotente para revelar.

De um lado parece acenar-lhe a alegria ao approximar-se de sua patria muito ingrata, muito cruel, mas sempre querida; revive a lembrança de sua ineffavel innocencia nos primeiros dias da infancia, lhe occorre á mente saudosa recordação dos dias felizes de sua mocidade. De outro lado uma idéa lugubre lhe dilacera o coração: a lembrança d'aquella por quem soffreu toda a sua vida.

Uma organisação fragil, um coração cheio de bondade e innocencia não póde resistir aos duros revezes da má sorte; succumbio á dôr. Camões procurou o lugar onde jaziam as suas cinzas, e ajoelhado sobre a campa conservou-se mudo com os olhos arrasados de lagrimas. Era a estatua da saudade angustiada sobre a lapide funerea do amôr desventurado.

Dois annos depois de sua chegada á patria, em 1572 publicou o seu poema dedicado ao rei D. Sebastião, que no mesmo anno mandou abonar-lhe 15$000 réis annuaes, com a condição porém, de ficar o poeta residindo na côrte. A publicação dos seus *Luziadas* excitou admiração geral. E entretanto Camões, acabrunhado pelos soffrimentos e sem recurso para obter

o pão, a unica recompensa que recebeu pelos serviços prestados á patria. 15$000 réis annuaes, era tudo quanto possuia nos ultimos dias de sua vida.

Comtudo amou sempre a sua patria que o despresava e esquecia. E, sabendo da derrota dos portuguezes na batalha de Alcacer-Kibir, disse: «Tenho amado tanto a minha patria que me julgo feliz não só de morrer em seu seio, mas tambem de morrer com ella.»

No dia 10 de junho de 1580 falleceu Camões com 56 annos de idade. Morreu na miseria e levaram o seu cadaver para a Egreja das Freiras Franciscanas, e o enterraram pobremente.

O seu poema foi traduzido nas diversas linguas dos povos civilisados.

Um fidalgo allemão procurou saber de seu correspondente em Lisboa que sepultura tinha Camões; e. quando não a tivesse sumptuosa, que impetrasse licença para trasladar os seus restos com toda a veneração; a fim de fazer-lhe em seu paiz um soberbissimo monumento. A republica de Veneza offerecia para o mesmo fim 4000 cruzados.

Entretanto a sepultura de Camões tinha apenas uma pedra com a seguinte inscripção: «Aqui jazem os restos mortaes de Luiz de Camões que viveo pobremente e morreu na miseria.»

Eis senhores! Camões, caracter nobre, pertinaz e energico, coração magnanimo, sensivel a ponto de se deixar dominar por uma paixão amorosa que lhe trouxe continuos revezes por toda a sua vida, e que elle sempre

supportou com resignação; generoso a ponto de amar com toda dedicação e enthusiasmo a patria que o perseguio, desconheceu os seus grandes dotes, atirou-o á indigencia, e abandonou-o á enxerga de um hospital onde, atravessando na miseria os seus ultimos dias infelizes, elle exhalou o ultimo suspiro exclamando: «Tenho amado tanto a minha patria que me julgo feliz não só de morrer em seu seio, mas tambem de morrer com ella:» Camões, espirito illustrado, talento soberbo, estro sublime, cantando os grandes feitos de sua patria abatida nas baixesas da obscuridade, ergueu-lhe um grande monumento de gloria nos annaes da humanidade!

O seu poema, escripto em estylo florido, correcto e puramente classico, matisado de variadas figuras empregadas com inteira propriedade, ornado com episodios os mais interessantes e sorprehendentes, abrilhantado com numerosas descripções que a um vivo colorido reunem a perfeita naturalidade, revelando em cada strophe e em cada verso os nobres sentimentos de civismo, honra, dedicação, coragem, abnegação, intrepidez e amor da patria; o seu poema, que desde a primeira até a ultima strophe se conserva sempre com a elevação e nobresa, que é preciso manter, cantando os altos feitos ou proclamando as grandes glorias das nações e dos heróes; é uma epopéa sublime, epopéa grandiosa que encerra em si uma litteratura inteira.

Camões foi o principe dos poetas de seu tempo; ergueu a sua patria á altura das grandes nações civili-

sadas, conquistou para ella um nome honroso nos annaes da historia.

Entretanto foi olhado por ella com indifferentismo aquelle que, luctando sempre em busca de gloria, teve de arcar emfim com a fome e com a miseria; e nem ao menos atiravam uma codea de pão para matar a fome áquelle illustre desgraçado.

Abandonado por todos, encontrou como unico e fiel amigo um estrangeiro vencido em combate, o seu creado Antonio (o Javanez) que ia mendigar esmola para o grande poeta miseravel.

Senhores, Portugal massacrou injustamente com desterros continuados e repetidas prisões ao grande Camões; Camões no exilio e nas prisões elaborava os seus *Luziadas* que deviam trazer ás regiões da gloria a sua patria exilada nas trevas do obscurantismo.

Portugal mandou buscar do exilio para encerrar em uma prisão o grande Camões; Camões, em viagem para o carcere, é victima de um naufragio, despresou os seus bens, salvando tão sómente o seu poema, que reanimando os brios portuguezes e as suas virtudes civicas, deveria libertar a sua patria do jugo estrangeiro.

Portugal esqueceu e abandonou á miseria o grande Camões: Camões velou sempre por sua patria e amou-a até o ultimo momento, em que se considerou feliz por não sobreviver á sua queda.

Patria mesquinha e deshumana! deixaste morrer á mingoa teu filho dedicado. Patria ingrata! despresaste o mais prestante cidadão, o mais valente luctador, o

mais notavel poeta que celebrisou a sua nação no canto da lyra inspirada.

Maldição a essa patria injusta e perversa!

Não! brada a sciencia positiva. Não recrimineis a sociedade. Examinai com profundeza as suas acções para pronunciardes uma sentença justa. Não! reclama ainda a civilisação moderna. A perversidade é uma aberração da natureza humana, e a inteira bondade um predicado inseparavel da sociedade.

Em verdade, senhores, estabelecidos os factos determinados em condições definidas, as suas consequencias são inevitaveis. Camões era muito grande em presença dos seus contemporaneos. A aguia desprendendo seu vôo altaneiro elevou-se muito nas regiões do progresso para que podessem contemplal-a os mochos que mal arrastavam um vôo pesado por cima das ruinas do passado. Admiremos a aguia em seu vôo, mas não condemnemos os mochos que são responsaveis pelas contingencias a que têem de obedecer forçosamente.

Os homens não determinam as evoluções sociaes; a sociedade marcha e se desenvolve obedecendo a leis determinadas. O papel do individuo na sociedade reduz-se apenas a exercer no movimento social uma certa influencia, que, em condições normaes, só póde augmentar de intensidade moderada e gradativamente.

Camões, ao publicar as suas producções fez actuar sobre os seus concidadãos benefica influencia, que foi assoberbando á medida que os espiritos se erguiam gradativamente á altura de comprehender o grande

genio do poeta inspirado, e ao passo que os animos se ennobreciam de modo a compartilhar dos nobres sentimentos do verdadeiro patriota. E quando Portugal chegou a reconhecer a gloria de Camões, prodigalisou á sua memoria provas as mais eloquentes de subida homenagem.

Do preconceito pernicioso da metaphysica, pretendendo fundar a sciencia social em principios erroneos por serem deduzidos de conjecturas imaginarias, chegaram a acarretar falsas supposições de que a sociedade é propensa para o erro, de que é inclinada para o mal, que despresa o bom, o bello, o grande e o sublime, praticando caprichosamente injustiça e crueldade.

A sciencia positiva ensina factos muito diversos, torna evidentes verdades animadoras. O principio da gravitação, em virtude do qual os corpos celestes se attrahem mutuamente deixaria de ser universal se fosse applicavel tão sómente aos corpos celestes; mas elle conserva o caracter de inteira universalidade porque rege o mundo mathematico, o mundo physico, chimico, astronomico, physiologico, biologico, e o que é mais ainda o mundo sociologico.

Com effeito, no mundo mathematico os phenomenos de grandesa e das suas relações gravitão uns para os outros, tendendo a estabelecer a unidade da sciencia mathematica synthetisada n'este principio: — as grandesas mathematicas são ligadas por determinadas relações de dependencia reciproca.

No mundo physico os seus phenomenos gravitam para as suas fontes directrizes que são os diversos agentes physicos, e estes por sua vez gravitam para o principio o mais perfeito da actividade universal, o movimento; assim o calor, a luz, o som, a electricidade e o magnetismo, gravitando uns para os outros, se homogenisam na expressão geral do movimento.

No mundo chimico as moleculas, em continua actividade regida pelas forças intimas da materia, gravitam umas para as outras, subordinando os phenomenos chimicos ao caracter unitario revelado no seguinte principio geral: — a materia indestructivel se transforma em sua constituição intima, segundo condições dadas e proporções definidas.

No mundo astronomico os satellites tendem para os planetas e estes para os primeiros; o mesmo se dá entre os planetas e o astro em torno do qual elles giram; a mesma tendencia existe nas estrellas de uma mesma nebulosa; e as nebulosas conservam ainda uma tendencia reciproca; então a sciencia astronomica se resume na concepção grandiosa de um principio unico: — os corpos celestes se attrahem na razão directa das massas e na inversa dos quadrados das distancias.

No mundo physiologico os seres organisados tendem a permanecer no meio apropriado, a manter em estado normal os orgãos e as suas funcções, portanto gravitam para o principio de propria conservação.

No mundo biologico o homem, ente altamente perfectivel e essencialmente racional, tende a aperfeiçoar-

se de modo a identificar-se com os principios do prazer, do bello, da verdade e da justiça: phenomenos estes cuja synthese é o principio do bem absoluto para o qual o homem gravita inevitavelmente.

No mundo sociologico, além dos principios que regem o homem em seu estado individual, a sociedade, sujeita ainda ao principio de sociabilidade que lhe é peculiar, tende a desenvolver-se e a progredir; a sociedade gravita portanto para a perfeição social.

Assim pois o principio da gravitação universal estende a sua acção a todos os phenomenos, determinando a convergencia para os fins que lhes são fixados no plano geral da natureza, que fazendo surgir a unidade imponente d'entre a immensa variedade, revela ao homem a harmonia universal.

Como então estabelecer uma separação entre o homem e a humanidade de um lado, e d'outro lado a natureza inteira?! Como separar profundamente a humanidade no theatro maravilhoso do universo immenso?! A humanidade que perante o universo é uma parcella diminuta em presença da immensidade?! Como reconhecer em todos os seres a acção exclusiva das leis naturaes e abrir uma excepção odiosa á natureza em relação á humanidade, suppondo-a sujeita a acções sobrenaturaes?!

Semelhante supposição é infundada e absurda porque ataca o principio da harmonia universal. Idéas tão erroneas só acceitam aquelles que não poderam estender suas vistas ao theatro geral da natureza, e que, rece-

bendo uma educação imperfeita, acorrentados ás velhas theorias, não teem forças para desprender-se do ramerrão monótono das doutrinas retrógradas.

As novas idéas não lhes inspiram confiança. Si adiantaram um passo timido no caminho da civilisação param logo amedrontados.

O scintillar de um raio civilisador lhes parece um phantasma: assombrados param, vacillam e retrocedem novamente. O homem do progresso empunhando o sceptro da razão e com a outra mão o facho da observação, avança desassombrado no caminho das descobertas e investigações. desvendando os mysterios e desterrando as trevas da ignorancia para as regiões do desconhecido. Ao descobrir novos horisontes para a sua actividade inquebrantavel, se precipita n'elles com alvoroço animado por sublime contentamento.

Despresando os preconceitos da metaphysica, abandonando as suas doutrinas *a ratione*, fundadas em hypotheses arbitrarias, o homem do progresso se dirige ao theatro maravilhoso da natureza sempre solícita em revelar os seus segredos aos olhos do positivista investigador que reconhece as leis absolutas e immutaveis do universo como dogmas. Não são esses dogmas que somem-se na sombra da obscuridade quando sujeitos á apreciação da sciencia: mas os verdadeiros dogmas que deslumbram os olhos das intelligencias á medida que sobre elles actua a critica da razão disciplinada no regimen scientifico. Perante o homem do progresso ou o positivista, não existem factos sobrenaturaes. Todos

os phenomenos quer do mundo physico, quer do mundo moral são inteiramente naturaes, dependendo a sua explicação apenas de sua apreciação exacta, e dos recursos de que dispõe a sciencia, segundo o seu estado de desenvolvimento. A natureza é portanto o grande livro da humanidade. Observando attentamente a natureza é que a humanidade poderá aprender as grandes verdades relativas á sua organisação e ao seu destino; seguindo religiosamente as leis naturaes é que a humanidade se conservará no verdadeiro caminho da civilisação; servindo-se habilmente das forças naturaes é que a humanidade poderá avançar com segurança na senda do progresso.

Em presença de taes principios, não podemos admittir intelligencias privilegiadas nem talentos sobrenaturaes. Camões foi um talento eminente, foi um grande genio. Mas a sua grandesa, a sua elevação elle a conquistou pelos esforços supremos que desenvolveu, pela pertinacia e constancia que conseguio manter no exercicio de sua actividade. Era moço, já tinha alguns merecimentos pelos dotes que revelava; vio-se contestado em seu merito natural, sentio-se fortemente contrariado em sua paixão amorosa; não ha acção sem reacção; Camões teve a felicidade de reconhecer bem cedo que os grandes dotes que nobilitam o homem, são conseguidos pelo proprio esforço individual; procurou reagir contra a sociedade que o opprimia por uma desegualdade ephemera que existia entre o poeta e a sua amante.

Confiado em suas proprias forças procurou resistir á acção do infortunio; convencido de que a energia inquebrantavel é a condição essencial para obter-se os grandes resultados, e que, soffrendo privações, sendo encerrado em um carcere humilhante, soffrendo degredos, (martyrios esses que tinham por causa principal a sua affeição por Catharina de Athayde) não despresou os impulsos de seu coração, ao contrario, entregou-se de todo a elles e persistio na empreza grandiosa de seu ennobrecimento, continuou a fortalecer a sua vontade fazendo-a atravessar impassivel as grandes crises; cultivou sempre a sua intelligencia não obstante as fadigas constantes que soffria, as grandes necessidades que experimentava e os continuos trabalhos que o preoccupavam. As luctas do espirito são terriveis e tremendas; mas a sua victoria é grandiosa e sublime.

Lembremo-nos de que o talento nada mais é do que um grande desenvolvimento intellectual; e que o genio não é mais do que a cultura do espirito em gráo elevado. Camões procurou cobrir-se de gloria, dispondo para a lucta as suas forças, e as faculdades moraes por seu exercicio se desenvolvem ganhando intensidade; Camões conseguio o que emprehendeo; attingio á condição de genio e de talento superior.

Então pôde comprehender as contingencias dos preconceitos e da ignorancia, para não odiar a sua patria, apezar da miseria e abandono em que se vio nos seus ultimos dias. Completou a obra soberba do seu engrandecimento, cultivando os nobres sentimentos

de abnegação e amor á patria. E, para que não se perdesse o vestigio de sua passagem na scena da vida, legou á sua patria os *Luziadas*, monumento sumptuoso de suas glorias.

Hoje, no seculo das luzes, está demonstrado perante a sciencia positiva que a humanidade marcha e progride obedecendo tão sómente aos impulsos das leis naturaes, absolutos e immutaveis, que regem a natureza humana e os destinos sociaes.

No seculo XIX se evidencía que as diversas influencias exercitadas na sociedade, quer no sentido de accelerar a sua marcha, quer no sentido de demoral-a por algum tempo existem no proprio meio social: residem nos homens.

A grandeza, a elevação, a celebridade, o desenvolvimento e progresso das nações dependem principalmente da nobresa dos sentimentos, da firmesa de caracter, da elevação e desenvolvimento intellectuaes, do amor e applicação ao trabalho nos individuos que compõem a sociedade. E, como na sociedade o aperfeiçoamento e engrandecimento dos individuos dependem, em grande parte, dos exemplos que elles contemplam nos homens notaveis, a sociedade deve a estes especialmente o seu aperfeiçoamento e progresso.

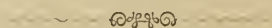
Hoje então, a sociedade moderna tende a substituir aos cultos theologicos uma veneração sensata e consciencioso dos verdadeiros archanjos do progresso e civilisação, dos grandes typos da humanidade.

Senhores, é rendendo um culto sincero aos prin-

cipios sagrados do dever, do bem, da verdade e da justiça, é rendendo preitos de veneração aos homens illustres, verdadeiros representantes d'esses principios, que havemos de marchar com segurança no caminho da perfeição.

Mocidade esperançosa do seculo XIX, illustres porto-alegrenses, jovens companheiros da Escola Militar, prosigamos com esforço na lucta do progresso, e, quando os grandes embaraços e as terriveis provações pretenderem tolher-nos os passos em nossa crusada sancta, avante; não trepidemos, e dirijamos as nossas vistas para o grande Camões!

Vede: — Impassivel arrostou os degredos, as prisões humilhantes, a fome e a miseria, mas hoje?! — A civilisação agradecida contempla n'elle um esforçado lidador; a sciencia positiva lhe cinge a fronte com uma corôa de louros, que recorda as suas glorias litterarias; o progresso, cheio de orgulho e enthusiasmo, o entrega nas azas da fama, que proclama as suas victorias; e a humanidade lhe destina um lugar honroso na galeria dos grandes homens.

Dr. Vicente A. do Espirito Sancto, junior.

Gutenberg a Camões

Já se passaram tres seculos
Que elle deixou de existir;
Mas na lembrança dos povos
Veio depois resurgir!

Se d'elle o que era materia
Da morte ao sôpro cahio,
Foi só depois d'essa morte
Que o seu nome refulgio!

Foi poeta e foi soldado
Nasceu nobre e foi plebeu:
Nas suas proprias desditas
A ser martyr aprendeu!
Pela patria combatia,
Da patria as glorias cantou.
E nos ultimos instantes
Da patria ainda fallou!

Perseguido pela sorte
Da qual sorrisos não vio,
O combatente de Ceuta
Alfim n'um dia cahio!
Mas da morte nas angustias
Da agonia no stertor.
Sentia as dôres da patria.
Não sentia a propria dôr!

Poeta, moço, inspirado,
Alma cheia de illusão.
Deu á bella Catharina
Todo o amor do coração.

Nos seus risos se inundava,
Louco amante a suspirar,
E bebia a força, a vida
Nas luzes do seu olhar.

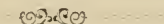
As glorias de sua patria,
Como ninguem, as cantou,
E aos povos e ao mundo inteiro
Seus triumphos relatou.
No grande livro da historia
Seu grande nome inscreveu,
E foi só depois de morto
Que para a gloria nasceu!

O' Camões! Poeta illustre,
Grande espirito immortal,
Gigante do pensamento,
E orgulho de Portugal!
Agora que o mundo inteiro
Tuas glorias celebrou,
Recebe o preito sincero
De quem aqui me mandou!

Sou filho de Gutenberg,
D'esse genio sem o qual
Tu não serias a gloria
Mais bella de Portugal!

Represento n'este instante
Da imprensa o creador,
Que aos primores de teu genio
Deu voga, fama e valor.

Sou filho de Gutenberg,
Dos mais humildes, talvez,
Aos ruidos d'esta festa
Venho pedir minha vez.
E ás homenagens de hoje,
Ao rumor das ovações,
Juntar os louros que trago
De Gutenberg a Camões!

Aurelio de Bittencourt.

Senhoras, Senhores:

Fallo-vos em nome da *Bibliotheca Publica Pelotense.* Por ella unicamente reclamo alguns minutos de vossa preciosa attenção.

Por mim, surprendido á ultima hora com uma missão tão honrosa e elevada quão immerecida e superior ás minhas forças, invoco a vossa ampla benevolencia.

Senhores! Celebrais Camões tres seculos depois de seu fallecimento não certamente para festejar a morte de um poeta, pois não se festeja a morte que é a dissolução do corpo e o aniquilamento da vida. Porém Camões e o seu livro immortal consubstanciam a mocidade e a virilidade de um povo inteiro, a epocha legendaria da nação portugueza, e por isso, fazendo d'elle e dos *Luziadas* uma data memoravel, vós os decantais como se veneram em nossos dias os grandes feitos, os grandes homens e os heróes da humanidade, como os Estados-Unidos da America do Norte celebravam ha pouco o centenario de sua independencia, e como os povos da raça teutonica celebram de seculo em seculo em Leyde, em Upsal, Berlim e outros lugares a fundação das suas Universidades, theatros das luctas do seu pensamento e da vida nacional, d'onde tem jorrado perennemente para elles um sangue fertilisador representado por idéas novas.

Senhores! Quanto mais penso nas homenagens que no dia de hoje o mundo civilisado rende á memoria de Camões, mais me robusteço na crença de que não se festeja aqui um homem, mas um genio, o genio de uma nacionalidade, digo pouco ainda — o genio de um povo generoso e cavalheiresco que se identificou com a epocha mais brilhante da historia da humanidade, collocando-se á frente de todas as emprezas e tomando parte em todos os grandes feitos que a tornaram tão celebrada.

Assumpto de tanta magnitude poderia ser considerado longamente se eu não temesse tomar sómente

para mim um tempo que é de todos os companheiros que me cercam, que é mesmo mais d'elles do que meu.

Collocando-me, pois, a grande distancia para só distinguir seus traços principaes e d'ahi contemplando o objecto de vossa festa á luz das idéas que professo, parece-me que vejo diante de mim um dos mais notaveis episodios d'essa grande lucta que começou com o mundo e ha de acabar com o mundo, e que faz da vida um vasto campo de batalha que se desenvolve desde o momento em que se apresentou no espheroide terrestre a primeira manifestação organica e se estende por toda a parte onde se depara com a natureza viva — tanto nas profundezas do oceano como nos pincaros mais elevados das altas montanhas, tanto sob as espessas camadas de gelo das regiões polares como sob os ardores do sol das zonas equatoriaes, quer nas estranhas da terra em meio de um vigoroso *humus*, quer sobre o dorso despido e arido dos desertos e das rochas de granito.

E' o combate pela vida ou a lucta pela existencia entre plantas, animaes e homens, devorando-se uns aos outros para se reproduzirem, e reproduzindo-se para novamente se devorarem.

E' o grande drama que se nos antolha por todos os lados da superficie terrestre e que começa, quanto podem alcançar nossas vistas, com as mais acanhadas fórmas do reino vegetal — as algas, os lichens e os musgos —, para terminar com as mais complicadas e perfeitas manifestações da especie humana — as sociedades, os povos e as nações.

N'esta lucta encarniçada, em que se disputa a posse dos elementos necessarios á vida, succumbem uns em quanto outros vencem para morrer por sua vez amanhã; surgem estes para continuar a obra iniciada por aquelles, formando assim uma cadêa ininterrompida que constitue a evolução das especies e das raças e em que cada élo representa nos annaes da humanidade o predominio de um povo, mas sempre o triumpho da mesma idéa, a consagração geral do progresso por meio de transformação e desdobramento.

Senhores! Nascer, crescer, desenvolver-se, chegar ao apogeu de suas forças, declinar e morrer — é a lei commum dos entes organisados, das plantas como dos animaes, do homem como das nações. Foi a sorte dos grandes e dos pequenos imperios da antiguidade; tem sido a sorte dos grandes e dos pequenos imperios dos tempos modernos. A ella não escapou nem essa immensa e dominadora Hespanha de Carlos V e de Philippe II, em 1580, cuja recordação nos occorre muito naturalmente n'este momento.

Para um povo que nasce e que está no periodo infantil de formação e de crescimento só ha uma necessidade e uma funcção imperiosa: é viver e desenvolver-se; pouca lhe importa o mais. Este progresso é lento e vagaroso, não é rapido como o crescimento e o desenvolvimento individual; varía com o genio, com a educação das raças e com as circumstancias locaes, absorvendo algumas vezes muitas gerações e centenas de annos antes de poder completar-se.

Quando vem mais tarde a puberdade, a adolescencia e a mocidade, quando já estão garantidas a existencia e a segurança de uma nação, deixam-se vêr tambem novas tendencias, novas necessidades e novas funcções.

A energia accumulada no periodo precedente expande-se no desenvolvimento das capacidades superiores. Então nos povos, como nos individuos, da exuberancia e pujança da vida brotam os sentimentos elevados, as paixões altruistas e as faculdades estheticas; nasce a plastica, o amor da fórma, a cultura do bello e do sublime.

E' essa a epocha do aformoseamento, do brilhantismo das côres e da suavidade dos perfumes no mundo das flores; é a epocha do doce gorgeio das aves e do variado matiz de sua plumagem; da redondeza das fórmas, da regularidade das curvas e dos contórnos, dos alegres cantares, dos risos e dos prazeres nas especies animaes e no homem.

Vê-se que a natureza se prepara para lançar raizes pela reproducção dos sêres. E' a bôda universal do mundo dos organismos que se vai perpetuar e aperfeiçoar.

E' tambem esse o tempo das idéas generosas, das grandes dedicações e dos grandes commettimentos. Individuos e povos se atiram inconscientemente á realisação de novas aspirações que influem profundamente sobre o seu futuro e sobre o futuro da especie.

Conquistam-se novos dominios para patrimonio da prole vindoura; emprehendem-se as grandes emigrações

e as expedições longinquas; fendem-se os mares, córtam-se os isthmos e rasgam-se os continentes; descobrem-se novos paizes e novos mundos, cruzam-se as raças e congraça-se a união universal, lançando-se algumas vezes em solos que parecem abençoados o germen de futurosas nacionalidades, como os Estados-Unidos ao norte e o Brazil ao sul de um mesmo continente.

E' a mais bella epocha da vida! Ditosos aquelles — individuos e povos — que a sabem aproveitar fundando as bases de uma felicidade real e perduravel!

Vem depois o periodo de transição e de repouso, o periodo da reflexão e da idade madura, que precede o declinio e que, de enfraquecimento em enfraquecimento, de dissolução em dissolução, deve ir terminar na morte.

Porém as nações como os homens têm algumas vezes suas crises e suas enfermidades, e quando parece terem cahido para nunca mais se levantarem, eil-as repentinamente rejuvenescidas e novamente vigorosas a desempenhar o seu papel no drama universal.

Senhores! Portugal não pôde fazer excepção a esta lei geral da evolução da especie. Portugal, pois, como todas as nações que têm completado ou percorrido grande parte do cyclo de sua vida, nasceu, cresceu, desenvolveu-se, chegou ao apogeu de suas forças e declinou . . .

Mas declinou para repousar, porque seu esforço fôra sobrehumano: e Portugal descança ainda para reerguer-se um dia talvez mais forte e mais pujante do que

nunca. Para lhe voltar o calor e a vida e collocar-se outra vez na vanguarda da civilisação, basta que elle se mire e se reveja no futuro de seu filho que se chama — Brazil, o infante fadado a um porvir tão grandioso que a imaginação mal póde conceber.

Impossivel de determinar, os primeiros lineamentos da nação portugueza perdem-se nas trevas da historia antiga e nos conflictos de raças que caracterisam os primeiros tempos da Idade Média. Sómente do seculo XII em diante é que se póde perceber e acompanhar o seu crescimento e desenvolvimento nacional, que prosegue sem interrupção até o reinado de D. João I nos fins do seculo XIV.

A sábia direcção d'esse principe notavel, que a historia conhece e admira sob o nome de — Infante D. Henrique, iniciou então a mocidade da nação portugueza que se prolonga pelos reinados de Duarte, Affonso V e João II e que attinge sua plena expansão durante os governos de D. Manoel e D. João III.

Surge ahi a idade de ouro de nossos antepassados: estamos na epocha das suas grandezas e assistimos a todos os esplendores do genio luzitano, ao desabrochar e á fructificação das flores de sua juventude.

Era então completo o poder de Portugal. Seus navios dominavam os mares, fazendo tremular em todas as regiões do mundo conhecido essa bandeira das quinas que nos protegeu o berço. Suas possessões comprehendiam a melhor parte da America do Sul, as costas da Africa e da Asia e contavam-se por dezenas.

Lisboa era a principal cidade da Europa; seu commercio excedia ao de todas as outras nações. Sua população, animada com tão esplendidas victorias, com tão prodigiosas conquistas e com tão vastos dominios, distinguia-se por seu espirito ousado e emprehendedor, e manifestava-se brilhantemente em todos os ramos da actividade humana.

O mundo antigo abria-se em busca de novos territorios. As grandes invenções que assignalaram esse tempo davam-lhe a força e os meios necessarios para se atirar em todas as direcções, buscando a realisação de aspirações adormecidas durante uma noite de muitos seculos que se chamou — a Idade Média.

Portugal collocou-se á frente d'essas tendencias, imbuio-se d'esse novo espirito, assumio uma missão providencial e fez das suas glorias nos seculos XV e XVI as glorias da humanidade e da civilisação.

Chegára elle então áquelle estado psychologico que faz nascer da felicidade e do successo a poesia épica, como do infortunio e da desgraça brota a poesia lyrica, pois é uma lei da natureza humana, senhores, que da intensidade dos sentimentos deriva a necessidade de exprimil-os sob a fórma vaga e indeterminada da poesia, como com a vehemencia cadenciada e musical do rhytmo.

Tal é mesmo a origem commum da dansa, do verso e da musica — as tres expressões graduaes do sentimento poetico.

— N'esses campos afortunados do paraiso das lendas biblicas, diz o naturalista Lacepède, onde rei-

nava uma eterna primavera, o halito dos zephyros perfumados mitigava docemente os ardores do sol e a terra coberta de verdura sempre nova offerecia aos olhos tapetes de flores e arvoredos vergados de fructos. As fontes corriam com suave murmurio e espalhavam deliciosa frescura entre os bosques, a cuja sombra embriagadora os passarinhos entoavam seus cantos melodiosos. O homem feliz e contente percorre com sua companheira esses campos venturosos; nada lhe falta; ébrio de prazer, quer celebrar a sua felicidade; anima seu andar; eleva seus passos; o enthusiasmo o transporta; salta muitas vezes de alegria e contentamento ... e *dansa* pela primeira vez.

— Logo depois sua voz tambem se anima. Mas não chega ainda para exprimir seus sentimentos. Sons fugitivos tão depressa articulados quão desvanecidos, differenças insignificantes, accentos desmasiadamente acanhados não podem traduzir seus transportes nem as emoções vivas que o abalam. Então o homem sustenta, prolonga, eleva e abaixa a voz; gritos e exclamações de alegria se misturam a esses accentos ... e elle pela primeira vez modula um *canto*.

— Nasce mais tarde o metro quando o homem, para de algum modo exhalar seu jubilo e precisar a qualidade de seu sentimento, introduz em suas canções palavras medidas e ordenadas pelo accento, pela extensão e pelas pausas. D'ahi vem o *verso*, que, unindo-se afinal á dansa e á musica, constitue a mais bella e a mais vehemente expressão da nossa vida emocional.

Senhores! Não era outra a impressão que dominava Portugal nos seculos XV e XVI. Suas façanhas não podiam ser mais deslumbrantes para fazer pasmar o mundo e eleval-o ás alturas do extasis. Nunca se vira antes tão grande vitalidade em um povo tão pouco numeroso. e acções que se diriam de gigantes, manejadas por braços que se diriam de pigmeus. A emoção vibrava impetuosa no fundo de todos os corações. O paiz inteiro parecia sorrir enlevado. Ver-se-ia talvez pairar-lhe na face uma ligeira distenção de labios tremulos acompanhada d'essa fixidez convulsiva de olhos largamente abertos que são o effeito dos sentimentos vivissimos, dos momentos indefiniveis, dos grandes abalos e especialmente da felicidade pela contemplação do maravilhoso ou pela posse do objecto amado.

Aos primeiros signaes da alvorada que o Renascimento fizer ouvir do lado da Italia. Portugal acordára, levantára-se, tomára as armas e se atirára á lucta. Campeão denodado e generoso, a victoria apaixonou-se por elle e por seus nobres estimulos — e elle venceu.

Portugal era forte e feliz. Triumphára no combate pela existencia nacional. Amava e esposára a civilisação. Vivia com ella; tinha prolificado. Que lhe restava fazer? — Repousar e cantar.

Reçumam lagrimas e gemidos as vozes dos fracos e infelizes. O canto do vencedor não podia ser uma lamentação: devia ser o canto dos heróes.

Era. pois. a vez de Portugal e da idade moderna terem a sua epopéa ou de não tel-a jámais. A acção

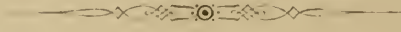
estava feita: fôra traçada por *armas e varões assignalados, em perigos e guerras esforçados mais do que permittia a força humana*; só lhe faltava o estro e a inspiração do artista para emmoldural-a em um quadro immorredouro.

Esse artista appareceu: foi — Luiz de Camões — o poeta dos tempos modernos, como o auctor da *Iliada* foi o poeta dos tempos antigos.

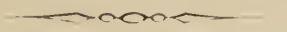
A epopéa, todo o mundo a conhece, chama-se — *Os Luziadas* — o poema mais bello e mais perfeito das idades historicas.

Camões — o espirito de seu tempo e o genio de seu paiz; *Os Luziadas* — o canto de Portugal na hora suprema de sua ventura. Que objectos grandiosos para uma oração esplendida em mãos habeis!

Mas eu... que vos direi de um e de outro que já não tenhais ouvido?...

Deveis estar fatigados. Vou concluir.

Senhores! Como todo o mundo civilisado, a *Bibliotheca Publica Pelotense* admira o genio do poeta e o valor de sua imperecivel creação: e, quando vos reunis com todas as galas para render homenagem á gloria da patria portugueza e relembrar a sua virilidade e a sua fortaleza de outr'ora, não podia faltar ao vosso convite para sentar-se n'este festim, depôr uma singela corôa no trophéo que levantastes e unir ás vossas as fracas vozes do seu emissario. Oxalá possa esse symbolo de sua veneração dizer aquillo que este não teve capacidade para exprimir.

Para quem vos dirige a palavra, porém, como para quasi toda a Europa, não se consagra hoje unicamente a gloria, o poeta e o poema portuguezes.

O caracter cosmopolita d'esta solemnidade e das similares que se realizam agora mesmo em outros paizes de origens e raças differentes é sufficiente para convencer-vos que tendes diante de vós uma gloria européa que cantou em versos eternos o espirito do seculo XV e o nascimento da idade moderna, as victorias da civilisação sobre os povos barbaros e essa expansão geral que ao cabo de quatrocentos annos já nos deu não só dois novos continentes — a America e a Australia —, como ainda, e o que vale certamente muito mais, vastos horizontes moraes, politicos e sociaes na liberdade religiosa, na liberdade de pensamento, na emancipação do trabalho, na liberdade commercial — nos direitos do homem, em uma palavra.

Salve, pois, o poeta que symbolisa o amor da patria e das glorias portuguezas! Mas salve tambem o poeta da humanidade e da civilisação! Salve o cantor da idade moderna e o eternisador da aurora do mundo contemporaneo!

Dr. Graciano Alves de Azambuja.

Sentimos declarar que tres lacunas se dão na transcripção d'estes trabalhos, por quanto, por maiores que fossem os nossos esforços, não conseguimos obter

os discursos dos Srs. Dr. Constantino Rondelli, Carlos von Koseritz, nem o de encerramento, do Sr. Dr. Fausto de Freitas e Castro.

Minhas senhoras! Meus senhores!

Se na historia dos tempos modernos ha um povo que inspire profunda admiração pela ousadia de suas conquistas, pela temeridade de seus commettimentos, pela heroicidade de seus feitos: se na vasta galeria dos povos hodiernos ha uma nação, cujos fastos arranquem sempre um grito de ardente enthusiasmo produzido pelos monumentos que a tenacidade de seu valor e o prodigioso genio de seus filhos levantaram á liberdade, á civilisação e á humanidade; se ha, senhores, essa nação é por certo a portugueza, cujos trophéos esplendidos cobrem o scenario de todos os continentes, cujos triumphos estrepitosos repercutem ainda na immensidade de todos os mares.

Assim devia ser, senhores; o berço da nacionalidade portugueza foi um campo de batalha; filho do heroismo, infante acalentado pelos hymnos da guerra, educado no estrépito das pelejas, cresceu e fez-se nação ao sol dos combates, como uma consequencia logica da nobreza de sua origem legendaria.

O periodo historico de sua constituição nacional foi o de toda a peninsula iberica, que, dividida então em dois campos inimigos, representada em duas crenças

irreconciliaveis, apresentava o espectaculo d'essa lucta tremenda, secular, entre o Evangelho e o Alcorão, entre Christo e Mahomet, entre o Oriente, com o cortejo de seu fanatismo servil e o Occidente, com os nobres estimulos de seu espirito altivo e independente.

Envolto no longo sudario do Ckrissus, com Roderico tinha desabado a monarchia visigoda, e a derrota que fôra um sepulchro commum do throno e da liberdade nacional, amalgamou no cadinho do martyrio os gemidos da realeza e as agonias do povo, consentindo que o islamismo avassallasse a Iberia christã.

A traição e o terror que tinham decidido em uma só batalha dos destinos de um povo, deu lugar a que a impetuosidade arabe, semelhante a uma inundação oceanica, se precipitasse com furia, quebrando os marcos das fronteiras dos povos, apagando os signaes caracteristicos das raças e pretendesse modificar a crença religiosa da Europa, o que talvez realisasse, se essa invasão não tivesse de recuar ante o *muro de gelo* dos Francos de Carlos Martel e o *muro de bronze* dos visigodos de Pelagio. reliquias de uma nacionalidade vencida, d'onde mais tarde devia resurgir a monarchia christã e nacional em Hespanha.

Das montanhas das Asturias partio a reacção. Sobre o sepulchro do imperio visigodo, assignalando o lugar da tremenda catastrophe, erguia-se a — Cruz — symbolica legenda dos martyrios do generoso moço da Galiléa, pharol diamantino, inspirando os triumphos do mundo moderno, estendendo os raios de sua luz aos

batalhadores dos generosos commettimentos, abrindo os braços de sua caridade aos povos famintos de justiça; estrella fulgente da redempção que salvára a humanidade do despotismo destruidor do povo-rei, revigorando-a no baptismo das novas idéas, remoçando-a na fé de mais nobres principios, para. consciente de seu valor, dilatar os horizontes de seu genio e ampliar a arena de sua actividade nas conquistas do grande, do bello e do justo.

Em torno d'essa cruz, encarnação de uma moral esplendida, congregou-se a Europa christã, sustentando uma cruzada permanente, secular, cujo ultimo desfecho teve seu complemento em Granada vencida, derradeira pagina d'essa lucta colossal que teve de reconquistar em sete seculos de sacrificios o que perdêra em um só dia de fraqueza; que teve de readquirir em mil combates de gloriosos feitos o que perdêra na derrota de uma só batalha.

Portugal nasceu dos triumphos d'essa cruzada heroica. Formou um senhorio da corôa leoneza com Henrique de Borgonha, e depois levantando-se no sólo ensanguentado da peninsula, pagou o tributo de sangue nas aras do tabernaculo da causa commum, bateu-se com o denodo de um valor ardente, com a fé de uma convicção profunda, e sentindo-se forte para dirigir seus proprios destinos, hasteou o pendão da revolta, indo n'um campo de batalha despedaçar os laços de vassallagem, proclamando sua independencia nacional á luz do sol da liberdade.

Filho do heroismo, Portugal realizou a grande conquista de seus direitos de povo livre, de harmonia com o valor legendario de sua origem nobiliaria; e em face dos perigos que tinha a vencer, a nação portugueza, com a calma de seu provado heroismo, apalpou os copos de sua espada e sorrio-se convencida do triumpho de sua causa.

Constituida a nacionalidade, Affonso Henrique e seus successores comprehenderam a necessidade de consolidar o monumento glorioso da emancipação patria, estendendo-a pela conquista, fortificando-a pelo valor, desenvolvendo-a pelo trabalho, engrandecendo-a pelas virtudes de um patriotismo edificante.

Tal foi a missão providencial da dynastia de Borgonha nos dominios da historia portugueza.

Quando o sello da morte estampou sua sentença immutavel no ultimo representante d'essa dynastia, já Portugal, affeito ás luctas bellicas, tinha por meio de suas armas victoriosas avançado suas fronteiras pelas terras dos reis mouros e pelos dominios da corôa de Leão e Castella.

O que a nação portugueza, na Europa, podia conseguir pela conquista, estava feito; a fortaleza de sua consolidação nacional fôra provada mais uma vez, e no glorioso certamen de Aljubarrota soubera mostrar-se forte como o seu valor, grande como o seu patriotismo.

Mas o cyclo scintillante de sua historia, o grande periodo de seus mais bellos triumphos, de seus mais arrojados commettimentos, devia ser realisado pela in-

spiração generosa dos principes d'Aviz, cujos serviços encerram as mais luminosas paginas de sua vida nacional.

Encerrado nos estreitos limites de seu paiz, sem poder dilatar os horizontes de suas aspirações, peado em sua actividade, ferido em suas ambições de gloria e de conquista, Portugal, collocado entre a Hespanha que o repellia para o mar, e o mar que o repellia para a Hespanha, semelhante á aguia que em seus vôos altivos prefere a amplidão infinita ao espaço limitado, Portugal escolheu para theatro de suas façanhas esse mar que banhava suas costas, esse oceano que com o orgulho de sua immensidade, com os attractivos de seu leito de espumas e os perigos de seus mysteriosos abysmos, com o espectaculo grandioso de suas tempestades, com a noite tenebrosa de suas procellas, com a legenda de suas catastrophes, poema de heroismo espantoso, romance eterno de desgraças infindas, tinha alguma cousa de grande, de sublime, de maravilhoso que não podia deixar de deslumbrar a ardente imaginação meridional da nação portugueza.

O oceano influia de um modo prodigioso sobre a imaginação incandecente d'esse povo, o mar produzia sobre elle o celebre phenomeno da attracção do abysmo.

Quando as guerras do continente findaram-se com as victorias alcançadas, quando os trabalhos da paz succederam ás rudes occupações bellicas, o portuguez, cujo braço não cançára de batalhar, cujo vigor não se arrefecêra nas luctas da vida domestica, cujo patrio-

tismo não se embotára no interesse nem no egoismo, singrando em fragil batel as aguas prateadas de seus rios, ia postar-se na foz do Douro ou do Tejo para fitar o mar immenso que desenrolava-se ante seu olhar scintillante... Quem o visse, então, senhores, quêdo, com os braços cruzados sobre o peito offegante; mudo, — com a pupilla dilatada de seu olhar perscrutador, medindo os horizontes infinitos do oceano que o contemplava; quem o visse com o cenho carregado, fitando o espaço para lêr com o pensamento as profundezas do tempo no livro sybillino do futuro, julgaria vêr n'essa visão uma vigia guardando as terras sagradas da patria ou tomal-o-ia pela musa das solidões marinhas que vinha encordoar sua harpa com o eloquente silencio da immensidade e os doridos queixumes das vagas, ferindo as melodias de suas endeixas nas arestas graniticas das costas oceanicas.

Quem conceberia então a temeraria idéa que turbilhonava no cerebro volcanico da nação portugueza? Quem acreditaria que Portugal, que era um pigmeu pela extensão de seu territorio, pelo numero de seus filhos, pela pobreza de seu erario, a quem fallecia experiencia maritima, atrever-se-ia a querer domar esses mares que a audacia phenicia ou carthagineza jámais ousára, ou dominar nações que a espada de Alexandre ou de Cezar jámais vencêra?

Mas contra toda a espectativa assim succedeu... Os seculos XV e XVI foram a epocha d'esses gloriosos feitos.

O oceano era uma barreira levantada á ambição portugueza, era preciso, pois, reproduzir-se a lucta do gigante com o pigmeu.

David homerico, Portugal registrou sua victoria, avassallando com as quilhas de suas náos atrevidas a face esmeraldina d'esse mar que o desafiára e a sombra d'esse céo onde o tufão infrene desencadeára todo o horror de sua colera, onde tantas tempestades não tinham podido abalar a constancia valorosa de seus bravos filhos, desfraldou o glorioso pavilhão das quinas entre os temporaes desfeitos e as procellas vencidas.

Altivo de seu proprio triumpho maritimo, de então em diante a temeridade portugueza não encontrou difficuldade que não destruisse, nem vio impossivel que não vencesse.

Corre á Africa e entre os ardores caniculares de seu sol abrazador, toma Ceuta aos sectarios do Alcorão, pagando-lhes a divida tremenda da invasão e os trances dolorosos do captiveiro estranho: desce depois com Bartholomeu Dias até ao Cabo das Tormentas e entrega a Vasco da Gama o condão de sua energia que devia quebrar o encanto do mar das Indias, ensinando-lhe o caminho das regiões mysteriosas do Ganges.

Fundar um grande imperio na Africa, dominar a Asia, avassallando as mais ricas regiões do Oriente operar a maior revolução moral, intellectual, politica, commercial e guerreira que o mundo contemplou, quebrar com a tenacidade de seu valor a porta de bronze do isolamento que separava a China da communhão dos

povos, ir ás Molucas arrastado pela gloria das conquistas, descobrir o Brazil pelo feliz acaso de sua estrella, plantar com soberania seu pavilhão no solo ardente da Africa, impôl-o com heroismo nas terras d'essa Asia tão fertil de esplendidos triumphos e desastrosas catastrophes, de monumentos colossaes e ruinas pavorosas; desfraldal-o ao beijo virginal d'essa America fascinante, em cujo solo a mão prodiga da natureza espalhou todos os dons de sua opulencia e em cujo seio a Providencia encerrou em cofre diamantino os futuros destinos da humanidade; taes foram, senhores, os fructos do valor heroico de Gama e de Cabral, dos Albuquerques e dos Castros e o fecundo resultado das expedições maritimas da gente portugueza.

Foi n'esse seculo, senhores, de extraordinarias conquistas, de espantosas descobertas, de maravilhosos triumphos, de immortaes trophéos, que Portugal no alto apogeu de sua grandeza contemplou altivo de seus feitos a idade de ouro de sua historia.

Mas com toda a grandeza de seu heroismo, com todo o cortejo de suas façanhas, esse passado esplendido não seria hoje para nós senão um castello derrocado, um monumento em ruinas, um deserto sem vozes, emmudecido pelo sigillo mortuario da geração que o fez, pelo desapparecimento dos bravos que rolaram no tumulo, pelo silencio do oceano que não falla, do seculo que não conta, se a litteratura pela tuba de suas musas — a poesia, a historia e a eloquencia, não désse uma voz para o oceano repercutir o echo estrepitoso d'esses

triumphos, uma harpa para todos os seculos cantarem essas epopéas homericas, se a litteratura não transformasse o cemiterio da geração que tombou em galeria de heróes, os mortos em redivivos, para apresental-os aos applausos enthusiasticos das gerações de todos os tempos!

Quem, senhores, anima o passado remoto, apaga o olvido do tempo, quebra o silencio funerario dos cemiterios e acorda com o sopro da vida esses esqueletos seculares adormecidos em suas campas para vir mostral-os ao olhar avido do mundo estupefacto, das gerações admiradas? Quem faz tudo isto senão a litteratura?

Por que, senhores, essa desventurada filha do Oriente, a inditosa raça hebréa, esmagada por um fadario de bronze, sobrevive ás miserias de seus infortunios e entre os martyrios de seu ostracismo, é uma nação vencida, sem patria, mas existindo de facto como uma nacionalidade constituida?

Quando o filho de Israel, á sombra do carinhoso céo de rosas da Judéa, ajoelha-se no solo sagrado da patria de seus avós, n'essa terra devastada pelo fogo de tantas revoluções, inclinando a fronte melancolica sob o peso de emoção profunda, e com a face rorejada pelo pranto, mistura suas lagrimas com os queixumes da viração que beija o leque das palmeiras de seu patrio ninho, quando geme com os murmurios que agitam a copada ramagem dos cedros do Libano que contam ao viajante a historia de tantas desgraças, elle arrebentando o coração n'um gemido, despedaçando a alma

n'um soluço, quebrando o peito n'um grito, invoca a sombra do poeta das lamentações e com Jeremias exclama: Jerusalém, Jerusalém!...

A guerra de Troya, com os louros do valor de Achylles, com os fecundos trophéos da sabedoria de Ulysses, o que valeriam perante este mundo que vio Annibal em Cannes, Bonaparte em Marengo, se o genio de Homéro não tivessse burilado no marmore imperecivel da epopéa a grandeza d'essa lucta, cuja fama seria nulla, se sua immortalidade não fosse vasada no molde da *Iliada* e da *Odysséa*?

Roma, a soberana do mundo antigo, com todo o cortejo de seus feitos estrondosos, com a serie de seus triumphos esplendidos, com toda a opulencia de seus magestosos trophéos, não se levantaria do aviltamento em que foi atirada pela invasão dos povos barbaros, se entre os destroços de seus monumentos em ruinas não apparecessem as orações de Cicero, os diamantes litterarios de Tacito ou Tito Livio, como cirios brilhantes, illuminando o vasto sepulchro de sua grandeza passada.

Como os grandes vultos que illustraram a Judéa, Grecia e Roma, um homem de vasta intelligencia e brando coração, de bastante genio para conceber uma creação maravilhosa, de grande patriotismo e superior vontade para realisal-a, teve a generosa aspiração, a nobre ousadia de querer immortalisar os feitos da nação portugueza no marmore imperecivel da epopéa.

Esse homem, cujo engenho portentoso levantou o maior monumento nacional de seu paiz, parece que

como Corregio, ardendo em santo enthusiasmo ao contemplar a Santa Cecilia de Raphael. arrebatado dissera: «Eu tambem sou pintor»: esse homem, ao folhear os annaes patrios. assistindo aos seus gloriosos triumphos. combatendo nas fileiras de seus exercitos victoriosos, vendo seus trophéos esplendidos, sentio a centelha da inspiração illuminar seu cerebro volcanico e n'um extasi patriotico, bradou: «Eu tambem sou poeta!»

Essa convicção foi a origem creadora que produzio os *Luziadas*, poema que consubstancia n'um mesmo crisol o genio de um talento privilegiado e a grandeza imperecivel de uma nação; poema que é o espirito de uma nacionalidade vasada na prodigiosa intelligencia de um homem; poema que é um ramalhete de flores civicas, harpa de melodias infindas, musa de inspirações sublimes, historia de verdades profundas. que o patriotismo de um genio transformou em bella corôa de louros, e atirando-o ao mar procelloso da publicidade. disse convicto da grandeza de sua obra: «Abre as paginas de teus thesouros. ó filho do talento, e viverás com a humanidade emquanto ella viver, com o mundo emquanto elle existir, porque tu és eterno como o genio, porque tu és a glorificação de Luiz de Camões e a immortalidade de Portugal!»

O obscuro orgão do *Parthenon Litterario*, cuja missão encerra-se no dever de representar a associação de que é orgão n'este sarau. não tem a pretenção de fazer um juizo critico do poema dos *Luziadas*; não. senhores; não permittem os estreitos limites de um

discurso, nem sobretudo consentem os insignificantes recursos intellectuaes do orador que demais abusa de vossa benevola indulgencia: mas se a critica é um privilegio do talento illustrado, é, ao menos, licito a todos o direito da admiração, a liberdade do enthusiasmo que inspiram as maravilhosas creações que o genio reveste do cunho do grande, do bello e do sublime.

E quem, senhores, a não ser um coração sem fibras, uma alma sem affectos, uns labios sem o calor da sensibilidade, póde, ao folhear as paginas dos *Luziadas*, perfumadas pela poesia, illustradas pela historia, animadas pela eloquencia, deixar de sentir o coração nadar em ondas de commoção, a alma em mar de anceios? Quem póde calar a manifestação do pensamento, a explosão de caloroso enthusiasmo, que espontaneamente rebenta nos labios, bradando cheio de admiração profunda que Luiz de Camões é um grande genio e Portugal um grande povo?

Quem, senhores, ao lêr a invocação d'esse poema, dirigida ao rei e ás musas, não ficará deslumbrado ante essa introducção que assemelha-se á fachada de um d'esses palacios encantados que a phantazia oriental sabe conceber e que a intelligencia humana não póde edificar? Quem, senhores, ao contemplar esse Gama, e seus bravos soldados, atirando-se nos braços do desconhecido, com olhar fito no espaço, procurando no infinito o caminho das regiões mysteriosas da India, não desejará com o cantor dos *Luziadas* acompanhar o heróe portuguez, dizendo: «Eu tambem quero ir por

esses *mares nunca d'antes navegados* para em sua passagem juntar com o oceano que ruge, com a tempestade que brame, com o trovão que ribomba, minha voz ás estrophes d'essa orchestra estrepitosa da natureza e repetir com os elementos vencidos — que o cantor dos *Luziadas* é um grande genio, e a patria de Vasco da Gama um grande povo?

Que peito fero não tornou-se humano, que alma de gêlo não ardeu em fogo, que coração de marmore não desfez-se em pranto ao lêr as estancias que narram os amores de Ignez de Castro? O' filhas proscriptas do Eden, ó Evas da biblica legenda, vós que pela gloria do amôr sacrificastes o paraiso, que levantastes o primeiro monumento de heroismo que o mundo possuio, porque trocastes a vida pela morte para conquistardes a liberdade do amôr, dizei-me se amores grandes, intensos, fortes houve como os de Ignez, e quem melhor os cantou do que Camões? Que alaúde a não ser o do amante de Catharina podia desferir endeixas mais sentidas á sorte da lastimosa Ignez? E quem, senhores, ao ouvir a narração de seus martyrios, não soltará um grito de profunda indignação contra seus *brutos matadores*, quem não derramará uma lagrima de magoado pranto n'aquelle *collo de alabastro que sustinha as obras com que amôr matou de amôres áquelle que depois a fez rainha?*

Quem, senhores, na ficção soberba do Adamastor, n'aquelle gigante transformado em penha, pavorosa visão da phantasia esplendida do poeta, ameaçando o mar e o céo, prophetisando horrores espantosos,

perigos tremendos, catastrophes nunca vistas, não tremerá de medo e de susto, não ficará *mudo e quêdo e junto d'um penedo outro penedo?* Quem, senhores, na invocação do poeta ao rei D. Sebastião que é a chave de ouro com que fecha-se o immortal poema, não dirá ao ouvir tantas harmonias, ao contemplar esse cofre repleto de perolas, creações maravilhosas do talento, ao contemplar esse tablado de heróes que ostentam a grandeza de seus feitos, esses campos de batalhas, vastos scenarios de brilhantes glorias e opulentos louros, quem não dirá com o mundo admirado que Luiz de Camões é um grande genio e Portugal um grande povo?

E hoje, senhores, que 300 annos completam-se que o auctor dos *Luziadas* entrou nos dominios da immortalidade, hoje que na America como na Europa os povos se congregam para renderem preitos de admiração ao illustre cantor das glorias portuguezas, permitti que o obscuro orgão do *Parthenon Litterario*, interpretando os sentimentos de seus collegas, junte sua palavra ás homenagens que prestais ao auctor dos *Luziadas*, e que na falta de merecimentos litterarios associe sua voz ao echo estrondoso d'essa grandiosa turba de tres seculos, associe seu enthusiasmo aos applausos estrepitosos de tres gerações que exclamam, repetindo com a posteridade em côro universal, que Luiz de Camões é um grande genio e Portugal — um grande povo!

Apelles Porto Alegre.

A LUIZ DE CAMÕES

No seculo actual de puro realismo,
Em que a crença ideal succumbe ao egoismo
De sórdidas paixões,
Uma luz atravessa as regiões do espaço,
Brilhando ainda mais do que Virgilio ou Tasso!
Essa luz é Camões!

Alma aquecida ao sol esplendido da fama
Das luzas tradições, — cantou de Castro e Gama
Os feitos immortaes!
Estro-condor, — tocou as raias do infinito,
Ergueu no altar da patria um monumento escripto
Em cantos colossaes!

Cingio-lhe a fronte altiva o duplo diadema
De guerreiro e cantor! E quando em hora extrema
A patria o reclamou,
Impavido empunhando o gladio refulgente
E na lyra cantando as glorias do Oriente,
Da patria o nome honrou!

Magestoso cantor da gloria portugueza,
C'rôa-lhe a fronte augusta o genio da realeza,
Esplendido luzeiro!

O seu nome brilhante, immerso, envolto em gloria,
Não pertence sómente á patria, á luza historia,
Pertence ao mundo inteiro!

Nos delirios febris d'essa alma encandescente
A formoza Nathercia, a estrella refulgente,
Foi seu sonho de gloria!
Consagrando-lhe amôr, que o tempo não consome,
Aos confins do Universo arremessou seu nome
No pedestal da historia!

Qual Ovidio — tragou o amargo fél do exilio;
Como Petrarcha — ergueu constante, eterno idyllio
Ao seu amôr fatal;
Foi como Ossian o fóco, a luz, o sol da idéa!
Como Homero escreveu esplendida epopéa,
Padrão universal!

Jámais d'antiga Grecia hellenico alaúde
Vibrou cantos a heróes, á patria e á virtude,
De mais nobre altivez!
Foi Camões o colosso, o genio mais fecundo,
Que na historia surgio! Cantando encheu o mundo
Do nome portuguez!

Nicolau Vicente Pereira.

A CAMÕES

Ai! do que a sorte assignalou no berço
Inspirado cantor, rei da harmonia!
Ai! do que Deus ás gerações envia,
Dizendo: — „Vae, padece: é teu fadario!"
O mundo o vê passar, astro brilhante,
Porém não vê que a chamma abrazadora
Que o cerca de esplendor tambem devora
Seu peito solitario.

Pairar nos ceus em alteroso adejo,
Buscando amôr, e vida, e luz, e glórias,
E vêr passar, quaes sombras illusorias,
Essas imagens de fulgor divino.
Taes são vossos destinos, ó poetas,
Almas de fogo que um vil mundo encerra:
Tal foi, grande Camões, tal foi na terra
Teu misero destino.

A dôr te acompanhou do berço á campa:
Esgottaste a amargura até ás fezes.
Parece que a fortuna em seus revezes
Te medio pelo genio a desventura.
Como esses robles cujo enorme vulto
Desafia o rancor da tempestade,
Mas cuja inabalavel magestade
Lhe resiste segura.

Foste grande na dôr como na lyra!
Amar, cantar, soffrer levou-te a essencia.
Viste um anjo dourar tua existencia,
E aos pés cahiste da visão querida...
Engano! Foi um astro fugitivo,
Foi uma flôr de perfumado alento
Que ao longe te sorrio, mas que sedento
Jámais colheste em vida.

Sob a couraça que cingiste ao peito
Do peito ancioso suffocaste a chamma,
E foste ao longe procurar a fama,
Talvez — quem sabe? — procurar a morte.
Mas, qual onda que o naufrago arremessa
Sobre inhospita praia sem guarida,
A crua morte te arrojou á vida,
E ás injurias da sorte.

De praia em praia divagando incerto,
Tuas desditas ensinaste ao mundo.
A dura terra, o proprio mar profundo
Conspirados achavas em teu damno.
Extranho aos homens, detestado, expulso,
Tiveste o genio por algôz ferino.
Teu condão immortal era divino:
Perdeste em ser humano.

Indicos valles, solidões do Ganges,
E tu, ó gruta de Macáo sombria,

Vós lhe ouvistes as queixas, e a harmonia
D'esses hymnos que o tempo não consome.
Foi lá, foi n'essa rocha solitaria
Que o vate desterrado e perseguido
Á patria ingrata, que lhe déra o olvido,
Deu eterno renome.

— „Cantemos!" disse, e triumphou da sorte.
— „Cantemos!" E da patria ás altas glórias,
Sobre o mesmo theatro das victorias,
Bardo guerreiro, levantou seus hymnos.
Sua quéda talvez, seus infortunios
Prevendo já no meditar profundo,
Quiz dar-lhe a voz do cysne moribundo,
Em seus cantos divinos.

E que sentidos cantos! De Ignez triste
Se ouve mais triste o derradeiro alento.
Mostrando quanto póde o sentimento
Quando um seio que amou de amores canta.
Na heroica tuba, resoando ao longe,
O valor portuguez se ouve tremendo:
E o fero Adamastor, com gesto horrendo,
Inda hoje o mundo espanta!

Mas, ai! a patria não ouvio seu canto!
Da patria e do cantor findava a sorte!
Aos dois juraram perdição e morte,
E os dois juntaram na mansão funerea . . .

Ingratos! Ao que em seus eternos cantos
Além dos astros nos erguêra um solio
Decretaram por louro e Capitolio
O leito da miseria!

Ninguem os prantos lhe enxugou piedoso . . .
Valeu-lhe o seu escravo, o seu amigo.
— „Dae esmola a Camões, dae-lhe um abrigo!"
Dizia o triste a mendigar confuso!
Homero, Ovidio, Tasso, extranhos cysnes,
Vós que sorvestes do infortunio a taça,
Vinde depôr as c'roas da desgraça
Aos pés do cysne luzo!

Mas não tardava o derradeiro instante . . .
O raio ardente que fulmina a rocha
Tambem a flôr que n'ella desabrocha
Cresta, passando, co'as ethereas lavas.
Que scena! Em quanto ao longe a patria exangue
Aos alfanges mouriscos dava o peito,
De misero hospital n'um pobre leito,
Camões, tu expiravas!

Oh! quem me déra, d'esse leito á beira,
Sondar teu grande espirito n'essa hora,
Por saber, quando a magoa nos devora,
Que dôr póde conter um peito humano;
Palpar teu seio, e n'esse estreito espaço

Sentir a immensidade do tormento,
Combatendo-te n'alma, como o vento
Nas ondas do oceano.

O amôr da patria, a ingratidão dos homens,
Nathercia, a glória, as illusões passadas,
Entre as sombras da morte debuxadas
Em teu pallido rosto já pendido;
E a patria, oh! e a patria que exaltáras
N'essas canções de inspiração profunda,
Exhalando comtigo moribunda
Seu ultimo gemido!

Expirou! Como o nauta destemido,
Vendo a procella que o navio alaga,
E ouvindo em roda no bramir da vaga
De horrenda morte o funeral presagio,
Aos entes corre que adorou na vida,
Em seguro baixel os mette ousado,
E, esquecido de si, morre abraçado
Aos restos do naufragio,

Assim, da patria que baixava á tumba,
Em cantos immortaes salvando a glória,
E entregando-a dos tempos á memoria,
Como em gigante pedestal segura:
— „Patria querida, morreremos juntos!"

Murmurou em accento funerario.
E, envolvido da patria no sudario,
Baixou á sepultura.

Soares de Passos.

TRIBUTO A CAMÕES

Foi um dia de pranto, um dia funerario
Que ha tres sec'los passou por sobre as multidões.
Como o dia immortal da lenda do Calvario,
Que no mundo operou grandes revoluções.

Era morto o cantor das glorias luzitanas
Que o nome portuguez tão alto celebrou!
Tombára emfim o heróe de cem luctas titaneas
Esse propheta-rei que á patria tanto amou!

Foi guerreiro e poeta — a espada e o pensamento!
Teve mais de um desterro inhospito, cruel!
Foi um martyr de amôr qual vate de Sorrento,
Verteu por Catharina as lagrimas de fel!

Inspirou-se no azul das aguas do Mondego.
Teve idyllios, sonhou, teve illusões tambem . . .
Quem não adora o lar n'um intimo conchego?
Quem não ama na infancia o arôma da cecem?

Depois . . . eil-o proscripto além pelos desertos
Nas quentes regiões que o audaz navegador
Transpoz como o albatroz. fendendo, em vôos certos.
O espaço onde elle vio o fero Adamastor!

Volta d'Africa alfim com jubilos immensos.
N'um carcere sombrio a sorte o despenhou.
P'ra leval-o em seguida aos areaes extensos
Onde o genero humano insonte se embalou.

Foi lá que elle traçou com altivez e audacia,
A *Iliada* real dos feitos varonis.
Que a luza patria ergueu, como o cantor da Thracia
Transpondo pelo amôr os fundos alcantis.

Quando emfim naufragou ao regressar do exilio
Foi depôr seu poema aos pés de Sebastião,
Que em troca conferio ao immortal Virgilio
Um premio parco e vil que não bastava ao pão!

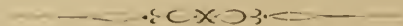
Luctou como os heróes das suas epopéas
O solitario audaz da gruta de Macáo,
P'ra morrer na miseria — a aguia das idéas!
Soccorrido, irrisão! . . . pelo africano Jáo!

Trôa emfim o canhão, heróes de Aljubarrota,
Ao aportar no Tejo os vossos galeões!...
Fôra vencido o rei; morrêra na derrota...
Voltavam tristes, sós, os luzos esquadrões!

N'esse instante Camões, como o romano antigo,
Rasgou novos trophéos que estavam por findar,
Bradando: „Ao menos, patria, eu morrerei comtigo!"
Depois... sentio-se ao longe em convulsões o mar!

Espalharam-se além as luzes em myriadas!
Ouvio-se em toda a parte um choro universal!
Era morto o cantor do colossal — *Luziadas*...
N'um espasmo de dôr vergou-se Portugal!

Ernesto Silva.

Tendo a commissão se dirigido ao poeta porto-alegrense, Sr. Damasceno Vieira, que então se achava em Pelotas, convidando-o a tomar parte no sarau, por motivos justificaveis não vio satisfeitos os seus desejos, mas foi obsequiada com a seguinte poesia, com a inserção da qual concluimos o historico de nossa festa.

A LUIZ DE CAMÕES

A historia da Luzitania
Ha tres seculos se illumina
Com a inspiração titanea
De uma cabeça divina!
Um nome lançado ás eras
Lembrando magnas austeras,
Lembrando divos clarões,
De todos arranca preitos,
Homenagens de respeitos,
Sincero culto! E' Camões!

Sim! Camões, que tantas vezes,
Em versos auri-flammantes,
Decantou dos portuguezes
As ousadias brilhantes!
Camões, que sempre na arena,
Com a espada ou com a penna
Deu glorias a Portugal,
E que apoz, ganho um renome,
Foi morrer talvez de fome
No catre de um hospital!

Como justa recompensa
Ao seu estro soberano,
Teve o bardo a exigua tença
De quinze mil réis por anno!

Assim um Rei poderoso.
N'um proceder affrontoso,
N'uma miseria que dóe,
Pagava a idéa suprema
Que fez brotar um poema
D'aquella fronte de heróe!

Inutil munificencia
Que da patria recebeu
Quem vivendo na indigencia
Por ella tanto soffreu!
Assim se applaude ao guerreiro
Que foi no sólo estrangeiro
Colher laureas immortaes,
A quem sentia na mente
Uma luz mais refulgente
Do que os estemmas reaes!

Mas corramos a cortina
Sobre esse passado atroz!
Fez-se aurora purpurina
Na era em que estamos nós!
Hoje a grande magestade
Que dirige a humanidade
Nas suas aspirações,
E' a luz da intelligencia,
Que do throno da sciencia
Desfaz da treva os bulcões!

O genio governa o mundo,
Sobrepuja os elementos,
Vence a furia ao mar profundo
Contra a procella dos ventos!
Com forças febris, estranhas,
Rasga os seios das montanhas
Por onde passa o vapor!
Em todos os movimentos
Alastra o mundo de inventos,
Cada qual de mór valor!

E' o genio que conquista
Os mais brilhantes tropheos,
Ou seja engolphando a vista
Nos recônditos dos céos,
Ou decifrando com arte
Os factos que em toda parte
A natureza produz!
No combate que se fere
Curva-se o povo a Voltaire,
Dobra o joelho a João Huss!

Acceita com reverencia
As novas idéas grandes
Dos pro-homens da sciencia,
Fultons, Morses e Lalandes!
A geração do presente
Se na lucta refulgente
Escuta da guerra o som,

N'um desespêro sem nome
Quebra a estatua de Vendôme,
Mas respeita o Pantheon!

O povo que se esclarece
Ao grande sol da razão,
Nas grinaldas que hoje tece
Crystallisa uma oblação!
A geração brazileira
Ama a gloria verdadeira
Que deslumbra Portugal!
Venera o nobre talento
Productor d'um monumento,
D'uma epopéa immortal!

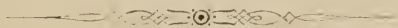
Se na vida transitoria
Soffreu maguas lacerantes,
Na vida eterna da gloria
Tem apothéoses brilhantes!
De toda parte se eleva
Um brado que nos enleva,
Que atravessa as gerações:
„Sagremos perenne culto
A' magestade de um vulto
Qual foi na terra Camões!"

Damasceno Vieira.

Terminada como se acha a publicação das peças litterarias que tanto realce deram á festa camoneana, agradecemos com muita effusão d'alma a todas as Ex.mas senhoras e Ill.mos cavalheiros, cujos nomes já foram mencionados, a honra de terem accedido aos nossos desejos, tomando parte no sarau que realisamos, cujo exito ultrapassou todas as nossas previsões.

Não damos ainda aqui por finda a nossa tarefa compiladora.

Sendo esta obra destinada, como indica o seu titulo, a registrar tudo quanto n'esta cidade se tornou publico em homenagem ao principe dos poetas portuguezes, considerámos dever nosso utilisar algumas paginas com circumstanciada noticia da importante festa realisada pelo internato *Gymnasio São Pedro*, dirigido pelo Sr. Dr. Aurelio Benigno de Castilho.

Tornaremos assim bem patente quão avultado foi o numero dos que n'esta capital associaram-se á idéa transcendente de prestar-se culto universal á mais legitima das glorias luzitanas.

FESTA CAMONEANA

NO

GYMNASIO S. PEDRO

A's 8 horas da noite, achando-se reunido no theatro do estabelecimento crescido numero de familias gradas e de distinctos cavalheiros, depois de executada uma brilhante peça de musica pela banda do collegio, dirigida pelo professor Lino Carvalho da Cunha e Silva, subio á tribuna o reverendissimo conego Dr. José Gonsalves Vianna, que proferio o elogio historico do poeta.

Abrilhantaram tambem a festa com discursos os professores Drs. Francisco Teixeira Peixoto d'Abreu e Lima e Alfredo Clemente Pinto.

Em seguida subiram ainda á tribuna alguns alumnos do *Gymnasio* que recitaram poesias e allocuções analogas ao acto.

Em alguns intervallos d'esta primeira parte foram executadas não só escolhidas peças do repertorio da banda, como tambem algumas a piano pelo respectivo

professor Thomaz Legori e seus discipulos Felisberto Barcellos Ferreira de Azevedo e João Baptista Ferreira de Azevedo.

Para maior realce e solemnisação houve uma segunda parte theatral com que foi terminada a festa.

Subiram á scena: La comédie française de Scribe *L'interieur d'un bureau ou la Chanson*, e a comedia portugueza *As eleições*, ambas representadas por alumnos.

Entre os cavalheiros figuravam, representando instituições, os seguintes senhores:

MEMBROS REPRESENTATIVOS

Como representantes do clero: Os Ill^mos^ Srs. Monsenhor Vicente Ferreira da Costa Pinheiro e padre Dr. Frederico Catani.

Como representante da camara municipal: O Ill^mo^ Sr. Miguel Teixeira de Carvalho.

Como representante da instrucção publica: O Ill^mo^ Sr. Dr. Fernando Abbott.

Como representante da magistratura: O Ill^mo^ Sr. Dr. Salustiano Orlando d'Araujo Costa.

Como representantes da advocacia: Os Ill^mos^ Srs. Drs. Graciano Alves d'Azambuja e Severino de Freitas Prestes.

Como representantes da medicina: Os Ill^mos^ Srs. Drs. Jayme de Almeida Couto, Manoel Martins dos Santos Penna e Luciano de Moraes Sarmento.

Como representantes da classe militar: Os Ill^mos^ Srs. General Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, Coronel

Julio Anacleto Falcão da Frota e Capitão Joaquim Sabino Pires Salgado.

Como representantes do funccionalismo publico: Os Ill.mos Srs. Major Francisco Pereira da Silva Lisboa e João Olinto de Oliveira.

Como representante da imprensa: O Ill.mo Sr. Aurelio Virissimo de Bittencourt.

Como representantes do commercio: Os Ill.mos Srs. Commendador João Baptista Ferreira de Azevedo. João Baptista da Silva Lisbôa e João Guilherme Ferreira.

Como representante da nação portugueza: O Ill.mo Sr. Consul João Baptista Tallone.

Havia uma galeria especial, ao lado do trophéo levantado a Camões. destinada ás referidas commissões.

Do centro do trophéo destacava-se o retrato do poeta desenhado á crayon pelo alumno Julio Soares de Barcellos.

O salão achava-se adornado com elegancia. sobresahindo em quadros os retratos de doze celebridades litterarias: David, Homero, Xenophonte, Solon, Pythagoras. Diogenes. Socrates. Demosthenes. Cicero. Shakespeare. Dante e Antonio Feliciano de Castilho.

O programma observado na festa conteve peças litterarias enunciadas em differentes linguas como universal tributo prestado pela sciencia philologica á gloria inexcedivel de Luiz de Camões: o que produzio no illustrado auditorio agradavel surpresa e sympathica impressão.

PROGRAMMA

PARA

COMMEMORAÇÃO DO TRI-CENTENARIO

DE

LUIZ DE CAMÕES

NO

GYMNASIO SÃO PEDRO

PRIMEIRA PARTE

I. Peça musical pela banda dos alumnos.
II. Elogio historico de Camões, pelo Conego Dr. José Gonsalves Vianna.
III. Peça musical pela mesma banda.
IV. Discurso pelo Dr. Francisco Teixeira Peixoto d'Abreu e Lima.
V. Discurso pelo Dr. Alfredo Clemente Pinto.
VI. Epigramma em latim, recitado pelo alumno João Benicio da Silva Junior.
VII. Epitaphio em inglez, recitado pelo alumno Alberto Fernandes Chaves.
VIII. Allocação em francez, pelo alumno Manoel Orphelino Tostes.
IX. Peça musical a quatro mãos pelo professor Legori e o alumno João Baptista Ferreira d'Azevedo Junior.
X. Poesia em allemão, recitada pelo alumno Bogumil Bartholomay.
XI. Poesia em portuguez, recitada pelo alumno Edmundo Gastão da Cunha.
XII. Allocução em allemão, pelo alumno João Baptista Ferreira d'Azevedo Junior.
XIII. Soneto em portuguez, pelo alumno Domingos Antonio Braga.
XIV. Peça musical a quatro mãos pelos alumnos Felisberto Barcellos Ferreira d'Azevedo e João Baptista Ferreira d'Azevedo Junior.

SEGUNDA PARTE

I. Peça musical pela banda.
II. Comédie française de Scribe *L'interieur d'un bureau* ou *la Chanson.*
III. Peça musical pelo professor Thomaz Legori.
IV. Comedia portugueza *As Eleições.*
V. Peça musical pela banda.

DISCURSOS E POESIAS

RECITADOS

NA FESTA CAMONEANA

DO

GYMNASIO S. PEDRO

Minhas senhoras, meus senhores.

Pela magnitude, rapidez e diversidade de seus acontecimentos, o seculo XVI foi sem duvida aquelle que deixou um vestigio mais claro, mais largo e mais profundo. O renascimento da civilisação antiga, assim como o descobrimento de mundos novos rasgaram então para o pensamento um horizonte mais amplo, abriram para a actividade um theatro mais vasto.

Invenções estupendas, commettimentos gigantescos, luctas atrevidas, homens extraordinarios assignalaram essa epocha, cuja historia tem todas as peripecias, todos os attractivos de um grande drama. A energia e o labor, a expansão e o genio, que tão galhardamente reinavam por toda parte, fizeram d'esse tempo um pe-

riodo singular que bem podéra chamar-se o da gestação das novas liberdades.

Foi no primeiro quartel d'esse seculo memoravel que a patria de Viriato chegou ao pinaculo da dominação, comprovando com suas immensas conquistas a vasta intuição do celebre cosmógrapho de Sagres. Na Africa o pendão das Quinas desfraldava-se nas praças de Azamor, Zafim e Almedina; na Azia o escudo dos Gamas, Albuquerques e Pachecos ostentava-se nas fortalezas de Calecut, Gôa, Malaca e Ormuz; na America o nome de Cabral immortalisava-se no imperio do diamante. Soberba monarchia, que attestava a intrepidez dos seus argonautas e parecia não dar jámais occaso ao astro do dia!

No meio d'esta grandeza maravilhosa surgio, para cumulo de gloria, o maior vulto da litteratura portugueza, o desditoso Luiz de Camões, que incontestavelmente occupou, entre as mais altas intelligencias de seu seculo, um dos mais eminentes lugares.

Coincidencia notavel! Quando lá na India abria-se o tumulo para o heróe das *navegações grandes*, ao mesmo tempo na metropole descortinava-se o berço para o genio que devia dar-lhes mais lustre, celebrando-as em sua lyra immortal.

Como outr'ora as cidades da Grecia disputavam a honra de haverem sido a patria do cantor de Achylles, assim a respeito do cantor de Gama disputáram Coimbra, Alemquer, Santarem e Lisboa. Sejam porém quaes forem as pretenções ou as conjecturas, parece que este

acaso de ignorar-se o lugar de seu nascimento torna de certo modo mais nacional a sua gloria e menos exclusiva a homenagem que lhe deve ser tributada.

Envolta em trevas ficou tambem a infancia e quasi toda a mocidade de mavioso cysne do Tejo. E' porém verosimil que na lettrada Coimbra, onde residia seu pai, elle houvesse cursado a Universidade, preparando as finissimas perolas que devião esmaltar o seu famoso poema.

Participando do movimento intellectual que a renascença das lettras despertára por toda parte, a litteratura portugueza percorria n'esse tempo o seu cyclo de ouro. Gil Vicente, o Plauto luzitano, poeta imaginoso apezar de tosco, tinha já constituido o theatro nacional, quando as linguas modernas ainda não haviam produzido comedias de fórma regular. Bernardin Ribeiro, bardo extremamente sensivel, amigo de Camões e como elle victima de um amor sem esperança, dedilhava um alaude melodioso e triste, que tanto tempo depois devia ser o modelo do auctor de *D. Branca* e merecer-lhe a justa denominação de cantor da saudade. Sá de Miranda, erudito, original e arrojado, escrevia comedias de fórma classica e canções de simplicidade incomparavel. Antonio Ferreira, cognominado o Horacio portuguez, concorria bastante para ennobrecer a lingua patria, escrevendo em estylo esmeradamente correcto. Fernão Alvares, Andrade Caminha e muitos outros talentos floresciam n'essa epocha, honrando a poesia portugueza.

Foi no meio de tão brilhante pleiade que appareceu

Camões na côrte de D. João III animada pelo espirito do generoso infante D. Luiz. O joven poeta, que apenas estreava com os seus idyllios, conquistou desde logo todas as sympathias e eclypsou em breve todos os talentos. O astro que ainda estava assomando no levante, já diffundia meridianos clarões.

Mas, como esplendida rosa que se desfolha na primeira manhã, deixando sómente pungentes espinhos, essa quadra macia e perfumada teve para o magno vate bem curta duração, terminando logo nas agruras do exilio. Catharina de Athayde, que fôra a sua primeira musa, foi tambem a mão innocente que abrio-lhe as portas do desterro. E porque? Qual a barreira que erguia-se entre elles? Talvez a alta nobreza de Nathercia. Mas que maior nobreza que a do genio, que é outorgada sómente por Deus, e não póde ser jamais chancellada como a lettra de pallido pergaminho?

Entretanto, si esse amor, que inspirou tão mimosas e tão sentidas canções, houvesse sido ditoso, talvez Camões tivesse simplesmente a reputação de Petrarcha, que fez de todo o seu estro o constante incenso de Laura; talvez Camões não produzisse jamais a sua grandiosa epopéa, justo orgulho de sua patria, que para elle foi desde então a sua mais querida musa.

Atirado assim ás plagas da Africa, procurou talvez adormentar suas magoas no estrepito das armas, combatendo na praça de Ceuta, onde recebeu no rosto o estigma de seu valor.

Volvendo depois á patria, novos amargores alli soffreu na sua breve permanencia, sem que entretanto seu talento e seu valor alcançassem o menor galardão.

Eil-o pois de novo em caminho do exilio, sulcando os mares do Oriente com o espinho da saudade cravado n'alma. Chegado ás Indias depois de longa e tormentosa navegação, alli viveu dezeseis annos, tendo sempre, como elle mesmo diz: *n'uma mão sempre a espada e na outra a penna.*

Mas que fatalidade pezava sobre o misero vate! A inveja dos seus emulos e a intriga dos poderosos de Gôa, cujos vicios a sua satyra flagellára, valeram-lhe então um brutal desterro para as costas da China.

Foi diante d'esses mares procellosos, diante d'essas paragens bravias, onde tudo lhe era extranho, que elle compoz na solidão de uma gruta a maior parte dos seus *Luziadas*. Cantando alli as grandezas da patria, sem duvida as lagrimas da saudade copiosamente rolaram pelas cordas do alaude.

Regressando á Gôa debaixo de prisão por imputações que lhe faziam, naufragou na foz do Meikong. Perdeu tudo, mas com essa temeridade que só o amor póde incutir, arrebatou ao furor das vagas as folhas do seu livro primoroso.

... o Canto ... molhado
... do naufragio triste e miserando
Dos procellosos baixos escapado,
Das fomes, dos perigos grandes ...

Uma sentença fulminada talvez pela vaidade ou

pela estupidez prepotente, ia sacrificando com essa vida tão preciosa o melhor padrão de uma litteratura, a maior gloria de uma nação. Ah! O coração chora e freme com a lembrança d'este naufragio! Mas o genio, que quasi fôra supplantado pela brutalidade, sobreviveu a tão tremendo desastre, deixando no pó do esquecimento seus malevolos perseguidores.

Com algumas intermittencias de socego, continuaram ainda depois os revezes do malfadado cantor, que entretanto não deixava de prestar seu braço ao serviço das armas. Auxiliado por alguns amigos generosos, pôde finalmente demandar as praias do Tejo, trazendo o maior thesouro que das Indias jamais viera para Portugal. Eil-o pois restituido ao

. . . . *ninho seu paterno*

depois de tão longos annos de penoso exilio.

Mas *Quantum mutatus ab illo* . . .

Não era mais o viçoso mancebo d'outr'ora; era a sua sombra que vinha projectar-se um momento sobre a campa de Catharina e esconder-se para sempre no coração da patria. As amarguras, os trabalhos e os climas haviam estragado aquella natureza ardente: a morte já adejava sobre aquella fronte sublime.

Dois annos depois de chegado á Lisboa, publicava elle o seu cantico immortal, e como recompensa de tudo, de talentos e de serviços, recebia apenas mesquinha pensão que não podia salval-o das garras da miseria. Começou então o periodo mais doloroso de sua vida. Começára tambem a epocha mais infausta de sua

nação, que acabava de vêr uma tempestade medonha destroçar na magnifica bahia do Tejo a luzida frota que pretendia arrancar a meia-lua dos minaretes de Constantinopla.

Minado pela tristeza, torturado pelas enfermidades, corroido pela fome, o desgraçado cantor passava o resto de seus dias no mais tormentoso martyrio. „Quem ouvio dizer, exclama elle, que em tão pequeno theatro, como o de um pobre leito, quizesse a fortuna representar tão grandes desventuras!"

No fundo porém d'este quadro de dôr e de penuria resaltava uma figura poetica, sympathica, enternecedora: era o escravo, ou antes o amigo, que o poeta trouxera de Java, o fiel Antonio, que percorria de noite as praças da capital esmolando para seu senhor o pão da caridade.

N'este estado lastimoso foi Camões repentinamente fulminado pela nova da desgraça que acabava de cahir tempestuosamente sobre as armas portuguezas na Mauritania. Elle agonisava com a patria, tão loucamente sacrificada pelo derradeiro descendente de D. Manoel. Nos areaes d'Africa, com o miserando desastre de Alcacer-Kebir, obumbrava-se a gloria de Portugal, e ao mesmo tempo no leito da miseria finava-se o seu primoroso cantor. „Ao menos morrerei com ella" exclamou quasi moribundo. E não lhe sobreviveu. Quando a espada do tremendo duque de Alba rompia as fronteiras por onde o sceptro do sanguinario Philippe II vinha quebrar o throno de Affonso Henriques, já não existia mais o principe dos vates da Luzitania.

Os grandes homens, diz um perfeito litterato moderno, são como os colossos do Egypto, que não podem ser bem medidos, senão depois que cahem. E toda a Historia infelizmente confirma a verdade d'esta proposição contristadora. E' que as rivalidades mesquinhas, as perseguições caprichosas procuram sempre empannar o lustre do verdadeiro merecimento. Mas o tempo, amordaçando a inveja; a posteridade, desconhecendo a intriga, vingam a victima de tão degradantes paixões, collocando-a em seu lugar de honra.

Assim é que de dia em dia glorifica-se mais e mais o nome de Camões. Elle morreu despresado de seus contemporaneos, assim como tantos outros genios; mas ergueu-se magestoso atravez dos seculos, impondo por toda parte uma admiração sempre crescente.

Foi entre os modernos o primeiro que compôz uma epopéa com perfeita regularidade e pensamento predominante, sem que a variedade e a riqueza dos episodios prejudicasse a unidade e a grandeza do assumpto; foi tambem o primeiro que fez um poema de espirito verdadeiramente moderno, celebrando, não o furor das batalhas, mas a lucta do homem contra os elementos no caminho da industria; foi sobretudo o primeiro que produzio um cantico de inspiração eminentemente patriotica, exaltando as expedições e os descobrimentos que espantosamente alargaram as fronteiras de sua nação.

Sim, os *Luziadas* é um poema soberanamente nacional; é o Pantheon dos heróes portuguezes. A acção

epica da frota que, sulcando os mares da Africa e dobrando o cabo das Tormentas, descobre as Indias, é apenas o portico do magnifico edificio, que é toda a historia de Portugal pomposamente desdobrada diante do rei de Melinde. O heróe não é o Gama, é a patria, é

... o peito illustre luzitano
A quem Neptuno e Marte obedeceram.

Este livro que é a legenda de Portugal e que por si só seria bastante para honra de uma litteratura, é tambem uma das maiores glorias da intelligencia humana, porque é obra de concepção tão arrojada, de realisação tão difficil, que ainda não teve simile. E com effeito, tomar o diario de uma navegação, ainda que a mais heroica, e convertel-o em poema, intercalando a historia inteira de um povo, sem nunca quebrar a unidade, e conservando todo o interesse de um movimento dramatico, sem ser jamais a reproducção do roteiro ou a copia da natureza morta, é realmente um prodigio de que ainda não ousou gloriar-se nenhum poeta nem antes nem depois.

Fizemos apenas um pallido esboço da vida tribulada do grande epico portuguez e lançámos um rapido olhar sobre o seu monumento grandioso, sem pararmos nem um instante diante das differentes partes, onde a cada passo encontram-se os primores que distinguiram Virgilio, Dante, Tasso e todos os talentos de mais subido quilate. Não era possivel mais em tão breve espaço, não era possivel mais ao insignificante alcance de nossas

forças. Foi simplesmente uma flôr myrrhada que desfolhou-se diante do pedestal da estatua do genio.

Quando por toda parte pomposamente celebra-se a sua memoria, não podia ficar indifferente a terra de Santa Cruz. onde seu livro está sempre nas mãos de todos aquelles que cultivam as lettras; onde a lingua que se falla é a mesma que elle tanto ennobreceu; onde o povo é naturalmente irmão e amigo do povo que elle decantou.

Conego Dr. J. Gonsalves Vianna.

Minhas senhoras e meus senhores.

Não julgueis que um mero sentimento de vaidade nos compellisse a esta tribuna para ter a subida honra de orar perante tão illustrado auditorio. Embora assaz nobre seja a ambição de occupar por alguns momentos, como orador, a preciosa attenção de tão selecta sociedade; embora tamanha honra possa ser uma justa aspiração; ella não passará de uma louca vaidade n'aquelles que não forem os Demosthenes, os Ciceros, os Mirabeaux, os Monte Alvernes ou os Vieiras.

Porém, ainda mesmo que a simples vaidade arrastasse a qualquer ao sopé da tribuna, no dia solemne de hoje, em que a patria de nossos avós se desvanece de verdadeiro e legitimo orgulho, esta vaidade, que seria quiçá desculpavel em qualquer outro homem,

tornar-se-hia entretanto condemnavel n'aquelle sobre quem peza o honroso, porém arduo, encargo de guiar com sua palavra e com seus exemplos a mocidade esperançosa, nos primeiros passos pelo caminho da illustração e do dever. O professor não póde ser vaidoso, a menos que não queira dar um triste e pernicioso exemplo a seus discipulos.

Não foi pois esse sentimento pueril que nos arastou até aos degráos d'esta tribuna, aliás já abrilhantada pelo verbo eloquente de um tão distincto collega. Desde, senhores, que o illustrado preceptor da briosa mocidade rio-grandense, o distincto director d'este estabelecimento, acudindo pressuroso ao appello do mundo civilisado que commemora o tri-centenario do fundador do idioma patrio, do immortal Camões, entendeu que não era licito ao *Gymnasio São Pedro* conservar-se indifferente a esta santa cruzada no justo preito e homenagem a tão grande vulto: nós entendemos tambem que, como professor, não nos era licito deixar de concorrer com os nossos esforços e recursos, embora fracos, para que a festa dos nossos caros discipulos attingisse á magnificencia desejada. Temos consciencia de que por modo algum valerá este nosso tentamen para o fim a que se propõe; mas, na ausencia do sagrado fogo da eloquencia, valha-nos ao menos, a par de vossa benevolencia, a legitimidade de nossas intenções, procurando despertar nos corações juvenis o culto sublime dos grandes homens.

Senhores, não pretendemos fazer aqui o panegyrico do grande e immortal epico portuguez; seria tudo

quanto podessemos dizer um pallido reflexo d'aquillo que já está escripto por tantas notabilidades do mundo litterario.

Cantar as suas esperanças illuminadas ao sol de uma juventude ditosa, repetir a historia dos seus mallogrados amores, finalmente as suas agonias de poeta nas contorsões dos braços descarnados da miseria?! Não! Tudo isto é muito conhecido, está mesmo muito lido e, por melhor que fosse a fórma com que tentassemos ornamentar a nossa exposição, não passaria por certo de um assumpto conhecido, repetido e estudado em todas as suas phases.

Queremos pois sómente encarar a aureola mais luminosa do genio de Camões. Esta aureola, ou para melhor dizer, este ponto luminoso da vida do grande poeta, como todo o fóco de luz muito intensa, não póde ser encarado pelas mediocridades que attonitas pelos raios chammejantes de tanta luz, jámais o poderiam fitar.

O mais resplandecente diadema que ornou a fronte de Camões foi no seculo XVI imprimir nos seus *Luziadas* a alma do mundo moderno, afastando-se assim de todos os seus collegas, os quinhentistas, e lançando os primeiros fundamentos da grande ambição dos seculos posteros, isto é, da nacionalisação pela communhão das tradições populares.

Quando, senhores, os eruditos, afastados da grande massa popular, escrevendo sob a inspiração de uma imaginação entorpecida pelos alfombrados cochins de sua nobresa, e, sobre tudo, educados no regimen dou-

trinario da côrte, não podiam adquirir esta virilidade moral e intellectual para concepção da epopéa de uma nação que offuscava então com seus esplendores o mundo perplexo por tamanhas glorias; quando os quinhentistas mantinham, como unico ideal, a confusão de origens ethnicas, procurando identificar Portugal com esta terra imaginaria de uma tribu Celtica, sob a acção Romana, Goda e Arabe, isto é, a Luzitania; quando, senhores, Sá de Miranda, introduzindo na litteratura portugueza a escola italiana, os seus adeptos tentaram imitar Petrarcha; quando então revelava-se o desprendimento de uma imaginação alegre achada nas oitavas de Ariosto, e por fim a questão tornara-se puramente material, para saber si se devia usar do hendecasyllabo com preterição da redondilha maior; quando finalmente a renascença italiana parecia conquistar a litteratura portugueza pelas imitações de prosadores secundarios; — foi que Camões, repellido das boas graças da nobresa ciosa, ás camadas populares e retemperando-se ahi, adquirio esta virilidade que faz a gloria das lettras e tornou os *Luziadas,* não simplesmente o poema epico de uma nacionalidade, porém sim, o fundamento solido de uma litteratura inteira de que só a posteridade agradecida soube descobrir-lhe o valor immenso!

Camões foi grande, porque peregrino não aportou ás plagas estrangeiras mendigando inspirações, porque não evocou as musas de Homero, de Virgilio ou de Petrarcha para decantar as glorias de sua patria, não precisou embellezar-se nos climas amenos da Italia,

porque as margens pittorescas do seu querido Tejo e as limpidas aguas do Mondego, evaporadas pelo calor do seu patriotismo, carregaram a sua imaginação das nuvens poeticas que, ao sopro das rimas, espargidas ficaram em sua obra monumental.

Camões foi grande, porque na sua independencia de poeta arrostou a animadversão de D. Manoel com a sua obra *O Auto d'El-Rei Seleuco*, onde allusões se encontravam ao casamento do monarcha, em terceiras nupcias, com a noiva que era destinada a seu proprio filho. Pois bem, este pretexto, para desgraça do sublime poeta, foi talvez uma das causas que actuaram para a gloria das lettras portuguezas; porque Camões atirado de chofre das sumptuosidades dos palacios que arrefecem a mente exaltada pelo sacrosanto fogo da poesia, veio retemperar-se nas camadas populares e na adversidade educar a força magna de seu engenho.

Camões foi grande, porque nacionalisou a patria com as tradições do povo. Mas, como toda a corrente impetuosa se despenha com horror, Camões rolando no plano inclinado de sua desgraça, chegou até ao terreno inhospito da miseria; e talvez sobre a enxerga de um hospital aquella alma, tão grande como a poesia que a alimentára, desprendeu-se dos zoilos que a perseguiam.

Porém, meus senhores, não accusemos por isto a nobre e generosa nação portugueza. Não! Ha corôas tão pesadas de glorias que os coevos as não podem erguer.

Tal é a corôa de Camões.

Assim é que sómente nós, a posteridade, temos a força necessaria para suspendel-a e ornar a fronte do principe das lettras patrias!

Só a nós, ao seculo XIX, cabe ainda mais uma gloria, e é a de dizer aos nossos filhos: «Mocidade! Erguei-vos e inspirai-vos alli na fronte do genio que decantou as glorias dos nossos avós!»

Francisco Teixeira Peixoto d'Abreu e Lima.

Minhas senhoras, meus senhores.

Só hoje que decorridos são tres seculos é que o mundo civilisado desperta do profundo lethargo em que jazia, e vem solver uma divida sagrada ao immortal genio de Camões!

Nem vos admire, senhores, que especialmente Portugal haja incorrido em tamanha falta. Sóe assim o mundo galardoar o merito, é essa a lei fatal a que são sujeitos os genios extraordinarios. Entre as estatuas que, no Capitolio, em Roma, mandára levantar o Senado, faltava uma — a de Catão. Iam os estrangeiros a Roma, e indagavam da causa. Essa pergunta, senhores, na phrase eloquente do orador portuguez, era a maior das estatuas que por ventura se podessem erguer a um

mortal. Ao primeiro genio de Portugal devia caber a mesma sorte; não podia elle fazer excepção d'essa lei! Como soldado, servio á patria, vibrando a espada no meio das refregas; como poeta, em cantos inimitaveis immortalisou o seu povo; e este e aquella votaram-n'o ao mais vergonhoso esquecimento.

O seculo XIX, porém, lavra o mais solemne protesto contra tamanha ingratidão, levantando um brado que retumbou do velho ao novo continente. E nós associamos agora a nossa debil voz ao pregão universal.

Poderá Portugal, poderá o Brazil, poderá o mundo inteiro levantar a Camões quantos trophéos de gloria quizerem, os quaes recordem as façanhas do guerreiro, erguer tantos monumentos quantos attestem á posteridade o inexcedivel genio do poeta de Lisboa; nenhum, porém, egualará de certo ao que elle soube erigir-se a si proprio!

Esse monumento, senhores, esse monumento que zombára da acção destruidora do tempo, e atravessará incólume as gerações vindouras; esse monumento colossal, digo, outro não é senão os *Luziadas*, a epopéa dos tempos modernos.

Portugal, o pequeno Portugal, se havia tornado uma grande nação. A abnegação, o desprendimento, o valor, o heroismo de seus filhos haviam hasteado nas mais longinquas paragens do Oriente o pendão victorioso e triumphante das quinas portuguezas. A Europa, a Asia, a Africa contemplavam assombradas esse punhado de heróes que . . .

Em perigos e guerras esforçados
Mais do que promettia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino que tanto sublimaram.

Portugal, em uma palavra, havia attingido ao apogêo de sua gloria politica. No meio, porém, de tamanha gloria, no auge de tanto esplendor faltava-lhe comtudo um Homero que, inspirado do mais ardente amor da patria, lhe cantasse os heroicos feitos em linguagem arrebatada e grandiloqua, em estylo que jamais podesse ser excedido. Sim, faltava quem lhe cingisse a fronte com os louros da corôa da gloria litteraria. Foi então justamente que surgio o Homero do moderno Portugal em nada inferior ao da antiga Grecia; um d'esses genios que quaes cometas só apparecem de seculos em seculos; um Homero que comprehende cabalmente a sua missão de cantor de uma nação de heróes, e para desempenhar-se d'ella quer elle proprio tornar-se heróe, e portanto deixa o lar, a patria e affrontando os mais graves perigos de tormentas e naufragios, vae em demanda de novos horizontes e novos climas, e empunhando o montante, lança-se no meio das refregas e conquista com o seu sangue as palmas da victoria. Sim, é lá, na Asia, n'esse vasto campo de combates e victorias, de triumphos e glorias que Camões reune os materiaes para a construcção da sua obra gigantesca. Quer elle legar á posteridade um monumento animado em que esteja esculpida a vida historica, politica, moral e social do seu povo; um quadro vivo de suas virtudes e de suas

paixões, de seus costumes e de seus usos, de suas crenças e de suas tradições. Quer elle deixar ao seu povo um espelho em que se reflictam os grandiosos feitos dos antepassados, e que lhe sirva de despertador de sua gloria e de estimulo para novos commettimentos. Sobretudo quer elle levantar um monumento que atteste a todas as epochas e a todas as gerações o seu acrisolado amor para com a patria.

D'esta gloria só fico contente
Que minha terra amei e minha gente.

Era esse o desejo que o acompanhou até á morte. Sim, amor estremecido para com a patria, guerra de exterminio aos mouros, denodo inexcedivel por mar e por terra, impressão viva da magestade de Deus em toda a natureza, o enthusiasmo pelo bello e pelo sublime, eis, senhores, os cabedaes dos *Luziadas.*

Verdade é que a ousada empreza de Vasco da Gama e seus afoutos companheiros arrostando os maiores riscos e desastres, *por mares nunca d'antes navegados*, luctando contra as sonhadas divindades pagãs, triumphando das ciladas e ardis dos povos barbaros da Africa e Asia, verdade é, digo, que tudo isto fórma o objecto principal dos cantos com que Camões ennobreceu e exaltou a sua gente.

Mas como o enthusiasmo pelos feitos patrios, ensinou-lhe a agrupar em torno d'essa empreza inaudita os commettimentos de epochas anteriores.

Camões, esse genio transcendente, vae alem de seu seculo, elle descobre as immensas riquezas que se occul-

tam n'essa veia que se chama tradição nacional. E' especialmente n'ella que o cantor de Vasco da Gama vae cavar as pedras preciosas com que esmaltava a sua obra.

Oh! que sublime não são esses numerosos episodios que prendem a attenção e arrebatam os corações! A lenda de Ourique, Egas Moniz, as tradições de Geraldo sem pavor, de Batalha de Salado, dos doze pares de Inglaterra, são outros tantos diamantes que resplandecem n'essa corôa de glorias de Camões. Ainda mais, o infeliz amante de Catharina de Athayde, o coração do qual toda a vida provára os duros golpes de um amor contrariado não podia deixar de escrever d'aquella

... misera e mesquinha
Que depois de ser morta foi rainha.

o mais sublime epitaphio n'aquellas estrophes feitas de lagrimas e fogo e que guardam e cobrem ainda como em urna sagrada a historia dos amores e do tragico fim da gentil amante de D. Pedro.

Dizei-me, senhores, haverá por ventura rasgo mais sublime de ternura? Haverá lingua humana que possa, não digo exceder, mas sequer egualar essa nenia divina? Poderá por ventura o pincel de Raphael apresentar-nos um painel mais delicado, mais commovente?

Quem ouvindo aquellas ameaças, aquella formidavel exclamação: *Eu sou aquelle occulto e grande cabo*, não se sentirá apoderado do medo e do horror que as furias do mar deviam causar n'aquellas paragens aos fortes luzos?

Mas, basta. Para que fatigar mais largo tempo a vossa attenção, repetindo as bellezas d'essa obra prima *Os Luziadas*, quando de vós todos são bem conhecidos?

E' esse em summa o monumento em que o humilde poeta de Lisboa, aquelle que *viveu pobre e miseravelmente e assim morreu*, gravou com caracteres indeleveis o seu nome. E'. esse o monumento que despertára os ciumes do cantor de *Gierusalemme Liberata!* E' esse o monumento de que Camões fez reflectir sobre o paiz que lhe servio de berço, uma aureola de gloria que eclypsou quanto a historia dos povos modernos apresenta de mais sublime nas idéas, de mais heroico na moral, de mais bello na natureza. E' esse monumento um echo immortal que repercutirá por toda a parte e a todas as gerações attestará a gloria d'esses heróes

em quem poder não teve a morte.

Poderá desapparecer da face da terra a nação portugueza com todas as suas instituições, com as suas tradições, com os seus costumes e com a sua lingua, mas ahi estará esse monumento que escapa á inveja e ao vigor do tempo, para fallar bem alto em pról da sua indole, de sua importancia na historia da humanidade, do grau de consciencia nacional a que attingira, e tambem para mostrar-nos que a lingua nossa, *filha primogenita da latina*, em epocha alguma foi mais bem fallada, nem mais bem escripta.

A tua voz, Camões, não emmudecerá jamais! O teu poema será em todos os tempos o hymno mais

glorioso do teu povo; e sobretudo será elle a manifestação mais esplendida do grande amor que dedicavas á patria!

Dr. Alfredo Clemente Pinto.

An Camões.

Vorgetragen vom Schüler **Bogumil Bartholomay.**

Camões, Camões! Du wunderbarer Laut,
Du Feuerstrahl von Phöbus' Gluthenwagen,
Wem hättest Du die Seele nicht erbaut
Mit Deiner Lusitanen Heldensagen!
Wer hätte wie berauscht nicht hingeschaut,
Wenn Deine Götter, von der Fluth getragen,
In alter Pracht Poseidons Haus belebten,
Und Deine Nymphen auf den Wellen schwebten!

Wer sah nicht staunend Deinen Gama fliegen
Mit seinem Volke zu den fernen Inden,
Mit Göttern und mit Menschen muthig kriegen,
Und Beide — Menschen, Götter — überwinden!
So mußten Deine Lusiaden siegen
Und jenen Weg zum fernen Ganges finden
Auf Meeren, die noch nie ein Segel theilte
Und wo der alten Götterpracht noch weilte!

Wie läßt Du Deine Kriegstrompeten schmettern,
Wie Deine Trommelwirbel dröhnend rollen!
Wie tobt die Fluth an Deiner Schiffe Brettern,
Wie läßt Du den Orkan im Meere tollen!
Wie tagt Dein Morgen hold nach wilden Wettern,
Wenn Donner ferne schon und Stürme grollen!
O, welch ein wunderbares reiches Leben
Verstandest Du dem Land und Meer zu geben!

Und nun, Camões, was soll ich weiter sagen,
Wenn Deine Laute singt vom Menschenherzen!
Wie tönen Deiner Ines süße Klagen
Im Sterben noch nach süßer Liebe Scherzen!
Wie weint die Mädschenschaar in späten Tagen
Dort am Mondego noch in bittern Schmerzen!
Sie kommt noch heut zur Zeit des Blüthenflores
Und feiert fromm noch heut den Ort Amores!

Ein Streiter Du, wie Keiner je gestritten,
Ein Sänger Du, wie Keiner je gesungen!
O Gott, was hast Du Streiter doch gelitten,
Mit welcher Noth hast Sänger Du gerungen!
Ein treuer Neger mußte für Dich bitten;
Und als Dein Elend war zum Hof gedrungen,
Ließ Dich Dein Fürst auf Stroh nach Speise lungern,
Ließ Dich Dein Lusitanenvolk verhungern!

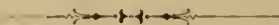
Und spurlos, ehrlos ist Dein Fürst verschwunden,
Und spurlos würde auch Dein Volk verschwinden,

Wenn nicht Dein Heldensang zu allen Stunden
Ihm ewig würde frischen Lorbeer winden!
So lange Mannesadel wird gefunden,
So lange Frauenliebe wird sich finden,
So lange geht, Camões, von Mund zu Munde
Von Deinen Lusiaden auch die Kunde!

(Marineepos Anson, S. 182.)

Com o intelligente concurso dos Srs. Christiano Kraemer e Damasceno Vieira, obtivemos que esta bella poesia fosse trasladada para o portuguez, incumbindo-se o primeiro da escrupulosa traducção e o segundo da disposição d'ella tambem em verso.

Por esse trabalho, notavel pelo vigor e magestade do pensamento, póde-se avaliar o culto que a Allemanha consagra ao primeiro epico dos tempos modernos.

Apezar da profunda differença de linguas, os *Luziadas* são alli considerados pelos melhores homens de lettras e inspiram cantos, como esse de Anson, que pelo seu enthusiasmo mais parece uma apothéose nacional levantada pela lyra de um grande poeta portuguez, do que uma apologia de escriptor extranho.

TRADUCÇÃO

Camões, Camões! O' echo sonoroso!
Raio vibrado pelo carro ardente
De Phebo! Que alma não se extasiára
Com as lendas heroicas de teus luzos!
Quem não contempla absorto, fascinado.
Teus deuses. arrastados na corrente.
Habitando esse Imperio de Neptuno
E as tuas nymphas a boiar nas ondas!

Quem com pasmo não vê teu Gama alar-se
Com seus nautas ás Indias tão remotas.
Combater contra os deuses. contra os homens.
E vencer tanto os homens como os deuses!
Assim venceu tambem tua epopéa.
Descobrindo o caminho para o Ganges
Por mares nunca d'antes navegados.
E habitados por deuses fabulosos!

Como tu fazes resoar as tubas
Bellicosas e rufas os tambores!
Como brame a tormenta contra as náos
E como o furacão revolve os mares!
Como desenhas bella a madrugada.
Apoz terrivel temporal desfeito!
Quanta vida e belleza tu soubeste
Dar ao mar, dar á terra com teus cantos!

Ah! De que fórma exprimirei meu pasmo
Quando tu cantas as paixões humanas?
Quão doces são de Ignez as tristes queixas
Ao morrer — inda amores suspirando!
Como vertem depois saudosos prantos
As nymphas pelas praias do Mondego!
Ellas ind'hoje na estação florída
Vem celebrar a *Gruta dos Amores!*

Foste um batalhador incomparavel!
Cantaste como alguem jamais deu cantos!
Porque como soldado assaz luctaste?
Porque como cantor tanto soffreste?
Esmolou para ti um fiel escravo,
E sabedora a côrte de teus males,
Deixou-te o rei a mendigar na enxerga!
Deixou-te o povo succumbir á fome!

Mas teu rei sem vestigios abysmou-se!
Sem vestigios teu povo se escoára,
Se teu canto sublime, a cada instante,
Não lhe désse de louros novas c'rôas!
Em quanto houver a varonil nobreza,
E que amor feminil tiver um culto,
O' Camões! os teus versos sonorosos
Passarão ao porvir de bocca em bocca!

EPIGRAMMA

RECITADO PELO ALUMNO **JOÃO BENICIO DA SILVA JUNIOR**

Ense simul calamoque auxit tibi, Lysia, famam;
Unam nobilitant Mars et Apollo manum.
Sic bene de patria meruit. dum fulminat ense,
At plus dum calamo bellica facta refert.
Hunc Itali, Galli, Hispani vertere poetam
Quaelibet hunc vellet terra vocare suum,
Vertere fas, aequare nefas; aequabilis uni
Est sibi: par nemo; nemo secunduns erit.

TRADUCÇÃO

Com a espada e a penna engrandeceu elle, ó lusa gente, a tua fama.

A' porfia nobilitam-lhe a mão Marte e Apollo.

Merece bem da patria quando vibra a espada, e muito mais quando lhe narra os heroicos feitos.

Os Italianos, os Francezes, os Hespanhóes traduzem-n'o; cada nação deseja chamal-o seu.

Póde ser traduzido, egualado nunca. Elle é egual só a si proprio, competidor não tem: não tem segundo.

Vortrag

gehalten vom Schüler João Baptista Ferreira de Azevedo Junior

Unsterblicher Camões! Wenn wir die Festlichkeiten sehen, die Dir zu Ehren gegeben werden, wenn wir gewahr werden, wie Deine Werke in fast allen lebenden Sprachen gelesen, wenn wir sehen, wie Dein Bild in allen Ländern neben denen der größten Dichter prangt, und Dein Vaterland Dir Ehrensäulen setzt, dann müssen wir uns wohl fragen, wie glänzend magst Du schon bei Lebzeiten gefeiert worden sein, wie mögen Deine Mitbürger gegeizt haben, um die Ehre, Dir zu dienen; wie mag Dein König Dich geehrt haben vor allen Großen.

Aber nein, auch Du bist einer von Denen, die erst nach ihrem Tod geschätzt werden; auch Du bist unter Denjenigen, die trotz ihres außerordentlichen Geistes wie ein Bettler leben mußten.

Unglücklich in Deiner Liebe wie Torquato Tasso, suchtest Du durch's Schwert zu erkämpfen, was Dir durch den Geist nicht gelingen wollte; unübertroffen als Dichter (ein Homer Deines Volkes) warst Du gleich groß als Kämpfer für Dein Vaterland, aber ebenso wie als Sänger, hast Du auch als Streiter nichts als Undank geerntet und mit Bitterkeit im Herzen gingst Du aus dieser Welt. Doch wenn es Dir vergönnt wäre, heute auf Dein Geschlecht hernieder zu schauen; wenn es Dir beschieden wäre zu sehen, wie Du in Deinem Vaterland vergöttert wirst; zu sehen, wie die Völker der neuen Welt (deren Größe Du nur ahntest) mit denen der alten Welt wetteifern, Dich zu ehren, wenn es Dir gegeben wäre, die ganze

Saat des Großen, Edlen und Herrlichen zu übersehen, die Deine Lieder hervorriefen, dann, glorreicher Camões, würdest Du, ausgesöhnt mit uns, die Zeit segnen, wo es Dir vergönnt war, Unsterblichkeit zu erringen.

TRADUCÇÃO

Immortal Camões! Quando assistimos ás solemnidades que em tua honra se celebram; quando lemos as tuas obras vertidas em quasi todos os idiomas do orbe; quando em todos os paizes contemplamos ostentar-se a tua imagem ao lado dos quadros dos mais celebres poetas; quando emfim vemos a tua patria mandar levantar ao teu genio estatuas honrosas; como que somos levados a perguntar a nós mesmos quão festejado não terias tu sido em vida! Como os teus contemporaneos não se afanariam por te honrarem! Como d'entre os grandes do reino, não teria o teu rei te distinguido!

Tu, porém. Camões, és um d'aquelles que só depois de mortos foram apreciados; és do numero d'aquelles, que apezar de seu genio extraordinario, foram condemnados a viver quaes mendigos!

Infeliz no amor, como Torquato Tasso, procuraste grangear com a espada o que te não fôra possivel alcançar com o talento. Inexcedivel como poeta (pois és o Homéro do teu povo), foste grande guerreiro luctando em pról da patria idolatrada. E ao poeta bem como ao guerreiro, não coube em sorte senão a ingratidão; e com a amargura no coração, desceste á sepul-

tura. Se te fôra dado, porém, contemplar do alto a moderna geração; se podesses receber as homenagens que a tua patria te tributa e vêr como as nações do Novo Mundo, cujo valor só tu podeste vaticinar, rivalisando com as do velho continente, proclamam a tua grandesa: se podéras admirar a riquissima messe de quanto de grande, de nobre, de sublime próduziram os teus immortaes cantos; então, Camões, reconciliado comnosco, abençoarias a epocha em que te foi dado conquistar a immortalidade!

SONETO

recitado pelo alumno **Domingos Antonio Braga**

Já o grão poder da lusa monarchia,
Depois de haver mil glorias alcançado,
Se tinha pouco e pouco transformado
N'um pállido clarão qu'esmorecia.

De Portugal a estrella emfim cumpria
Nos lybicos areaes seu triste fado!...
Um sceptro alli ficava espedaçado,
Alli um grande esforço succumbia!

Mas ao vêr tanta gloria decahida,
Tanto louro no pó da sepultura,
Tanta grandeza ao nada reduzida:

«Não! — disse Camões — da noite escura
Quero arrancar-te, ó patria, resurgida
Ao canto qu'immortal vida te augura!»

Bernardo Taveira Junior.

Ao fechar este volume, a commissão agradece com muita especialidade:

Aos Ex^mos^ Srs. senador Henrique Francisco d'Avila, então presidente da provincia, general-commandante das armas, Frederico Augusto de Mesquita e director da Escola Militar brigadeiro Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, pelo interesse official e particular que manifestaram em favor das festas;

A' illustrada imprensa diaria e periodica pelo seu bello e espontaneo concurso intellectual, noticiando sempre de fórma lisongeira os trabalhos da commissão, e nomeadamente á provecta *Gazeta de Porto Alegre;*

Ao Ill^mo^ Sr. Ignacio de Vasconcellos Ferreira, por ter tido a delicadeza de ceder graciosamente o theatro *São Pedro*, onde foi celebrada a festa;

Aos professores D. Questa Rodelli, José Stott, Luiz Grünewald e Luiz Roberti pelo seu incançavel zelo em ensaiar e dirigir córos e orchestra;

Ao digno director do Arsenal de Guerra, Coronel Julio Anacleto Falcão da Frota, por ter proporcionado á commissão não só todos os accessorios necessarios para o adorno da tenda de guerra em que foi transfor-

mado o palco do theatro *São Pedro*, como tambem a banda de musica do mesmo Arsenal;

Ao Sr. José Antonio da Cunha Guimarães pela notavel actividade que desenvolveu, dirigindo todos os trabalhos de ornamentação do theatro, executando elle proprio muitos d'esses trabalhos, demonstrando em tudo intelligencia alliada a bom gosto;

Ao illustrado director do internato *Gymnasio São Pedro*, Ill.mo Sr. Dr. Aurelio Benigno de Castilho, pelo cavalheirismo com que acccedeu aos desejos da commissão em tornar publica a festa camoneana realisada n'aquelle estabelecimento, fornecendo para este livro algumas producções de levantado merito que alli foram exhibidas;

Finalmente, ao distincto poeta Sr. Damasceno Vieira por ter acceitado e cumprido a tarefa de dirigir e revisar a impressão d'este livro, prestando-se egualmente a honral-o com um prefacio.

Em conclusão: juntando a estas paginas o balancete das quantias auferidas e das despezas realisadas, a commissão crê cumprir lealmente o encargo que sobre si tomou.

FIM

RECEITA E DESPEZA

Occasionadas pelas festas camoneanas em Porto Alegre

DONATIVOS

Commendador João Baptista Ferreira de Azevedo	300$000	Rs.
Manoel José Gonsalves, junior	200$000	-
Commendador Francisco José de Almeida	150$000	-
Achylles Porto Alegre	100$000	-
Antonio Domingues	100$000	-
Tenente-Coronel Joaquim Antonio Vasques	100$000	-
Tenente-Coronel José Manoel de Leão	100$000	-
J. F. Breyer	70$000	-
João Canabarro	70$000	-
Joaquim Gonçalves Chaves	70$000	-
Dr. Arsenio Gonsalves Marques	70$000	-
Dr. Fausto de Freitas e Castro	60$000	-
Francisco José Velloso	60$000	-
Dr. Manoel José de Campos	60$000	-
Candido Antonio Lopes	60$000	-
Candido Pitta Pinheiro	60$000	-
Francisco José Vieira	60$000	-
Ernesto Benecke	60$000	-
Roberto Jacobi	60$000	-
A. Archer	60$000	-
C. de la Grange	60$000	-
	1:930$000	Rs.

Transporte	1:930$000	Rs.
João Pitta Pinheiro	60$000	-
Major José Antonio Rodrigues Ferreira	60$000	-
Manoel Jacintho Dias	60$000	-
José Pereira de Barbedo	60$000	-
Manoel Pinheiro da Rocha	60$000	-
José da Silva Mello Guimarães	60$000	-
Jorge Pfeiffer	60$000	-
Dr. Ricardo Heinzelmann	50$000	-
Fidelis Alves Ferraz	50$000	-
J. J. da Silva Cinco Paus	50$000	-
Boaventura A. dos Reis	50$000	-
Albino Alves Teixeira	50$000	-
D. Maria Francisca Pereira da Rosa	50$000	-
Felisberto do Nascimento Pereira	50$000	-
Manoel José Vieira	50$000	-
Alfredo Chaves	50$000	-
Joaquim Antonio Dias Campos	50$000	-
José Maria de Sampaio Ribeiro	50$000	-
Manoel Servulo d'Almeida	50$000	-
Frederico Haensel	50$000	-
Antonio Corrêa de Souza Peixoto	50$000	-
Dr. Salustiano Orlando d'Araujo Costa	50$000	-
Antonio Joaquim Carvalho Bastos	30$000	-
Joaquim F. d'Oliveira Paula	30$000	-
Domingos Antonio Ramalho	30$000	-
Joaquim José de Mattos	30$000	-
Pedro Nolasco Pereira da Cunha	30$000	-
Frederico H. Jaeger	30$000	-
Francisco José de Faria	30$000	-
Bento José Ribeiro	30$000	-
Nicolau Vicente Pereira	30$000	-
João Baptista da Silva Lisboa	30$000	-
João Antonio da Rosa	30$000	-
Vicente José Pinto	30$000	-
João Baptista Pimenta	30$000	-
Alberto Ribeiro Alvares	30$000	-
Antonio Pereira Alves de Brito	30$000	-
	3:550$000	Rs.

Transporte	3:550$000	Rs.
Theodoro Grünewald	25$000	-
José Antonio da Silva Torres	20$000	-
Francisco Gonçalves Carneiro	20$000	-
João Ribeiro Henriques	20$000	-
Gabriel Alves de Azambuja	20$000	-
Dr. Joaquim Pedro Soares	20$000	-
Marcos H. da Costa	15$000	-
136 donativos de 10$000 rs. cada um	1:360$000	-
Sommam os donativos	5:050$000	Rs.
Producto de varios objectos que serviram na decoração do theatro vendidos a Carlos Gœden	200$000	Rs.
Total da receita	5:250$000	Rs.

DESPEZA

Decoração, assoalhamento e mais arranjos internos do theatro

Conta paga a Obst & Comp.	64$400	Rs.
- - - Gundlach & Comp.	32$000	-
- - - A. Santos Rocha	90$640	-
- - - Mme. Debise	100$000	-
- - - Nogueira de Carvalho & Comp.	167$140	
- - - Augusto M. da Silva	106$400	-
- - - A. J. Pereira Junior.	47$420	-
- - - Felizardo & Comp.	372$890	-
- - - Fulvio Piacenza	450$000	-
- - - Carlos Gœden	420$000	-
- - - J. A. da Rosa & Filho	28$500	-
- - - Balduino Rœhrig	150$000	-
- - - Ant. Pereira Maciel.	372$650	-
- - - Frederico Nielsen	42$000	-
- - - Kuhn & Duval	59$000	-
- - - João Heinz	72$760	-
- - - Egydio Reis	34$000	-
- - - Albano Pereira & Ca.	42$000	-
- - - Thomsen & Comp.	100$000	-
	2:751$800	Rs.

Transporte	2:751$800 Rs.	
- - - Manoel da Rocha...	25$000 -	
- - - Angelo I de Barcellos	491$000 -	
- - - João Bastos........	165$000 -	
- - - D. Maria J. da Cunha	20$000 -	
- - - Viuva Obino........	47$000 -	
Feitio de costuras................	100$000 -	3:599$800 Rs.

Brindes aos professores D. Thereza Rondeli, José Stott, Luiz Grünewald e Luiz Roberti

Conta paga a J. A. da Rosa & Filho	25$000 -	
- - - Luiz Leseigneur....	22$000 -	
- - - Moys. Aaron & Comp.	120$000 -	
- - - Silva Cotta & Comp. (Rio de Janeiro)..	277$000 -	444$000 Rs.

Parte musical

Conta paga a Carlos Pinto.......	40$000 Rs.	
- - - Paulino Calasans...	12$500 -	
- - - Lourenço F. da Cunha	214$100 -	
Gratificação a Luiz Roberti.......	100$000 -	
Dita a outros executantes.........	400$000 -	
Aluguel do salão para os ensaios..	100$000 -	866$600 Rs.

Illuminação

Conta paga á Companhia de Gaz..	450$000 Rs.	
- - - Schmidt...........	35$000 -	
- - - Reys, Reuter & Comp.	92$600 -	577$600 Rs.

Baile

Conta paga a Thomaz F. da Silva	493$500 Rs.	
- - - Macedo & Azevedo..	203$470 -	
- - - J. J. de Mendanha..	130$000 -	
- - - Fonseca & Oliveira..	43$900 -	
- - - Eneas Tavora.......	12$500 -	883$370 Rs.
		6:371$370 Rs.

		Transporte	6:371$370 Rs.

Publicação de annuncios, impressão de circulares, diplomas e cartões de ingresso

Conta paga á *Gazeta de Porto Alegre*	22$000	Rs.	
- - - *Reforma*...........	14$000	-	
- - ao *Jornal do Commercio*	18$000	-	
- - á *Deutsche Zeitung*...	56$000	-	
- - - Alves Leite Succ.res	145$000	-	255$000 Rs.

Diversas despezas

Despezas feitas por J. A. da Cunha Guimarães....................	291$640	Rs.	
Porteiros e bilheteiros...........	149$000	-	
Carretos..................... ..	123$800	-	
Serventes e trabalhadores.........	175$400	-	
Expedição de telegrammas..... ..	36$000	-	
Aluguel de carros................	48$000	-	
Conta do fogueteiro M. Nunes do Nascimento....................	40$000	-	863$840 Rs.
Somma a despeza			7:490$210 Rs.
- - receita			5:250$000 -
Deficit provisorio			2:240$210 Rs.

Producto provavel d'este livro

600 exemplares..................	a 6$000 Rs.	3:600$000 Rs.

A deduzir

Custo da impressão, brochamento, etc.	1:580$000	Rs.	
Importe de 60 exemplares destinados para offertas..................	360$000	-	1:940$000 -
		Saldo	1:660$000 Rs.

Balanço final

Deficit provisorio............................	2:240$210 Rs.
Saldo do livro............................	1:660$000 -
Deficit definitivo a cargo da commissão.........	580$210 Rs.

INDICE

OFFERTAS DE EXEMPLARES

(NUMERADOS)

1. Ao Archivo da Torre do Tombo.
2. A' Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.
3. Ao Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro.
4. A' Bibliotheca Nacional de Lisboa.
5. Ao Instituto Historico e Geographico do Brazil.
6. A' Bibliotheca Publica do Porto.
7. A' Bibliotheca da Faculdade de Direito de S. Paulo.
8. A' Academia Real das Sciencias de Lisboa.
9. Ao Visconde de Juromenha.
10. Ao Gabinete Portuguez de Leitura de Pernambuco.
11. Ao Gabinete Portuguez de Leitura da Bahia.
12. Ao Gabinete Portuguez de Leitura de Belém.
13. Ao Lyceu Litterario Portuguez.
14. Ao Retiro Litterario Portuguez.
15. A' Bibliotheca Publica de Porto Alegre.
16. A' Bibliotheca Publica Pelotense.
17. A' Bibliotheca Rio-Grandense.

18. A Theophilo Braga.
19. Ao Dr. Aurelio Benigno de Castilho.
20. Ao Dr. Affonso Celso, junior.
21. Ao Dr. Fausto de Freitas e Castro.
22. Ao Dr. Severino de Freitas Prestes.
23. Ao Dr. Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo.
24. A Manoel Jose Gonsalves, junior.
25. A Jose da Silva Mello Guimarães.
26. A João Baptista Ferreira de Azevedo.
27. A Jose Manoel de Leão.
28. A Carlos von Koseritz.
29. A Francisco Jose de Almeida.
30. A Joaquim Antonio Vasques.
31. A Achylles Porto Alegre.
32. A Antonio Corrêa de Souza Peixoto.
33. A Jose Antonio da Cunha Guimarães.
34. A Jose da Silva Mendes Leal.
35. A Ramalho Ortigão.
36. A Damasceno Vieira.

(SOBRESCRIPTADOS)

24 exemplares aos principaes orgãos de publicidade do Brazil e Portugal.